UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURAS E ESPACIALIDADES

EDINAILSON PASSOS DOS SANTOS

LETRADOS À RIBEIRA:

SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES NA GRANJA DO FINAL DO SÉCULO XIX (1880 – 1897).

FORTALEZA – CEARÁ

2023

EDINAILSON PASSOS DOS SANTOS

LETRADOS À RIBEIRA:

SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES NA GRANJA DO FINAL DO SÉCULO XIX (1880 – 1897).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de Concentração: História, Culturas e Espacialidades.

Orientador: Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso

FORTALEZA – CEARÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Santos, Edinailson Passos dos.
Letrados à Ribeira: sociabilidades e sensibilidades na Granja do final do século XIX (1880 1897) [recurso eletrônico] / EdinailsonPassos dos Santos. - 2023.
143 f. : il.

Dissertação (MESTRADO ACADÊMICO) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico Em História, Culturas E Espacialidades, Fortaleza,2023.
Orientação: Prof. Pós-Dr. Gleudson Passos Cardoso.
1. Práticas Letradas. 2. Sociabilidades. 3. Sensibilidades. 4. Granja-Ceará. I. Título.

EDINAILSON PASSOS DOS SANTOS

LETRADOS À RIBEIRA:
SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES NA GRANJA DO FINAL DO SÉCULO XIX
(1880 – 1897).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de Concentração: História, Culturas e Espacialidades.

Aprovada em: 13 de março de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Francisco Dênis Melo (Examinador Externo)
Universidade Vale do Acaraú (UEVA)

Profa. Dra. Valéria Aparecida Alves (Examinadora Interna)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Zilda Maria Menezes Lima (Suplente)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À cidade de **Granja**

Ao grande amor da minha vida, **Humberto Lotero**, meu doce e aventureiro amigo, meu filho.

AGRADECIMENTOS

À minha Ytamara Veras, por todo apoio e amor, o que é a mesma coisa;
Aos meus pais, Joaquim (*in memoriam*) e Maria; aos meus irmãos, Antônio e Janaina, e aos meus sobrinhos, Lara e Levi, os duos cabalísticos da minha vida;
Ao meu orientador, Gleudson Passos, por toda generosidade intelectual e por dizer que daria certo, e acertar;
À banca examinadora: meu querido Dênis Melo, orientador da graduação, e à professora Valéria Alves, que estiveram comigo na qualificação, na defesa e em outros momentos importantes da minha vida acadêmica. Bem como ao professor Tito Barros Leal que muito contribuiu no exame de qualificação;
Ao Programa (PPGHCE) e seus docentes;
Aos colegas de mestrado, em especial a Taynara dos Anjos, a quem devo os momentos mais divertidos da jornada. Aprendemos bastante juntos, mesmo passando por alguns vexames antes. *C'est la vie*!;
A Everton de Oliveira, um dos grandes historiadores da Granja, a quem devo tanto da minha pesquisa;
Ao irmão Das Chagas Gonçalves, o grande genealogista da Granja, por todas as contribuições;
A Maria Ximenes, Fábia Beviláqua e Maryane Veras, por razões diferentes e diversas;
Ao IFCE-Campus Camocim, pela licença que me proporcionou tempo para esta pesquisa, às colegas Maria Helena e Val Nogueira, que seguraram as pontas, além de Gilson Cordeiro, que é meu amigo ante o fato de ser meu chefe.

Com a gratidão que posso, tenho e reconheço.

“Sabe, existe um lugar onde estão reunidas todas as pessoas de grande potencial. Esse lugar é o cemitério. As pessoas me perguntam o tempo todo, “que tipo de história você quer contar [...]?”, e eu digo: “exumem esses corpos”. “Exumem essas histórias”. As histórias das pessoas que sonharam grande e nunca viram seus sonhos se realizarem. Pessoas que se apaixonaram e perderam. Eu me tornei um artista – e graças a Deus me tornei – porque temos a única profissão que celebra o que é viver uma vida.”

Viola Davis, Oscar de 2017.

RESUMO

Este trabalho estuda agentes letrados da cidade de Granja, no sertão cearense, enquanto grupo social, identificando sua formação, ação e dissolução ao produzir jornais e literatura no final do século XIX. Oriundos, em grande parte, da escola noturna do Gabinete Granjense de Leitura (1880-1882), o grupo não chegou a se organizar como agremiação formalizada, mas manteve vínculos, unido por afetos e pelas práticas letradas. A baliza temporal se estabeleceu entre a fundação do Gabinete e a publicação do livro *Dolentes* (1897), de Lívio Barreto. A obra, neste trabalho, é percebida como um testemunho da relação dentro do grupo e de sua intersecção com outros círculos intelectuais, como a Padaria Espiritual (1892-1898). A intenção é reconstituir as redes de sociabilidades e se aproximar das sensibilidades que envolveram aqueles sujeitos. Para subsidiar a proposta, analisaram-se as produções literárias, os escritos íntimos, as correspondências, os periódicos e as trajetórias dos agentes daquela geração. Ao reconstituir esse microcosmo, contribui-se, por fim, para refinar a compreensão de uma história cultural cearense.

Palavras-chave: Práticas Letradas. Sociabilidades. Sensibilidades. Granja-Ceará.

ABSTRACT

This work studies literate agents from Granja village, in the Ceará hinterland, as a social group, identifying its foundation, acting, and dissolution when producing newspapers and literature at the end of the 19th century. Originating mostly from the night school of the Gabinete Granjense de Leitura (1880-1882), the group has not been organized as a formalized association; nevertheless, it maintained links united by affections and literate practices. The temporal mark was established between the foundation of the Gabinete and the publication of the book *Dolentes* (1897), by Lívio Barreto. The book, in this work, has been perceived as a testimony of the relationship within the group and its intersection with other intellectual circles, such as the Padaria Espiritual (1892-1898). The intention is to reconstitute the sociability networks and approach the sensibilities that have been involved in those subjects. As a subsidy of the proposal, it has been analyzed literary productions, intimate writings, correspondences, periodicals, and the agents' trajectories of that generation. Reconstituting this microcosm finally contributes to refining the understanding of a Ceará cultural history.

Keywords: Literate Practices. Sociability. Sensitivities. Granja-Ceará.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planta da cidade de Granja no final do século XIX 18
Figura 2 - Sobrado do Cel. Salustiano Moreira. Em primeiro plano, a ponte que substituiu a de madeira sobre o Riacho Belo. 25
Figura 3 - Casa de Carvalho Motta, na Rua do Azevedo. Depois casa e Firma Ignácio Xavier & Cia. 26
Figura 4 - Jornal Granjense (1880-1881). 35
Figura 5 - Bandeira do Município de Granja 50
Figura 6 - Folhas "rivais" *A Luz* (1892) e *O Batel* (1892) 60
Figura 7 - Circuito de comunicação de Granja com cidades circunvizinhas (1887-1894) 64
Figura 8 - *A Reforma*, ao último jornal do grupo. 65
Figura 9 - Capa do álbum de Luiz Felipe de Oliveira 93
Figura 10 - Transcrição do poema *Occasos* no álbum 103

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	11
2	**"QUANDO O SOL RASGA A BRUMA DA ALVORADA": PERCEPÇÃO DO ESPAÇO E A EMERGÊNCIA DE NOVAS PRÁTICAS LETRADAS**	16
2.1	**"Entre as brisas do mar e o fogo do deserto": Granja no final do século XIX**	16
2.2	**"E marcha na vanguarda do progresso": a organização da cidade letrada**	28
2.3	**"Uma virgem de mármore dormindo": o curso popular do Gabinete e os discursos sobre sua geração.**	38
2.3.1	O curso noturno do Gabinete	40
2.3.2	A Geração da Escola do Gabinete	45
3	**ENTRE A PENA, O BALCÃO E O ESQUECIMENTO**	51
3.1	**A conquista do protagonismo impresso:** jornais e sociabilidades	51
3.2	**Letrados ao balcão: os rapazes do comércio ou a ascensão social de Luiz Felipe de Oliveira**	67
3.3	**Letrados ao norte: a saída da cidade ou o desaparecimento de Antônio Raulino**	77
4	**"NOS MICROSSULCOS DO ÍNTIMO DO ESPÍRITO": SENSIBILIDADES NAS PRODUÇÕES ESCRITAS**	84
4.1	**O registro da amizade**	84
4.2	**Amizade nos jornais**	87
4.3	**Amizade no álbum de Luiz Felipe (1888 a 1892)**	92
4.4	**Amizade nas dedicatórias do livro *Dolentes* (1897)**	105
4.4.1	Círculo de amigos da Granja	108
4.4.2	Círculo de amigos de Fortaleza	114
4.5	**"Perante o tribunal do público": lançamento e recepção do *Dolentes***	124
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	133
	REFERÊNCIAS	134
	APÊNDICE A – ARQUIVOS CONSULTADOS E FONTES MANUSEADAS	142

1 INTRODUÇÃO

> Granja, minha terra,
> Pra cantar-te o meu amor,
> Não me fiz poeta... sonhador!
> Não me fiz um saudosista.
> Fiz-me um rio!
> [...]
> Sou apenas o Rio Granja,
> Que nasce e desagua em mim,
> Com segredos de paixão!
> Que circula em minhas veias...
> Minhas veias são seu leito,
> Com barragem no meu peito
> A transbordar-me o coração!
> [...][1]

Ao tomar as indicações do poema, na trama que se desenrolará a seguir, não nos fizemos poeta ou saudosista. Embora, no decorrer da narrativa, beiramos o limiar entre a arte e os fatos, sem nos esforçarmos em esconder nosso amor por uma cidade. Essa pequena explanação serve para evidenciar que sabemos o nosso lugar histórico e social de escrita. Seremos atentos ao rigor científico que o ofício de historiador exige, propondo sermos um rio, que dá tudo que tem e ainda assim busca, inutilmente, a perenidade. No entanto, sabemos que aqui não haverá qualquer proposição inquestionável.

Letrados à Ribeira tanto localiza quanto identifica. Este estudo trata de um grupo de homens que viveu à margem do rio Coreaú, sertão cearense. Procuramos nele, por meio de análises das práticas letradas, perceber as sociabilidades e sensibilidades que envolveram aqueles agentes nas duas últimas décadas do século XIX em Granja.

A pesquisa se enquadra na esfera da abordagem da *História Cultural*, na vertente que relaciona *História, Literatura* e *Imprensa*, já que procuramos decifrar o passado através da produção relativa à cultura, no caso, a literatura e a imprensa, assim como estudar a sociedade como um todo, enfatizando suas pluralidades culturais.

Dentro do universo da História Cultural, as noções que se atrelam mais habitualmente à de "cultura" são as de "linguagem", "representações" e de "práticas", como explica José D'Assunção Barros[2]. Assim entendendo, e considerando a pretensão do estudo com as experiências de sujeitos letrados, a proposta se enquadra na linha de pesquisa *Linguagens, Narrativas e Subjetividades*, do atual programa de mestrado acadêmico em

[1] MAGALHÃES, Pedro. *Réstias de Sonho*: poesias. Granja: [*s. n.*], 1994, p. 32.
[2] BARROS, José D'Assunção. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos (On-line), v. 9, n.1, p. 125-141, 2005. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422 Acesso em: 31 dez. 2022.

História (PPGHCE). Ao aceitarmos as linguagens como balizadoras de sociedades e culturas, apreendemos no mundo dessas narrativas, se assim o pesquisador desejar, sensibilidades, emoções e sentimentos que os homens experimentaram e viveram num outro tempo[3].

As *práticas*, às quais nos referimos, são àquelas classificadas como letradas, que norteiam o nosso objetivo. Empregamos o conceito de *práticas letradas* de Gleudson Passos Cardoso, que em seus estudos aparecem como aquelas do cotidiano, feitas a favor das letras e letramento, da difusão da escrita através de textos impressos, dos debates, das polêmicas de ideias e do sacramento do conhecimento letrado[4].

Logo, as conexões dos personagens pesquisados exigiram o emprego de outro conceito, o de *sociabilidade*, aplicado pelo entendimento do francês Jean-François Sirinelli, que empregou *estruturas elementares* para falar dos encontros de intelectuais no seio de um "pequeno mundo estreito". Segundo Sirinelli, "todo grupo de intelectuais organiza-se também a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver"[5]. Para perceber essas relações, procuramos identificar aqueles agentes, suas práticas e produções, a fim de reconstituir as redes de sociabilidades em que estavam inseridos.

A biografia, vista como um gênero fronteiriço entre literatura e história, nos reservou um aparato metodológico para alcançar essas trajetórias. Evitando constituir narrações meramente cronológicas, que ignoram as nuances da personalidade e da vida íntima dos sujeitos, percebemos um conjunto de subjetividades, com diferentes experiências, hesitações, gestos, emoções e incoerências. Posto o desafio de capturar distintos ângulos, utilizamos os relatos biográficos feitos pelos próprios letrados em homenagens aos amigos, obituários na imprensa, obras enciclopédicas e biobibliográficas, missivas, escritas de *si*, entre outros documentos que formam o rol das fontes.

Ao identificarmos os agentes em destaque da pesquisa, procuramos reconhecer os meios com os quais eles se expuseram e divulgaram suas narrativas, iniciando pela imprensa. Os jornais, esses suportes de discursos e de memória, são meios de difusão e extração de

---

[3] PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **History of Education Journal**, v. 7, n. 14, p. 31-45, 2003. Disponível em: https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560. Acesso em 20 nov. 2022.

[4] *Cf.* CARDOSO, Gleudson Passos. **As Repúblicas das Letras Cearenses**: Literatura, Imprensa e Política (1873 – 1904). 2000. 198f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000. CARDOSO, G. P. "**Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos**": Produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. CARDOSO, G. P. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador**: "Luzes", seca e abolicionismo em Fortaleza (1873-1904). Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2016.

[5] SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. *In*: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 248.

representações. A pretensão com os periódicos não se limita apenas em analisar narrativas, mas perscrutar atuações, práticas e vínculos. Sabendo quem produzia as folhas, rastreemos seus redatores, colaboradores, financiadores, em busca de desvelar as circunstâncias em que funcionavam, as tensões, os subgrupos que se uniram ou se desfizeram para levar ao prelo suas ideias. Articulando a análise desse material às tensões sociais no interior do campo em que os próprios se constituíam e atuavam[6].

Uma vez que, em Granja, as práticas letradas foram protagonizadas por um grupo ligado pelo desejo de produzir literatura, percebemos outras forças de adesão que entrelaçaram as teias de suas redes, ligando fatores ideológicos aos afetivos.

As *Sensibilidades*, então, são um conceito essencial neste trabalho, que impõe para o domínio da História o problema da subjetividade, importante ferramenta para o entendimento da relação do homem com o seu tempo. Para Sandra Pesavento, as sensibilidades são formas pelas quais indivíduos e grupos se deixavam perceber, são maneiras:

> [...] de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. [...]Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade.[7]

Ou seja, a pesquisa com as sensibilidades pretende reconstituir, através de marcas sensíveis de historicidade, como agentes do passado pensavam e sentiam o mundo.

Com a imbricação entre sociabilidade e sensibilidades nos deparamos com o exercício e discursos relacionados à *amizade*, que representa também "um exercício do político", segundo Francisco Ortega[8]. Entre aqueles homens sertanejos de final de século, a amizade tinha lugar de transversalidade em suas vidas, não podendo ser ignorada, especialmente, na vivência no mundo das letras. Em uma sociedade com um alto índice de analfabetismo, os que sabiam escrever e ler possuíam na palavra escrita uma ferramenta

---

[6] CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 35, p. 253-270, ago/dez. 2007. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221. Acesso em: 30 dez. 2022.

[7] PESAVENTO, Sandra Jatay. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. *In:* PESAVENTO, S. J.; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 10.

[8] ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

distinta de demonstrar sentimentos. Como percebeu Anne Vicent-Buffault[9] ao utilizar a ficção, as memórias, os diários pessoais, as missivas e as autobiografias para trabalhar sobre o exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX, compreendendo aquelas relações cotidianas como constituídas de sociabilidades e afeições.

A busca pelas sensibilidades nos coloca de encontro com a discussão entre História e Literatura, pois, como reflete Alain Corbin, não se pode estudar sobre a intimidade de quem não contou sobre si próprio ou daqueles que não foram objeto de uma descrição, muito precisa, realizada por outro, sendo assim "[...] o historiador é condenado a evocar apenas pessoas que praticaram a escrita de si, ou que foram colocadas sob uma luz particular, seja da polícia, seja do confessor, seja do médico"[10].

À vista disso, privilegiamos no *corpus* de fontes os textos com construções de *si*, e como artefato prestigioso, o *álbum* de Luiz Felipe de Oliveira, caderno de manuscritos, com escritos íntimos do grupo. Essas narrativas, ainda no campo da literatura, evidenciam:

> [...] que a escrita de si se torna uma prática cultural estratégica para um equilíbrio, sempre precário, entre expressão e contenção de si, que se traduz na distância entre autor e personagem do texto e que se manifesta nas muitas fórmulas consagradas de se escrever cartas, diários, memórias.[11]

Outro documento de análise é o livro *Dolentes* (1897), coletânea de poesias de Lívio Barreto, um testemunho poético das projeções e decepções não só do autor como de sua geração. Os poemas, as dedicatórias, as minúcias autobiográficas contidas nele, o processo de confecção do livro, sua publicação e sua repercussão são radiografias das subjetividades dos indivíduos e da época da produção da obra.

Em face do proposto, a dissertação se divide em três capítulos, com suas devidas subdivisões, partindo da ideia inicial que buscava compreender três aspectos por vez: o espaço, os sujeitos e as produções. Mesmo sabendo da dificuldade em manter uma coerência analítica com essa estrutura, as divisões partem dessa proposta preliminar, mas, como devido, ramificam-se em outras compreensões temáticas.

No primeiro capítulo, discorremos sobre as transformações ocorridas a partir da Seca de 1877-79 que possibilitou mudanças radicais na sociedade, cultura e até no desenho

---

[9] VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
[10] CORBIN, Alain. O prazer do historiador [Entrevista concedida a] Laurent Vida. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, 2005, p. 24-25. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/r9NFysm5mn9PBz9yVzTdvbJ/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 02 jan. 2023.
[11] GOMES, Ângela de Castro. A Título de Prólogo. *In*: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 17.

urbano da cidade, coroado com a implantação da Ferrovia. Demonstramos o aparecimento de projetos civilizatórios de uma elite local, que organizou a cidade em torno de ideais de progresso e civilização. Dentro desses projetos, o curso noturno, embrião de uma geração emblemática na historiografia local, que incitou a produção de discursos em torno de um pretenso florescimento intelectual e artístico, dando a Granja uma imagem de cidade inclinada às letras, artes e ciência.

No segundo capítulo, procuramos identificar os sujeitos em destaque da pesquisa, a partir dos ex-alunos da escola do Gabinete Granjense de Leitura, conectados pela missão de fazer jornais, reconstruindo, assim, as redes de sociabilidades intelectuais. Também foi percebida a rede de comunicação que se constituiu entre esses letrados e outras cidades da região. Além da necessidade que muitos deles tinham de tentar a vida nas províncias do Norte e como essa migração marcou o imaginário da cidade, aspectos percebidos na literatura e na cultura como um todo. Este capítulo é, em muitos aspectos, uma continuação cronológica do primeiro. Por isso, a pesquisa das trajetórias dos letrados, em hipóteses levantadas, demonstra uma divisão entre o mundo das letras, a ascensão pública local e o esquecimento.

O terceiro capítulo, por sua vez, é um aprofundamento das produções letradas e das sensibilidades nelas marcadas. Ao focar as sociabilidades encontramos uma série de sentimentos, gestos, sentidos e afetos nas relações do grupo. Logo, a pesquisa se deteve nas práticas de amizade representadas nas produções textuais, em especial na escrita de *si*. A partir das dedicatórias, das correspondências e dos poemas, mapeamos as ligações afetivas em torno daquele círculo de intelectual. Detemo-nos no poeta Lívio Barreto, que fermentando a existência de dois núcleos de amigos, um em Fortaleza e outro envolvendo os conterrâneos, delineou o alcance geográfico e simbólico da atuação dos letrados da Granja.

Assim, partamos!

2 "QUANDO O SOL RASGA A BRUMA DA ALVORADA": PERCEPÇÃO DO ESPAÇO E A EMERGÊNCIA DE NOVAS PRÁTICAS LETRADAS.

O poeta Osvaldo Chaves (1923-2020) relata que quando os raios do sol ultrapassam a espessura da neblina, em cima das margens do rio Coreaú, encontram um berço cor de ouro e de neve, coberto por um dossel de belas cores[12]. O berço, no pensar do poeta, é Granja. Aí está o intuito deste capítulo, com um pouco menos de arte, pretende-se aqui descortinar o véu que impede de se conhecer uma cidade do passado. Tal qual o sol rasgando a bruma da alvorada, utilizou-se esforços teórico-metodológicos, com documentos e confrontos de fontes, para se aproximar do que foi a Granja no final do século XIX.

Constitui objeto do capítulo: as determinantes transformações urbanas, sociais e culturais que definiram a cidade, categorizando-a e proporcionando o surgimento de novas práticas letradas. Para tanto, o capítulo se divide em três tópicos. O primeiro, situa a pesquisa no espaço e tempo: o porto, a ferrovia, as ruas, os riachos e o rio, e as tentativas de ordená-los. O segundo tópico, propõe demonstrar o aparecimento de projetos civilizatórios de um grupo da elite, que organizou a cidade em torno de ideais de progresso e civilização. No último, procura-se traçar um perfil do funcionamento da escola noturna do Gabinete e identificar a geração que a frequentou. Acompanha a produção de discursos em torno dessa geração, considerada um marco do florescimento intelectual e artístico, que deu a Granja uma imagem de cidade inclinada às letras, artes e ciência.

2.1 "Entre as brisas do mar e o fogo do deserto": Granja no final do século XIX.

> A Natureza, enamorada, um dia,
> Pôs um beijo de amor e simpatia
> Na face do sertão.
> E esse beijo fecundo fez brotar
> Entre as brisas do mar e o fogo do deserto
> - Granja - o pátrio rincão.[13]

Aos méritos da natureza, descritos pelo poeta, acrescentam-se anseios exploratórios e de dominação na origem da Granja. O antigo Arraial de São José da Macaboqueira se materializou naquele espaço, onde hoje se situa a cidade, por um estratégico

[12] Uma interpretação do poema "À Terra Granjense". Ver: CHAVES, Osvaldo Carneiro. *Exíguas*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986, p. 165.
[13] Poema "A Granja dos Séculos", Granja, 30 de agosto de 1957. Ver: CHAVES, 1986, p. 46.

empenho mercantilista, ali se formou um entroncamento de estradas de bois, na ribeira de um rio com um porto natural, que ligava o mar ao sertão e à serra.

Aquela era a porta de entrada para a exploração da Serra da Ibiapaba, por parte dos que embrenhavam pela costa e queriam alcançar o interior, como fizeram franceses, holandeses e portugueses. A Coroa lusitana, determinada em ordenar o espaço, criou então a Vila Real da Granja, entre outras no Ceará colonial, com argumento de "civilizar" a população, agrupando para melhor controlá-la[14]. Até o antigo nome do arraial, topônimo indígena, não cabia à nova função. Coube a homenagem aos sítios portugueses de *Granja*.

Para um maior controle, permitiram missões jesuíticas e distribuíram sesmarias pelo território, onde se instalaram grandes fazendas de gado, que por sua vez escoavam a produção pelas estradas de bois e pelo porto. Na embocadura do rio sucederam as oficinas de carneação, salga de carnes e de secagem, que garantiram à Granja manter um intenso comércio. "A Villa da Granja, que domina a foz do rio de Camossi, tem em si hum grande comercio de carnes, e algodão, que atrai pello seu comodo muitas embarcações e traficantes das Capitanias circunvizinhas"[15].

O porto fazia parte do comércio de cabotagem, de forma direta ou indireta com o estrangeiro. Em meados do século XIX, Thomaz Sobrinho Brazil o considerava, com certo exagero, "o melhor da província", onde se importava grande quantidade de mercadorias estrangeiras, despachadas em outras províncias[16].

Granja contribuiu com as principais atividades econômicas que o Ceará possuía, a pecuária e a cultura de algodão, exportava carne, couro e animais de tração para outras regiões e até para o exterior. O ancoradouro, que se chamava *Camocim* devido ao antigo nome do rio, ficava na margem próxima à povoação, distante meia légua da igreja matriz e 7 léguas da barra, atual cidade de Camocim.

Apesar do intenso comércio, a rede urbana não se desenvolveu como outras vilas que se beneficiaram de portos no período, como Aracati, Sobral e Icó. O termo da municipalidade era extenso e sua população se concentrava basicamente nas propriedades rurais. Embora tenha recebido *status* de cidade em 1854, Granja era muito mais um pequeno

[14] JUCÁ NETO, Clovis. Primórdio da rede urbana cearense. **Mercator**, v. 8, p. 77-102, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2691. Acesso em 10 out. 2022.
[15] Escreveu o governador da capitania do Ceará no começo do século XIX, Bernardo Manuel de Vasconcelos. Ver: VASCONCELOS *apud* GIRÃO, Raimundo. *História Econômica do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 2000, p. 167.
[16] BRASIL, Tomás Pompeu de Souza. *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*. Fac-símile da edição publicada em 1863. tomo 1. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p. 431.

núcleo comercial, que centrava a administração de território, do que um espaço urbano e de sociabilidades bem constituídos.

A Grande Seca de 1877-1879 mudaria isso de forma definitiva.

Figura 1 - Planta da cidade de Granja no final do século XIX

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional Digital

Acima, a planta da cidade de Granja no final do século XIX, um estudo para a implantação da Estrada de Ferro de Sobral, feito possivelmente em 1878. As ruas, com certa distância do rio *Camocim* (atual Coreaú), eram cortadas por riachos, sendo o maior deles o *Riacho Bello* ou, como era mais conhecido, *Riacho Bêbado*, que dividia a cidade em duas, quando suas enchentes separavam o Bairro da Matriz (norte) do Bairro Santo Antônio (sul), este também conhecido como Bairro da Lama, uma referência aos efeitos da chuva.

Em frente à matriz, um cruzeiro e um grande largo descampado, onde antes ficava o pelourinho. Aquele espaço, no período colonial, ficou reservado à implantação da Casa de Câmara, buscando uma organização das vilas cearenses, como Granja o foi, fundada em 1776. Embora não seja a intenção do mapa, ele documenta a dificuldade da implementação da

ordem urbanística de uma das urbes mais antigas do Ceará. Uma vez que, após a criação da vila, a edilidade passou mais de um século tentando construir uma edificação para sua administração em frente à matriz, estruturando o que seria um centro cívico de onde se expandiria o restante. No entanto, a planta cartográfica mostra uma Casa de Câmara e Cadeia construída em 1878, não no espaço a ela reservada, idealizado desde o período colonial, mas ao norte, como a nova Granja fim de Império ordenou[17].

A Grande Seca mexeu com estruturas incrustradas há anos naquela sociedade. O primeiro historiador da Granja, Vicente Martins, relatou que a cidade foi um dos pontos para onde mais afluíram retirantes: "calcula-se que a população nesse tempo atingisse a mais de 30.000 almas"[18]. Não existia infraestrutura para receber o grande contingente de gente, operando um pensamento de incômodo da elite: "como era de se esperar, não tardaram a surgir as consequências de tal modo de vida; apareceram então as febres de mau caráter e a varíola, prostituição, vadiagem, desordens, tudo isso a se alastrar perigosamente…"[19], o que obrigou o poder público a se preocupar com o restabelecimento da ordem.

A Câmara Municipal "tomou a deliberação de acordo com as authoridades do lugar, [de] criar lazaretos distantes da Cidade, uma legoa, mais ou menos e fasêr retirar todos os doentes"[20]. O medo promoveu uma segregação socioespacial, as autoridades tentavam controlar a contaminação criando alojamentos nos arredores da cidade, onde colocavam os pobres e miseráveis. O urbano começou a ser visto pelo pensamento médico daquele século, providenciou-se assistência sanitária como serviço público, contratando um farmacêutico e um médico-vacinador.

A fim de minimizar os efeitos da Seca, seguiu-se uma ótica de utilização do trabalho dos retirantes, o que proporcionou melhoramentos materiais nunca conquistados. Além do sobrado com Câmara e Cadeia, também foram construídos, para o norte, o mercado público e a estação ferroviária, impulsionando a cidade a se organizar para aquela direção. Por meio da junta responsável pelas obras, Comissão de Socorros Públicos, realizaram-se reparos na igreja matriz[21], erguendo suas duas torres; a construção do Cemitério São João, ao lado do antigo cemitério, de pau-a-pique, a construção da ponte sobre o Riacho Belo e dois açudes: da Lagoa Grande e Jenipapo. Equipamentos urbanos que não tardaram em serem vistos como

[17] Sobre o histórico das tentativas de construção da Casa de Câmara e Cadeia, ver: OLIVEIRA, 1996.
[18] MARTINS, Vicente. Noticia Historico-Chorographica da Comarca de Granja. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Instituto Histórico do Ceará, tomo XXVI, 1912, p. 337.
[19] OLIVEIRA, André Frota. *A Estrada de Ferro de Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1994, p. 31.
[20] Ofício Câmara Municipal de Granja *apud* OLIVEIRA, 1996, p. 73.
[21] A Matriz tinha uma comissão própria, mas na falta de verba, recebeu recursos da Comissão de Socorros Públicos.

signos do progresso. Um jornal da cidade do período decretou que "em 1877, pode dizer-se, sahiu a Granja do immenso lethargo em que permaneceu por longos annos"[22].

Assim dito, não se pode deixar de mencionar o propalado desejo pelo progresso que essas mudanças ensejaram. A modernização da cidade implicava também em sua "civilização", alcançado por sua inserção num processo civilizador[23]. Imposto por grupos dominantes, esse processo molda o comportamento humano em busca de uma padronização, influenciando a maneira de pensar da sociedade, incluindo a dinâmica das cidades.

O avanço desse processo civilizador, inserido dentro de um modelo capitalista, apresentou-se em tímidas mudanças locais no mundo do trabalho, com a demanda de mão-de-obra livre e fabril. Segundo José Xavier Filho [24], no período, funcionou pelo menos duas pequenas fábricas produtoras de velas de cera de carnaúba, que vendiam para o Maranhão e exportavam para a Alemanha, predominava nelas o trabalho de mulheres. Assim como a fábrica de cigarros São José, instalada em 21 de junho de 1880 por José Firmo Ferreira Frota, que empregou principalmente o trabalho de crianças. Cerca de 50 órfãos foram operários no estabelecimento, como relatou, com certa alegria, o presidente da província ao visitar as instalações: "o que é de maior vantagem, quando a sorte da orphandagem desvalida, triste legado da secca, deve occupar seriamente a attenção e solicitude da administração publica."[25]

Entre os projetos de caráter assistencialistas, motivados pela Seca, a implantação da Estrada de Ferro de Sobral certamente foi o grande símbolo da modernização local. O traçado inicial conectava o porto de Camocim, na foz do Coreaú, à cidade de Sobral, cortando Granja que administrava o porto e centralizava a maior parte das transações comerciais. O primeiro trecho da ferrovia foi inaugurado em 15 de janeiro de 1881, ligando Camocim à Granja, advento da grande engrenagem de desenvolvimento da região daquele século, vetor de reordenamento do território e reorganização de rede urbana[26].

Em 01 de janeiro de 1882, a linha do telégrafo se tornou de uso público, entre os trechos já instalados Camocim-Massapê[27], e em julho do ano seguinte, chegou até Sobral. O telégrafo será outro elemento entendido como importante fator de progresso, aumentando

---

[22] COMMERCIO. *A Luz*, Granja, ano I, n. 6, 24 jan. 1892, p. 1-2.
[23] Entende-se o processo por Norbert Elias pela obra: ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*: uma história dos costumes. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, 1 v.
[24] XAVIER FILHO. *Carvalho Motta*: Capitalista e Governador. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010, p. 127.
[25] CEARÁ. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Ceará na sessão ordinaria de 1881*: pelo Presidente da Provincia Senador Pedro Leão Velloso. Fortaleza: Typ. do Cearense, 1881, p. 21.
[26] No último dia do ano de 1882 foi inaugurada a estação ferroviária de Sobral, e, portanto, iniciavam-se as operações da Ferrovia Camocim-Sobral.
[27] OLIVEIRA, 1994, p. 82.

significativamente a rapidez da comunicação. Fora tantas outras modificações, a Estrada de Ferro será responsável também por desencadear uma nova etapa no mundo do trabalho local, constituindo um *locus* que envolveu diversos trabalhadores e categorias[28].

No século XIX, o porto denominado Camocim passou a se localizar na região do vilarejo com o mesmo nome[29]. Funcionando dois portos, aquele marítimo e outro de menor potencial, devido o assoreamento do rio, o porto da Granja que passou a se chamar de Porto do Urubu. No começo do século XX, ainda existia trânsito entre os dois portos, o rio era navegável a partir de Granja, com comunicação "feita por canôas, que vencem em cinco horas a distancia de sete leguas, que separa as duas cidades"[30]. As maiores firmas comerciais granjenses possuíam suas próprias embarcações, que faziam o transporte de mercadorias e pessoas até o porto de Camocim e as embarcavam em vapores para Fortaleza e outras províncias[31]. Com a chegada do trem esse serviço perdeu relevância e foi substituído, aos poucos, pela via férrea, ganhando rapidez e eficiência.

A fusão entre porto e ferrovia impulsionou o crescimento de Camocim, praia que pertencia ao município de Granja. Na última quadra daquele século, a Companhia Maranhense de Navegação e a Companhia de Navegação Pernambucana instalaram armazéns na localidade, onde faziam suas operações, apesar do lugarejo não passar de "[...] apenas dois armazéns e um ou outro casebre de pescadores", nas anotações de Antônio Bezerra[32]. Contudo, dois anos após os trabalhos dos trilhos da ferrovia lá iniciarem, a Vila de Camocim foi criada, em 29 de setembro de 1879[33], emancipando-se, e em 1883, recebeu a Mesa de Rendas transferida de Granja[34], marcando definitivamente a perda do controle do porto ligado à ferrovia por parte da antiga cidade.

O que não significava, no entanto, a perda completa da importância da Granja enquanto empório regional:

> Entre as cidades localizadas ao longo da via férrea, Granja desempenhava papel estratégico no traçado da região norte, constituía-se em um dos principais entrepostos na circulação de mercadorias, ao contar com a presença de importantes firmas comerciais, que compravam parte da produção de produtos primários do

[28] SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Entre o Porto e a Estação*. Fortaleza: INESP, 2014, p. 116.
[29] SANTOS, 2014, p. 90.
[30] MARTINS, Vicente. Noticia Historico-Chorographica da Comarca de Granja. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, tomo XXV, 1911, p. 200.
[31] XAVIER FILHO, 2010, p. 129.
[32] MENEZES, Antônio Bezerra de. *Notas de Viagem* (parte do norte). Fortaleza: Typ. Economica, 1889, p. 39.
[33] Dez anos depois, ainda no Império, recebeu foros de cidade, em 17 de agosto de 1899 e sua primeira Câmara tomou posse em 08 de janeiro de 1883.
[34] A Mesa de Rendas de Camocim foi instalada em 1º de janeiro de 1883, criada por Decreto nº. 8.371, de 07 de janeiro de 1882.

> restante da região, como algodão, couros, cera de carnaúba, etc., e as repassavam para Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e para a Inglaterra, como era o caso do algodão[35].

Pelo porto e a Estrada de Ferro de Sobral "saíam o sal de Camocim e Chaval, o charque das oficinas de Sobral e Granja, a farinha de Crateús, o boi em pé, a castanha de caju, a carnaúba e o algodão de toda a região."[36] Mas também chegavam os tecidos, porcelana inglesa, os vinhos portugueses, a moda francesa[37]. Abner de Vasconcelos, que viveu na cidade no começo do século XX, tinha a impressão de que Granja:

> Situada em vantajosa posição geográfica, a dezoito quilômetros da foz do Coreaú, era o pôrto de mar de mais fácil acesso e de intenso movimento com as praças de Belém, para onde afluia a exportação dos produtos da zona, e de Recife que a abastecia com as mercadorias, que importava da Europa e da Corte[38].

As casas comerciais de Granja eram responsáveis por receber e distribuir diversos produtos, entre eles, as mercadorias impressas: jornais, revistas, livros, materiais que circulavam com mais rapidez dentro dos vagões do trem. A partir da Granja, uma grande rede de comunicação se delineava, incluindo os correios, que conectavam cidades e localidades pela via férrea ou pelos caminhos de terra, como a estrada para Serra da Ibiapaba, que encontrava Viçosa e outros lugarejos.

Pelo porto também chegavam pessoas, que reformularam a cidade, "marinheiros sonhadores, viajantes ávidos de aventuras, comerciantes em busca de estabelecer praça"[39]. Como exemplo, os Gouveia, família de imigrantes portugueses que conseguiu poderio e influência no cenário urbano, alcançando o século XXI. No navio alemão Brunswick[40], em 04 de dezembro de 1883, desembarcaram no porto os meninos Manoel Gouveia e seu primo, Antônio Gouveia da Silva, vindo os dois ao encontro do tio, o vice-cônsul português Diogo Luiz de Gouveia. Em Granja, fundaram a firma comercial "Gouveia, Irmão & Sobrinhos", entrando depois na política. Mas não só pelo porto vinha a nova classe emergente, da zona rural e de outras cidades afluíram nomes que em poucos anos substituiriam os sobrenomes

---

[35] BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. LIMA, Jorge Luiz Ferreira. História, imprensa e redes de comunicação. **História e Perspectivas**, Uberlândia (39): 37-57, jul. dez. 2008, p. 46. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19188. Acesso em: 08 jan. 2022.
[36] SANTOS, Carlos Augusto dos. *Cidade Vermelha.* A militância comunista de Camocim-Ce (1927-1950). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2000, p. 62.
[37] *Ibidem.*
[38] VASCONCELOS, Abner. *Perfil de Educador*: Antonio Augusto de Vasconcelos. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1955, p. 65.
[39] VASCONCELOS, Abner, 1955, p. 62.
[40] ARAUJO, Maria Elair G.; GOUVEIA, José Eloísio Maramaldo. *A Quem Devemos a Vida.* Fortaleza: [s.n.], 2002, p. 30-32.

dos herdeiros dos colonos, como os Oliveira, Barreto, Xavier, Arruda… Na Granja, e no restante no país, a elite rural estava perdendo espaço para uma nova elite burguesa urbana, que na cidade, em especial, surgia em torno da exploração comercial envolvendo o porto e a ferrovia.

Outro forasteiro, que chegou naquele final de século e marcou a vida cultural urbana, foi o maestro italiano Ciro Ciarlini (1855 - 1919). O músico chegou ao Brasil no começo da década de 1880, trabalhou na Companhia Lírica Cômica Italiana, apresentando-se em óperas e operetas pelo país. Formado pelo Conservatório de Bolonha, Ciarlini foi compositor, regente e professor de canto, piano e violino, função esta que veio exercer em Granja, por volta de 1894. Suas iniciativas com a música culminaram na instalação da Sociedade Filarmônica Granjense (1900-1911), consagrando a música como a principal atividade artística da *belle époque* sertaneja local, "a história da Filarmônica confunde-se com a história da Granja, na sua fase de maior brilho"[41].

Um frenesi recreativo foi experimentado naquele final de século. Organizavam-se associações dramáticas, concertos, bandas de músicas e outros espetáculos artísticos. Mesmo sem prédio apropriado, os espetáculos teatrais de grupo locais ocorriam em casas de moradores ou em praças públicas, como faziam também as companhias de fora da cidade, artistas dramáticos itinerantes, circenses, que chegavam pelo porto, muitas vezes para fazer temporadas em Sobral e escalonavam em Granja.

Um desses andarilhos que chegou à Granja pelo porto e ferrovia, Antônio Bezerra de Menezes, fez uma conhecida descrição da sua condição urbana daquele período. Em *Notas de Viagem* (1889), o escritor observou que a cidade "occupa grande extensão, com bôas praças, largas e espaçosas"[42], e a exceção das outras ruas, é na rua principal, que atravessa a cidade de norte a sul, ligada ao meio por uma pequena ponte de madeira, que se encontram as melhores casas de boa aparência. Referindo-se a Rua do Azevedo, atual rua Pessoa Anta, que tinha passado por um aformoseamento naquele final de século.

No mapa demonstrado (Figura 01), aparece a ponte citada por Antônio Bezerra, construção que solucionou um dos grandes problemas da cidade: as enchentes. Um sonho antigo dos citadinos, seus alicerces eram de pedra e cal, as paredes de alvenaria de tijolos, o assoalho de madeira de lei, com bancos em cada lado, espaços para novas sociabilidades na vida dos granjense: "concorrida pelo povo em noites de luar, onde vão gosar de fresca", como

[41] XAVIER, Lívio. *Infância na Granja.* São Paulo: Massao Ohno Editor, 1974, p. 51.
[42] MENEZES, 1889, p. 35.

concluiu um coletor de rendas em seu relatório de 1887[43]. Uma melhoria planejada desde meados daquele século, mas concluída somente no fim da década de 1870. Aquela ponte ultrapassava um riacho, cuja própria intenção de lhe conferir um novo nome, Riacho Bello, em preterimento ao nome mais conhecido, Riacho Bêbado, coaduna com o intento de embelezamento e saneamento que a cidade passava.

As "casas de boas aparências" que atraíram a atenção daquele visitante, provavelmente se tratavam das residências que a burguesia recém-enriquecida havia erigido ou melhorado junto às outras mudanças urbanas pós-seca. Casario imponente, com fachadas requintadas em estilo eclético. Entre essas casas, a do vigário Antônio Thomaz Teixeira Galvão, que ficava na rua do Azevedo e em frente ao Mercado, recém-implantado pela Comissão de Socorros Públicos, que tinha o padre como membro. O chefe político e comerciante, Zeferino Gil Peres da Motta (1828-1889), possuía três casas na referida rua. Com destaque, seu novo palacete[44], alto e imponente, com janelas-balcões de ferro, portas com vitrais, piso interno elevado em relação ao leito da rua, preocupação sanitária daquele final de século. Na esquina oposta a do casarão do coronel, um solar com "oitão enobrecido", tipologia arquitetônica peculiar de Sobral, e que conferia aspecto sofisticado à rua e similaridades àquela cidade mais abastada.

Da mesma rua, indo do norte para o sul e atravessando a ponte, era possível ver o sobrado colonial onde vivia Salustiano Moreira (1832-1910), no Bairro da Lama, com fachada voltada para o Riacho Bello. Aquele exemplar e o de João Benício Beviláqua eram os únicos considerados por Antônio Bezerra em bom estado, que dizia "alguns sobrados que ainda a pouco aqui se viam, cahem em ruinas e são demolidos para seu logar levantarem-se casas terreas"[45], seguindo uma tendência da perda de prestígio dos sobrados no último quartel do século XIX.

[43] *Relação de obras públicas situadas dentro do perímetro da demarcação efetuada para cobrança da décima urbana da cidade.* Feita por Bruno Gomes de Melo. Arquivo Público do Ceará.
[44] Atual sede da Biblioteca Municipal Lívio Barreto, desde 1995.
[45] MENEZES, 1889, p. 35.

Figura 2 - Sobrado do Cel. Salustiano Moreira. Em primeiro plano, a ponte que substituiu a de madeira sobre o Riacho Belo.

Fonte: Próprio autor, fotografia produzida em 13/02/2022.

Na rua do Azevedo, nenhuma casa se comparava em requinte à do maior comerciante da cidade, Antônio Frederico Carvalho Motta (1856-1927), construída no período da Grande Seca, quando o coronel também era membro da Comissão de Socorros Públicos. Um casarão térreo, com um jardim lateral fechado de portões de ferro batido. O coronel tinha viajado mais de uma vez à Europa, adquiriu experiências, hábitos e gostos incorporados a sua residência. A mobília, as louças e os adornos eram tidos como da mais sofisticada etiqueta, "pois ele já era um capitalista típico e não um clássico coronel do interior do Brasil"[46], como explicou Lívio Xavier, que nasceu naquela casa em 1900.

[46] XAVIER, 1974, p. 27.

Figura 3 - Casa de Carvalho Motta, na Rua do Azevedo. Depois casa e Firma Ignácio Xavier & Cia.

Fonte: Próprio autor - fotografia produzida em 13/02/2022.

As transformações no quadro urbano davam uma sensação de modernização e civilização, ao passo que esses aspectos eram confrontados com outra realidade. O comentário feito por Antônio Bezerra à rua principal não se estendia às outras ruas e à própria cidade: "a vista em geral é tristonha, por certo ar de ancianidade que apresentam os predios"[47]. Essa sensação vinha à tona nos sentidos do observador pela presença de velhos casebres, que, para ele, guardavam resquícios do tempo colonial. "Além do aspecto vetusto e sombrio da cidade, a falta de asseio ainda a torna mais desagradavel; porquanto o lixo accumula-se nas praças, onde manadas de porcos revolvem o terreno, infeccionando o ar."[48]. Tensão surgida a partir do aparecimento de equipamentos urbanos, ideais de progresso e civilidade, constituídos nos discursos, mas que não é aquilo concretizado[49].

Na relação do imposto da Décima Urbana de 1887[50], três anos após a visita de Bezerra, a cidade contava com 18 ruas, três praças e 454 prédios, ao incluir a essa relação a capela de Santo Antônio, a Igreja Matriz, o Mercado e a Estação, forma-se o perímetro urbano da Granja. Dos prédios particulares descritos, 294 eram construídos de taipa, e um pouco mais

[47] MENEZES, 1889, p. 35.
[48] *Ibidem*, p. 36.
[49] NASCIMENTO, José Clewton do. *(Re) descobriram o Ceará?* Representações dos sítios históricos de Icó e Sobral: entre areal e patrimônio nacional. Salvador: EDUFBA: PPGAU, 2013. p. 99.
[50] *Relação dos prédios da cidade da Granja sito dentro da demarcação efetuada para cobrança do imposto da Décima Urbana, 1887.* Arquivo Público do Ceará.

de 1/3, 160 eram de alvenaria. Quatro ruas não tinham sequer uma construção em alvenaria. No mais antigo núcleo urbano da cidade, o Largo da Matriz, encontravam-se, junto ao casarão do cel. Inácio Fortuna, 19 casas de taipa e duas em mau estado, o que imprimia ainda mais o ar de "urbe antiga", sentido por Bezerra, que se remeteu aos tempos da povoação Macaboqueira.

Afora as impressões daquele observador, a Granja da última quadra do século XIX muito se diferenciava da urbe colonial. Em meados do mesmo século, em 1851, antes de receber o *status* de cidade, contavam-se 329 casas em sua área urbana[51]. E mesmo sendo um processo de urbanização lento, com acréscimo de apenas 125 lotes em 36 anos, a qualidade das construções melhorou significativamente entre esses dois períodos. Enquanto na vila havia 67 choças de palhas e somente 19 casas de tijolos, nos últimos anos dos oitocentos, diversos prédios foram construídos ou reformados em alvenaria e não constava nenhum exemplar de palha, talvez proibidos por algum Código de Posturas.

Esse período foi determinante para delimitar o traçado da cidade, onde se materializou o que seria conhecido como centro histórico da Granja, com edificações de diversos estilos arquitetônicos e representações da riqueza da elite no entresséculos. Logo o cemitério, a estação e o traçado da ferrovia constituíram os novos balizadores urbanos, perto dos quais irrompia a periferia.

Outras cidades cearenses, que tiveram seus processos de urbanização iniciados no século XVIII, conheceram ordenamentos específicos para suas implantações e conseguiram implantar traçados conformes os preceitos vigentes[52]. Em Granja, dificuldades administrativas e econômicas fizeram com que a cidade se desenvolvesse a revelia do poder público. Mas naquele final de século, Granja passou por um processo definitivo de ordenamento, o centro econômico se deslocou do Bairro da Lama para o lado norte. Ao redor do prédio do Mercado Público se concretizou um traçado mais reto e com ruas mais largas, um pequeno quadro xadrez, lembrando as feições barrocas citadas por Angel Rama[53]. Depois de anos, seguindo o delinear dos riachos e do rio, a cidade começou a se render a um ordenamento urbano-social mais delineado. Concomitante a essa reorganização do espaço, e talvez por causa dela, dentro da Granja outra cidade surgia, a *cidade letrada*, da qual se falará adiante.

---

[51] OLIVEIRA, 1996, p. 115.
[52] CASTRO, José Liberal de. Arquitetura no Ceará: o século XIX e algumas antecedências. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 128, p. 9-68, 2014.
[53] RAMA, Ángel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Boitempo, 2015.

2.2 "E marcha na vanguarda do progresso"[54]: a organização da cidade letrada.

As transformações de final de século na Granja propiciaram à difusão de novas ideias. Com a intensificação do fluxo de pessoas, produtos, modos de viver e pensamentos, houve o reordenamento da *cidade letrada*, algo bem próximo do proposto por Angel Rama: de uma cidade dentro de outra, que a rege e conduz, onde a ação se cumpriu na ordem dos signos, "[...] que compunha o anel protetor do poder e executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais."[55]

No processo, o aparecimento de um gabinete de leitura foi o ponto de inflexão da cultura letrada, que se deve a chegada à cidade do bacharel em Direito Antônio Augusto de Vasconcelos. O maranguapense, nascido em 23 de dezembro de 1852, estudante da Academia de Direito do Recife, foi nomeado antes mesmo de concluir o curso, em 02 de março de 1880, para o cargo de promotor público da comarca da Granja, assumindo dez dias depois. O jovem promotor ficou menos de dois anos no cargo e na cidade, mas deixou um legado amplamente rememorado na historiografia local.

Vasconcelos levou consigo ideias efervescentes, recém-apreendidas na Faculdade de Recife, sobre liberalismo, positivismo e cientificismo, que propulsionaram suas ações e projetos na cidade. Logo que chegou à Granja, iniciou a criação de espaços de sociabilidades que transformaram a realidade local, a exemplo de outros vistos em vilas e cidades no Império Brasileiro. Desses espaços, aquele que ficou mais conhecido e comumente associado ao legado do promotor foi o Gabinete Granjense de Leitura (1880-1882). Contudo, esta pesquisa pretende demonstrar que não se trata de um projeto isolado, mas de um conjunto de ações realizadas com a finalidade de "civilizar" aquele meio.

Com isso, para compreender o aparecimento e funcionamento do Gabinete, é preciso situá-lo dentro de um universo de outros empreendimentos que o fomentaram ou complementaram-no, como a Sociedade Propagadora da Instrução e seu curso noturno (1880-1882), a implantação da imprensa local, com o jornal *Granjense* (1880-1881) e a Sociedade Libertadora Granjense (1881).

A Sociedade Propagadora da Instrução Pública (SPIP) aparenta ter sido o organismo concatenador, que atrelava a um único propósito outros mais ao seu redor, como

[54] "Mas despertou, e foi, com energia,/criou forças na longa letargia/E marcha na vanguarda do progresso", poema "Granja", de Luiz Sá (1899-1950), tipo folclórico granjense. Ver: SÁ, Luis. *Miragens*. Granja: Secretaria de Cultura de Granja, [s.d.], p. 21.
[55] RAMA, 2015, p. 38.

visto no discurso da abertura do Gabinete: "Está instalado o Gabinete Granjense de Leitura e juntamente o curso primário noturno, criados pela sociedade propagadora de instrução pública"[56]. A formatação dessa associação não é clara, mas se tenciona tratar de uma organização distinta, que partilhava os mesmos membros dos aparelhos surgidos depois, fazendo com que se confunda com o Gabinete, que, por sua parte, tinha estrutura mais perceptível e largamente conhecida.

À SPIP ficou reservado o papel de fomentadora, arrecadava e distribuía doações, custeando os demais projetos. Na prática, era uma comissão formada por homens com prestígio local, ocupantes de cargos públicos de grande poder político[57], que se ocuparam em engajar aquelas causas.

A aparente facilidade com que Antônio Augusto de Vasconcelos colocou em prática suas ideias indica que parte da sociedade granjense compartilhava do desejo de civilização que o promotor apregoava. Mais que amante da leitura, o perfil dos sócios do Gabinete estavam inclinado em estabelecer ou consolidar poder na sociedade local. Com efeito, as ideias de Vasconcelos encontraram um lugar fértil e uma boa recepção por parte dos que ansiavam uma vida social e cultural adequada ao novo estilo de consumo.

Na fundação do Gabinete e do curso noturno, Antônio Augusto de Vasconcelos proclamou: "não sejamos náufragos do progresso", um clamor para quem o ouvia compreender que estava em curso um processo no país, e que a cidade não poderia deixar de se inserir. Em todo o Brasil, a ideia de progresso foi fortalecida durante aquele século e se tornou o desejo de muitos brasileiros, especialmente os letrados.

Os momentos de progresso e civilização foram planejados sob o mote da ciência, uma concepção que pertencia à formação acadêmica de Antônio Augusto, como escreveu Abner de Vasconcelos na biografia de seu pai:

> O espírito acadêmico, inconstante como a própria mocidade, logo se incendiava à proporção que surgiam na velha Europa os precursores de doutrinas novas. - Littré, Darwin, Spencer, Buechner, Letourneau, Lefevre eram lidos e propagados. O essencial era poderem constituir bandeira de combate.[58]

[56] VASCONCELOS, Antônio Augusto de. Discurso. *Gazeta do Norte*, Fortaleza, ano 1, n. 42, 28 jul. 1880, p. 3.
[57] A primeira formação da Sociedade Propagadora da Instrução contava com o juiz de Direito, José Joaquim Domingues Carneiro (1826-1915); o juiz municipal, Manoel Thomaz de Barros Campello (1848-1883); o promotor público, mentor da instituição, Antônio Augusto de Vasconcelos; o presidente da Câmara, capitão Joaquim Baptista de Carvalho, e quatro dos grandes negociantes e políticos da cidade, Salustiano Moreira, coronel Zeferino Gil Peres da Mota, capitão Sergio da Motta e Francisco Napoleão.
[58] VASCONCELOS, Abner, 1955, p 50-51.

Ao que parece, essas leituras embasaram a "bandeira de combate" do bacharel. O pensamento racionalista, positivista e cientificista sustentou as ações do grupo constituído na Granja. A classe dominante foi convencida pelo promotor que inseriu tais abordagens aos interesses dela, contando com o clima de expectativa que as transformações urbanas geraram:

> Assim, apegaram-se ao discurso civilizador do século XIX, no qual as enunciações em torno da razão, ciência e liberdade (a tríade categórica daqueles tempos emergentes) pregavam a emancipação dos indivíduos dos domínios do que identificaram como "atraso".[59]

O ideário modernizante atraiu aquele grupo de homens para pensar sobre a formação do trabalho livre. Já que havia uma preocupação com o controle de uma nova classe de trabalhadores que surgia. Vasconcelos destacou esses aspectos em seu discurso de abertura do Gabinete, atrelando a valorização do trabalho como gerador de riqueza e motor decisivo para o progresso.

> O trabalho não é a pena, é riqueza, é uma ciência, é a bíblia dos povos, o íris da redenção como a liberdade é o Evangelho da civilização.
> [...]
> No dia em que o trabalho livre tornou-se a lei geral dos países civilizados, e o homem compreendeu que era pela associação pacifica que se podia fazer sobre a matéria duráveis conquistas, disse Rossi: a civilização apoderou-se do mundo.
> Em vez do estigma de maldição é uma coroa de glória augúrio de prosperidade.
> Rico é quem trabalha, quem sabe, quem lê: miserável o ocioso porque o ócio produz a ignorância, a ignorância a miséria, e a miséria o cárcere.[60]

A justificativa da fundação do Gabinete relacionava o desenvolvimento cultural ao material, "a ignorância produz a miséria", as letras constituíam um importante mecanismo de transformação social. Seguindo as premissas teóricas da época, elas tinham a função de doutrinar a sociedade, valorizando o conhecimento, que tinha o livro como signo:

> O livro e o trabalho são as duas poderosas alavancas da civilização e felicidade geral. O livro é o disco luminoso em que a inteligências bebe a inspiração, a luz das grandes criações, a estrela polar da humanidade. É o monumento escrito do pensamento dos povos, a moeda do espírito disse Peletan.
> [...]
> E com efeito diz Smilis: um livro muitas vezes produz mais efeitos do que uma grande batalha.
> É porque a inteligência é imortal passa intacta à posteridade retratada nas páginas do livro.
> [...]

---

[59] CARDOSO, Gleudson Passos. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador**: "Luzes", seca e abolicionismo em Fortaleza (1873-1904). Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2016, p. 48.
[60] VASCONCELOS, Antônio A., 28 jul. 1880, p. 3.

> É o poder do livro, a maravilha do gênio escriturado em letras – peristilo de sua imortalidade.[61]

Todas as ações do grupo eram direcionadas ao melhoramento da sociedade granjense, com intuito de civilizar os membros, e, principalmente, as camadas mais "desvalidas". Para aqueles agentes que compartilhavam os ideais de civilização, era urgente, para o Império do Brasil, o surgimento de grupos e agremiações dispostos a promover a instrução e a educação[62].

Através da promoção da instrução e da atividade intelectual, a Granja Letrada iria colaborar com a criação de uma nação e inserir a sociedade no curso civilizatório. Naquele momento estavam dando o primeiro passo, instituindo novos espaços de sociabilidade e novos aparelhos de aproximação entre as elites e as camadas subalternas.

O mapeamento dos gabinetes de leitura na região Norte do Ceará, feito por Jorge Luiz Ferreira Lima[63], observa que equipamentos como o trem e o telégrafo tiveram suas instalações seguidas pelo surgimento das instituições de instrução e difusão da leitura. Mas Granja se antecipou nesse aspecto:

> A chegada do gabinete de leitura antecedeu o trem e proporcionou aos habitantes da cidade de Granja a oportunidade de experimentar novas formas de sociabilidade típicas da vida urbana. Homens, livros e ideias chegavam na esteira do avanço tecnológico representado pelo trem e pelo telégrafo. Acelerava-se o transporte e a comunicação proporcionando a sensação de uma conexão mais forte com os centros culturalmente mais desenvolvidos do país. A ideia de atraso e isolamento deveria ficar para trás[64].

Os gabinetes de leitura surgiram com base na colocação de livros à disposição dos sócios para leitura, sem que houvesse a obrigação da compra. Em um período em que comprar livro era caro e existiam poucas bibliotecas públicas. O gabinete da Granja não ficou marcado exclusivamente pela atividade de oferta de materiais para leitura, ele acabaria se destacando por representar um espaço de sociabilidade, de debates e planejamento de mudanças culturais e sociais, como comprova os diversos outros projetos atrelados a ele.

No Ceará, os gabinetes apareceram no século XIX a partir da década de 1870. O primeiro foi o de Baturité, fundado em 14 de novembro de 1875, e menos de um mês depois

---

[61] *Ibidem.*
[62] GONDRA, José Gonçalves. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro.* São Paulo: Cortez, 2008, p. 69.
[63] *Cf.* LIMA, 2011; 2018.
[64] LIMA, Jorge Luiz Ferreira. *Cultura letrada e caminhos da memória:* intelectuais, leitura, imprensa e memória na Zona Norte do Ceará (1870-1890, 1907-1932, 1984-2003). 2018. 262f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018, p. 60.

se criou um em Fortaleza, com o nome de Gabinete Cearense de Leitura, no dia 02 de dezembro de 1875. Já na Região Norte do estado, o primeiro foi o de Sobral, de 18 de fevereiro de 1877, seguido pelo da Granja e, ainda no século XIX, o Gabinete Ipuense de Leitura (1886). Outros se sucederam nas primeiras décadas do século XX.

O Gabinete Granjense de Leitura foi fundado em 28 de junho de 1880, e teve sua primeira diretoria formada da seguinte maneira: diretor, Antônio Augusto de Vasconcelos; vice-diretor, Antônio Frederico de Carvalho Motta; secretário: José Teles; tesoureiro: Salustiano Moreira da Costa Marino[65]. Chegando a contar com mais de 60 sócios.

Logo iniciaram uma campanha na imprensa fortalezense com intuito de arrecadar recursos para manutenção dos seus projetos. Aqueles homens encontraram na nova folha da capital, *Gazeta do Norte: órgão liberal*, fundada no mesmo mês e ano do Gabinete, um canal ressonante para a propaganda do movimento. A *Gazeta* era um órgão de divulgação das ideias liberais, lançada após o rompimento entre os Pompeu e os Paula dentro do Partido Liberal[66]. No primeiro pedido de donativos feito no jornal, o diretor Antônio Augusto descreve a situação da instituição e apela para a generosidade dos comprovincianos:

> Tendo, com o auxilio de alguns amigos, fundado na cidade da Granja um gabinete de leitura que já conta 400 volumes e um curso nocturno primario cuja frequencia attinge á mais de 80 alumnos e dispondo a "Sociedade propagadora" de poucos recursos para occorrer às despezas enormemente avultadas pela necessidade à satisfazer os nobres desejos dos que não podem receber o baptismo da instrucção, esperançoso, faço um appello à generosidade de meos illustres comprovincianos para tão util instituições começada sob os mais lisonjeiros auspicios.
> Ficão encarregados de receber donativos n'esta capital os Srs. Drs. Paulino Nogueira, Joaquim Olympio de Paiva, Rufino de Alencar e Arcadio Fortuna – Fortaleza, 21 de Setembro. – O Director. – *Antonio Augusto*.[67]

Ignora-se a existência de documentos oficiais do Gabinete: ata, regulamento e outros, inclusive a produção de tais registros. Grande parte da compreensão sobre o assunto vem da publicidade obtida pela instituição na imprensa, principalmente na *Gazeta do Norte* e *Cearense*, maiores disseminadores do pensamento liberal na Província. Para isso, o trabalho historiográfico com jornais carrega cuidados ao perscrutar o que se tornou notícia, é preciso analisar o lugar de inserção dos periódicos e outros processos não tão visíveis, recorrendo a

[65] NOTICIAS, *Gazeta do Norte*, Fortaleza, ano 1, n. 34, 18 jul. 1880, p.1.
[66] NOBRE, 1974, p. 111.
[67] GAZETA DO NORTE, Fortaleza, ano 1, n. 87, 22 set. 1880, p. 2.

diversas fontes para "[...] dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa."[68]

Na análise desses documentos, foi observada uma rotatividade nos cargos da instituição, dada a grande quantidade de notas sobre eleições constituidoras de novas diretorias. Em 15 meses, 6 diretorias diferentes foram formadas, num universo de pequeno número de sócios que se revezavam em poucas funções gerenciais.

O grupo diretor do Gabinete era onipresente nos espaços de decisões e poder da cidade, presidentes e membros da Câmara Municipal, grandes comerciantes, integrantes das comissões que ordenavam a cidade, capazes de colocar inclusive a instituição no orçamento da municipalidade, como fizeram. Em resolução orçamentária das câmaras municipais da província, para o ano de 1881, a da Granja ficou autorizada a despender, ao Gabinete de Leitura, a quantia de 250$000[69].

O Gabinete era espaço de sociabilidades letradas e urbanas, promovia festas, celebrações cívicas, onde a sociedade granjense demonstrava alinhamento com o projeto de nação, alimentando o ideário progressista e nacionalista. Em 15 de agosto de 1881, na passagem pela cidade do general que atuou na Guerra do Paraguai, Tibúrcio de Souza (1837-1885), os sócios organizaram um momento em sua homenagem, levando para saudá-lo suas mais de cem crianças assistidas pelos projetos[70]. Quando se deu a inauguração da estação ferroviária da cidade, uma comissão composta por membros do gabinete se responsabilizou pela solenidade do evento.

A instituição promovia palestras e intercâmbios culturais, como ocorreu com Edgard Godefroy, agente da "Perseverança Brazileira" no empenho de obter acionistas para a sua associação[71]. Também ofertava conferências educativas, ministradas por autoridades de fora da Granja. A alguns desses colaboradores e donatários, que não residiam na cidade, eram conferidos títulos de sócios e até diplomas de presidentes honoríficos.

Sobre o perfil dos sócios, a exigência da prática de leitura era branda:

> Talvez pelo fato de os homens realmente dotados de algum gosto literário constituírem um grupo excessivamente pequeno, estes gabinetes, necessitados de sócios para lhes garantir a manutenção material pelo pagamento de mensalidades, se viram diante da contingência de ter de atrair para seus quadros sociais pessoas desprovidas da necessária intimidade com a cultura letrada, resultando daí no

[68] LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 140.
[69] CEARENSE, Fortaleza, ano 35, n. 152, 03 dez. 1880, p.1.
[70] CEARENSE, Fortaleza, ano 36, n. 190, 04 set. 1881, p. 2.
[71] DE GRANJA, *Cearense*, Fortaleza, ano 35, n. 195, 13 set. 1881, p. 2.

> predomínio de atividades recreativas em detrimento da sisudez das reuniões literárias.[72]

A rede de comunicação construída com instituições, jornais e personalidades, além de trocas de ideias e conhecimentos, contribuía para angariar recursos e montar o acervo da biblioteca. A sociedade "Liberdade e Heroísmo" enviou 25 volumes de diversas obras ao Gabinete pelo vapor *Colombo*[73]. Também da capital, chegavam livros doados de presidentes da província a anônimos entusiastas, que tomavam conhecimento da empreitada, através dos jornais, sentiam-se motivados a doar e estamparem também seus nomes como benfeitores da boa causa. Nos periódicos se via impresso: o Sr. Militão Menescal ofereceu 16 obras "importantes e raras"[74] e um "amante da instrucção" não media esforços para contribuir.

> Dos sócios do Gabinete de Leitura um dos que mais se tem interessado a favor desta instituição, é o sr. Rodolpiano Padilha.
> Apezar de não ser granjense, este moço sem o menor interesse à não ser o que inspire a sua inteligência, zelo e patriotismo, muito tem concorrido para engradecer o Gabinete já agenciando livros, já assignando para o Gabinete jornaes como acaba de fazer com o oferecimento do "Cruzeiro".
> Tivessem todos os granjenses este espirito de animação, de amor ás letras e a cidade de Granja podia ufanar-se do seu desenvolvimento moral.
> Louvores á tão distincto cavalheiro.[75]

A biblioteca contou uma vez com subsídio público, no valor de "[...] 100$000 que o respectivo tesoureiro Antonio Frederico de Carvalho Motta mandou comprar de livros no Recife"[76], um raro momento em que a instituição teve gerência sobre os títulos. O acervo era formado basicamente de doações, sugerindo menos controle do conteúdo oferecido aos leitores e dificuldades de atingir uma finalidade. Mesmo passando por uma seleção, os livros e jornais ofertados não eram uma escolha completamente alinhada aos ideais do projeto, debilitando de certa forma a biblioteca enquanto aparelho ideológico.

Desconhece-se como se dissipou o acervo do Gabinete, impedindo seu mapeamento e catalogação, gerando quase que por completo uma ignorância em relação aos títulos existentes na coleção. Um pedido de devolução de livros atrasados dá uma sugestão dos títulos que compunha o acervo, a maioria romances: "faltão as seguintes obras: - Amigo Intimo, Iracema, Ubirajara, [ilegível] da escravidão, Diva, Lucto, O piano de Clara, o 1º vol.

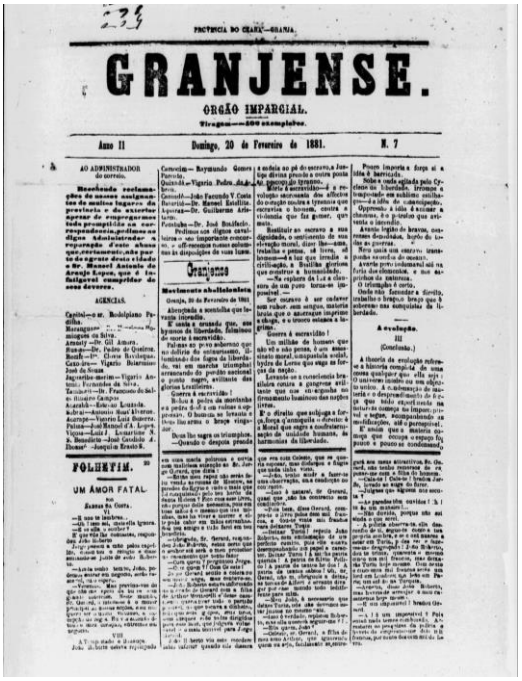
---

[72] LIMA, Jorge Luiz Ferreira. **Entre caminhos e lugares do livro:** gabinetes de leitura na região norte do Ceará (1877-1919). 2011, 210f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2011, p. 49.
[73] NOTICIAS, *Gazeta do Norte*, ano 1, n. 53, 10 ago. 1880.
[74] NOTICIAS, *Granjense*, Granja, ano 2, n. 35, 25 set. 1881, p. 2.
[75] AMANTE da instrucção. *Pedro II*. Fortaleza, n. 42, n. 59, 31 jul. 1881, p. 2.
[76] DE GRANJA, *op. cit*.

da Mulher Adultera e muitas outras”[77], assinada pelo bibliotecário, Raimundo Furtado. Esse também foi o único “bibliotecário” que apareceu nas listas de diretorias encontradas nos jornais. O cargo de bibliotecário aparentava não ter muita importância na composição da direção ou pelo menos não era digno de nota, assim como os outros (presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário), indicando que aquele aparelho não pode ser analisado pelo conceito de uma biblioteca comum.

Ao Gabinete se seguiram o trem, o telégrafo e a imprensa. O *Granjense* foi o primeiro jornal da cidade, uma empreitada de Antônio Augusto de Vasconcelos e Valdemiro Moreira, a folha se tornou um elemento da cultura letrada essencial para atividade do Gabinete, usada como instrumento de divulgação de suas ideias. O composto existente entre gabinete e seu próprio jornal era o que havia de mais moderno em acesso à leitura.

Figura 4 - Jornal Granjense (1880-1881).



GRANJENSE.

ORGÃO IMPARCIAL.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

O maquinário da tipografia pertencia ao jornal *O Retirante*, de Fortaleza, e foi adquirido pelo capitalista José Firmo Ferreiro da Frota, pela quantia 500$[78], e arrendado a Valdemiro Moreira. O *Granjense* era um domingueiro, com publicação irregular. Seu

[77] FURTADO, Raymundo. Alerta. *Granjense*, Granja, ano 2, n. 35, 25 set. 1881, p. 4.
[78] STUDART, Barão. *Para a história do jornalismo cearense 1824-1924*. Typ. Moderna: Fortaleza, 1924, p. 73.

primeiro número é de 11 de agosto de 1880[79]. Trazia impresso a tiragem em 400 exemplares, no segundo ano.

O jornal fazia seu papel de livro do povo, contribuindo com o letramento e formação do público que o consumia, publicava esboços históricos da Granja[80], textos de opinião, informativos, poesias e folhetins, como "Um amor fatal", de Sabbas da Costa (1829-1874). Nenhuma produção literária de autoria granjense, o talento local talvez não desempenhasse o papel esperado pelo órgão, entreter e instruir. Impresso em quatro páginas, a última era reservada aos anúncios de propaganda. O número 35 possui uma derradeira folha preenchida de reclames, um feito impressionante para o tamanho do jornal e para região, em que o interesse comercial por uma imprensa incipiente deveria ser ínfimo.

Como outros projetos do grupo, o *Granjense* foi um instrumento doutrinário, em que a palavra tornou-se arma em ação, usavam-se artifícios metafóricos e estéticos da literatura para atrair e ganhar a opinião pública, formando no leitor atitudes mais condizentes às referências civilizadoras, valorizando as posturas elegantes da vida moderna[81].

Nas páginas da *Gazeta do Norte* replicou-se uma lista do *Granjense*, em que era propagado aquilo considerava como progresso material da cidade:

> Lê-se no Grangense (sic):
> Desde 1880 a esta parte a cidade de Granja vai em um progresso que, à perseverar, lhe augura um grande futuro:
> Inauguração da estação da via-ferrea.
> Inauguração da estação da Angica.
> Gabinete de leitura que já conta mais de 400 volumes e impressos.
> Curso nocturno onde funcciona as aulas de primeiras lettras portuguezas, geographia, historia e revista de jornaes brevemente e a de francez, frequentada por mais de 70 alumnos.
> Typographia do *Granjense*.
> Aula mixta primaria.
> Fabrica de cigarros montada à machinas modernas.
> Nucleo orphanalogico de menino que se dedicão à diversas artes e officios, sob contracto.
> Sociedade libertadora.
> Á par de tudo isso prospera o commercio cujas relações de dia para dia se dilata.
> Si houver abnegação, continuae a perseverança na sustentação de tantos melhoramentos, em breve se transfomará a Granja - Arborisação da praça do mercado.[82]

[79] Os únicos exemplares encontrados são: o número 7, do dia 20 de fevereiro de 1881; o número sequente 8, do dia 27 de fevereiro; e um terceiro, de número 35, quase sete meses depois, no dia 25 de setembro do mesmo ano. Acervo do NEDHIS, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA. Também digitalizados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.
[80] NOTICIARIO. *Cearense*. Fortaleza, ano 34, n. 86, 20 ago. 1880, p. 3.
[81] CARDOSO, 2016, p. 38.
[82] PROGRESSOS da Granja. *Gazeta do Norte*. Fortaleza, ano 1, n. 122, 05 jun. 1881, p. 2.

Para o *Granjense*, a representação de progresso e civilização da cidade incluía, entre as mudanças econômicas e urbanas, o próprio jornal e os projetos em torno do Gabinete. Como propagador dos ideais do Gabinete, o *Granjense* assumiu também uma postura editorial antiescravagista, colocando em seus discursos a escravidão como um empecilho a marcha do progresso: "a empreza offerece gratuitamente suas paginas aos que se empenhão na luta contra a escravidão"[83]. O periódico vai somar força a outro grande aparelho daquele grupo da elite granjense, uma sociedade libertadora, conclamando a população da Granja a buscar as conquistas da civilização moderna:

> Quando todos os corações patriotas se combinão para arrancar as ultimas raizes apodrecidas da escravidão, polypo monstruoso que ainda envergonha o Brazil à face das nações civilisadas, é justo que o generoso povo Granjense se associe à esta revolução sagrada e humanitaria que, rompendo os preconceitos, apenas destingue o homem pelas manifestações de seos atributos.[84]

Assim, o último projeto implantado pelo grupo do Gabinete foi a Sociedade Granjense Libertadora. "A magnitude do projeto, dispensa todo encarecimento á idea generosa e civilizadora que vai conflagrando o coração brasileiro"[85], dizia o convite no jornal da instituição, chamando a população para sua instalação em 27 de fevereiro de 1881. Repetiam-lhe na direção, os nomes de sempre: Antônio Augusto, Francisco Napoleão, Ignácio Fortuna e Antônio Frederico de Carvalho Mota.

Como etapa do progresso, aquela sociedade promoveu o fim da escravidão dentro dos aparelhos de instrução do Gabinete, inclusive no curso popular, assim como arrecadou fundos para alforriar pessoas escravizadas:

> A Libertadora Granjense – fazendo um apelo aos sentimentos de humanidade da população promoveo uma subscripção com que tem de ser libertada a escrava Raymunda de 35 anos de idade, do Sr. Capitão Sergio da Motta por 130$000.
> - O Sr. Antonio Frederico de Carvalho Motta, commissionado pela "Libertadora Granjense", da qual é socio, promoveo a libertação do escravo Vicente, de Manoel Carneiro de Santa'Anna.
> - No dia 26 o Dr. Juiz Municipal entregará em audiência as cartas de liberdade aos 17 escravos que forão beneficiados pelo fundo de emancipação.[86]

Para os abolicionistas, o fim da escravidão levaria o país ao desenvolvimento social, político e econômico, não se explicando exclusivamente em termos de defesa de um grupo menos favorecido. A atuação do grupo da Granja de maneira alguma pode ser

[83] GRANJENSE, *Granjense*. Granja, ano 2, n. 07, 20 fev. 1881, p. 2.
[84] NOTÍCIAS, *Granjense*. Granja, ano 2, n. 7, 20 fev. 1881, p. 2.
[85] GRANJENSE, Granja, ano 2, n. 8, 27 fev. 1881.
[86] NOTICIAS, *Gazeta do Norte*. Fortaleza, ano 2, n. 253, 25 nov. 1881, p. 2.

desassociada aos cuidados que eles mantinham aos interesses comerciais e econômicos dos membros, que vinham à frente de qualquer ideal.

A presença do Carvalho Motta nessa lista, chamou atenção de seu biógrafo, José Xavier Filho, que dizia que ao mesmo tempo em que doava 10$000 reis para a Libertadora, mantinha um comércio de escravos e tinha seus próprios escravizados. "[...] o Coronel Carvalho Motta estava a acender uma vela a Deus e outra ao diabo no duplo papel de negociante de escravos e seu pretenso libertador."[87]. O capitalista, assim como outros membros da comissão, era dono de escravos, esses agentes se atentaram ao controle dos rumos da campanha abolicionista e se anteciparam em ganhar alguma vantagem. Importava naquele momento muito mais controlar e manter barata a mão-de-obra do trabalho livre, já empregada em seus comércios.

> Nesse sentido, não havia necessidade de apegar-se ao trabalho servil, o que se fez a entender por parte dos abolicionistas locais, comerciantes, intelectuais e outros segmentos urbanos emergentes que aquela realidade era favorável ao empreendimento civilizador[88].

Junto às transformações ocorriam no meio físico, ideias efervescentes oriundas do conhecimento científico e racionalismo chegavam à cidade. Mais que isso, elas serviram de base ideológica para fomentar o surgimento de aparelhos ligados à instrução e letramento, criados por um grupo dominante que buscava debaixo dos signos do progresso e civilização conservar seu poder e controle. Dentre esses projetos, falou-se muito pouco da escola noturna do Gabinete, tão importante quanto os demais, por qual se reservou o momento seguinte para discutir sobre.

2.3 "Uma virgem de mármore dormindo": o curso popular do Gabinete e os discursos sobre sua geração.

No final do século XIX, Granja possuía quatro escolas, todas de ensino regular, de primeiras letras e públicas: duas do sexo masculino, uma de 1827 e a outra de 1868; uma para o sexo feminino, de 1846; e a última, criada em 29 de julho de 1880, uma classe mista. Mas seria um curso noturno, da iniciativa privada e que duraria um pouco mais de dois anos, o maior referencial de ensino daquele século.

---

[87] XAVIER FILHO, 2010, p. 52.
[88] CARDOSO. 2016, p. 118.

No Brasil, inclusive no Ceará, as preocupações de ordem científica e urbana, advindas do crescimento das cidades e o aumento frenético da população, pressionaram o poder público a se atentar para a instrução da população.

> [...]por meio de campanhas educativas nas quais se exaltavam princípios como a positividade do trabalho, do modelo familiar nuclear, da economia, da moralidade e da religião. Cada vez mais a "pobreza" e a "mendicância" eram associadas, nos discursos de médicos e higienistas, a "vícios" e "degenerações" humanas. [...] Nesse contexto, difundiu-se a idéia de que a educação das classes populares seria um poderoso instrumento de "regeneração social"[89].

A educação da classe popular serviria para resolver "problemas" como desrespeitos às normas vigentes, de vadiagem, vícios, que afetavam a urbanidade e atingia inclusive à classe dominante.

Em Granja, a discussão sobre a educação da classe trabalhadora, que não conseguia frequentar o ensino regular, chegou através do empenho do poder público. Uma tentativa de se fazer um curso noturno na cidade foi apresentada através da Lei Nº 1.842, de 24 de setembro de 1879, promulgada pelo presidente da província José Júlio Albuquerque Barros, que resumidamente dizia:

> Fica igualmente creadas em uma das escolas de Maranguape, Baturité, Aracaty, **Granja**, Ico e Crato, um curso elementar. Os cursos serão regidos pelos respectivos professores, entre as 6 às 9 horas da noite. Poderão matrícular neles indivíduos maiores de 14 anos de idade com atestados de boa conduta civil e moral, passado pelo vigário. Os professores terão uma gratificação mensal de 30$000 (de 21 a 30 alunos de frequência efetiva); de 40$000 (de 31 a 40); de 50$000 (de mais de 50 alunos). Não funcionarão os cursos quando tiverem frequência inferior a 20 alunos.[90]

O curso não foi instalado. O presidente explicou em relatório que seria mais "[...] conveniente aguardar o restabelecimento das condições normaes da provincia para execução d'este melhoramento"[91], se referindo a Seca.

Mas assim como a educação popular era um interesse do poder público, a filantropia no final do século XIX também tinha desejo de intervir em questões educativas, nos hábitos e disciplina das classes consideradas inferiores, até mesmo "classes perigosas". O que estava na ordem dos programas civilizatórios daqueles homens que provisionaram o Gabinete Granjense de Leitura.

---

[89] GONDRA, 2008, p. 75.
[90] MOACYR, P. *A Instrução e as Províncias: subsídios para a História da Educação no Brasil – 1834 a 1889.* Volume I, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p. 365, grifo nosso.
[91] CEARÁ. *Falla com que o exm. sr. dr. José Julio de Albuquerque Barros, presidente da provincia do Ceará, abriu a 1ª. sessão da 25ª legislatura da Assembleia Provincial*. Fortaleza: Tipologia Brasileira, 1880, p. 32.

2.3.1 O curso noturno do Gabinete

O curso popular noturno foi o instrumento de controle social mais eficiente daquele grupo. Os dois aparelhos, gabinete e curso, eram atrelados e foram criados concomitantemente, através da Sociedade Propagadora de Instrução Pública, na noite de 28 de junho de 1880. Era uma meta dos gabinetes possuir um curso de educação popular, essa complementaridade era almejada em outras instituições como aquela, "fazendo parte do repertório de projetos e ações da parte dos homens de letras da região norte do Ceará no sentido de promover a alfabetização e prática da leitura em suas cidades."[92].

A escola era destinada a menores pobres e trabalhadores, imbuída de caráter filantrópico e beneficente que ia além do letramento. Incluía na meta pedagógica evitar os "desvios de comportamento", dentro da lógica civilizatória de controle e disciplina das classes populares no espaço urbano.

O curso e o Gabinete compartilhavam os mesmos sócios e fundadores, que acumulavam a tarefa de ministrar aulas de primeiras letras, português, geografia e história, mesmo sem formação docente. Eles possuíam as qualidades necessárias para concretizar uma importante finalidade do curso: incutir valores nos alunos, tão importante quanto alfabetizar, ilustrando-os pela instrução, formando-os dentro do dever cívico-patriótico para que pudessem contribuir na construção de uma nação civilizada.

Além de Antônio Augusto de Vasconcelos, diretor e fundador da escola, formado em Direito, também se propôs a dar aula o juiz de direito José Joaquim Domingues Carneiro (1826-1915), o juiz municipal Manoel Thomaz de Barros Campello, o farmacêutico Francisco das Chagas Araújo, os comerciantes Valdemiro Moreira, Antônio Joaquim Maia e José Furtado Cavalcante. Também contaram com colaboradores externos à instituição, que se propuseram a lecionar no curso por algum período.

No final do primeiro ano letivo, 1880, os jornais colaboradores dos projetos granjenses anunciavam que a frequência da escola popular chegava a 50 estudantes[93], considerada um sucesso, suficiente para mais ano letivo em 1881, que iniciou em 24 de janeiro. No relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial daquele ano, o senador Pedro Leão Velloso relata na seção *Ensino Particular* que "na Granja ha cursos nocturno de lingua nacional com 71 matriculas: de geographia com 25 e de historia com 15, sob a direcção

[92] LIMA, 2011, p. 88.
[93] GRANJA, *Gazeta do Norte*. Fortaleza, ano 1, n. 122, 04 nov. 1880, p.2.

do Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos"[94]. Em outro momento o relator descreve com entusiasmo ter presenciado a experiência granjense:

> Tive occazião de assistir à sessão solemne na qual a Sociedade teve a bondade de conferir-me o título de seu sócio honorário.
> [...]
> Vi serem examinados em geographia e historia alumnos que quatro mezes antes não tinhão noções das sciencias sobre que responderam satisfatoriamente.
> Há ali um foco de luz, que promete benéficas irradiações, desde que não faltar animação e conforto à boa vontade dos que o institupiram[95].

Apesar do reconhecimento e votos de prosperidade do poder público, o curso teve dificuldades de se manter funcionando naquele ano de 1881. No *Cearense* de 13 de setembro, é replicada uma lamentação do *Granjense*, alegando que da subvenção de 250$000, votada pela Assembléia Provincial em favor do Gabinete, havia-se recebido apenas 100$000. Também lamentava que mesmo a Câmara Municipal tendo autorizado o pagamento dos 150$000 restantes, isso não ocorrera "por causa de esforços ingratos que procuram desvirtuar o mérito e a vantagem incontestável da humanitária instituição que tantos benefícios já tem produzido, derramando a instrucção entre o povo"[96]. Era reconhecida a deficiência da instrução pública, àquela altura já admitida como uma necessidade, mas não tratada como dever do Estado[97].

Os problemas levaram ao encerramento das atividades do curso, o que repercutiu negativamente na imprensa fortalezense. Um grupo da Granja chegou a se cotizar e abriu subscrições para a volta das aulas, mas não foi suficiente. A repercussão na imprensa levou ao aparecimento de vários "protetores" da gloriosa iniciativa, como Senador Fleury, Tristão Araripe, Desembargador Lacerda e as redações dos órgãos *Cearense* e *Correio de Natal*. O Dr. Jaguaribe Filho (1847-1926), ao saber do fim tanto do curso como do Gabinete, encaminhou 150$ e dois meios bilhetes da grande loteria da Corte, a quem o grupo disse dever "[...] a ressurreição d'este grande melhoramento moral"[98].

A campanha nos jornais deu ao curso uma sobrevida e no *Granjense* de nº 35, de 25 de setembro de 1881, o diretor Antônio Augusto de Vasconcelos desabafa, "não era de esperar que depois de um anno e quatro mezes de infatigaveis esforços, os homens patriotas da Granja, amantes da instrucção deixassem morrer este padrão de glória cujo passado já é

---

[94] CEARÁ. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Ceará na sessão ordinaria de 1881*: pelo Presidente da Provincia Senador Pedro Leão Velloso. Fortaleza: Typ. do Cearense, 1881, p. 67.
[95] *Ibidem*, p. 69.
[96] DE GRANJA. *Cearense*, Fortaleza, ano 35, n. 195, 13 set. 1881, p. 2.
[97] LIMA, 2018, p. 60.
[98] NOTICIARIO. *Granjense*, Granja, ano 2, n. 35, 25 set. 1881, p. 2.

uma honra para seos instituidores e protectores."[99]. O curso, ainda em funcionamento, já era colocado como algo excepcional, do qual a sociedade granjense perderia muito com o encerramento, pois era dele devedora.

Na apresentação da reabertura e do novo cronograma da instituição, os responsáveis demonstravam o orgulho e os critérios para a tarefa:

> **Aulas nocturnas -** Com a abertura do novo curso popular começarão a funccionar as seguintes aulas:
> Grammatica nacional e Portuguez nas terças e sextas das 7 as 8 pelo Dr. Barros Campello.
> Geographia universal nas segundas e quartas das 7 as 8 pelo director Dr. Antonio Augusto Vasconcellos.
> Recitação e redação nas terças e sextas das 6 as 7 pelo professor Symphonio Ferraz.
> Historia geral e lição de conzas pelo Dr. Antonio Augusto aos sabbados.
> 1ª classe de leitura e escripta pelo Ildefonso Moreira Costa.
> 2ª dita pelo sr. Raymundo Furtado
> 3ª dita pelo sr. José Domingues da Silva.
> Arithmedica nas segundas e quartas pelo sr. João Carlito de Lima das 6 às 7.
> Argumentação geral no fim de cada mez.
> Si forem constantes os professores tudo se deve esperar de suas luzes.
> Basta um pequeno esforço de abnegação e sincero amor pela instrucção popular para se tornarem dignos da gratidão publica.
> O curso se ergue sustentado por uma associação particular[100].

Apesar de contar com o "sincero amor pela instrução" dos colaboradores, o curso necessitava de aporte financeiro para atender demandas que iam além da oferta de aulas. No *Cearense* se anunciava que "com os donativos feitos ao curso nocturno pelos srs. Antonio Martins e Joaquim Olympio de Paiva foram vestidos 48 orphãos indigentes."[101]. As doações não só pagavam os custos de manutenção da escola como forneciam materiais individuais, julgados necessários para manter os necessitados no curso e mitigar a miséria, como roupas e livros escolares de uso individual. O presidente da província, em 1882, Sancho de Barros Pimentel, alegando falta de recurso prometeu livros:

> É digno de animação esse gabinete de leitura, cuja existência é devida principalmente ao amor às lettras e ao trabalho do promotor da Granja, bacharel Antonio Augusto de Vasconcellos. N'elle leccionam-se gratuitamente varias disciplinas, e foi com a maior satisfação que na visita que fiz áquella localidade assisti ás provas de adiantamento dos meninos que frequentam os cursos.
> Na falta de meios para auxilial-o de outro modo, recommendei ao inspector da instrucção publica que o contemplasse na distribuição dos livros de instrucção primaria que auctorizei por conta da verba competente.[102]

---

[99] *Ibidem.*
[100] *Ibidem.*
[101] NOTICIARIO, *Cearense*, Fortaleza, n. 213, 06 out. 1881, p. 2.
[102] CEARÁ. *Relatório apresentado a Assemblea Provincial do Ceará na sessão ordinaria de 1882*: pelo Presidente da Provincia Dr. Sancho de Barros Pimentel. Fortaleza: Typ. do Cearense, 1882, p. 27.

Em junho de 1882, Antônio Augusto de Vasconcelos deixou Granja, e com sua saída, findaram-se todos os projetos que iniciou. O ex-promotor da Granja foi promovido a juiz de Aracati, transferido depois para Pereiro-CE, onde também fundou uma escola e gabinete, chegando, em 1887, a ser nomeado diretor da Biblioteca Pública do Ceará. Vasconcelos construiu uma trajetória dentro do magistério e da intelectualidade cearense, sedimentada desde jovem bacharel, como se notou, ligada ao poder público. Suas iniciativas foram elogiadas e vistas como inovadoras por mais de uma vez e por mais de um presidente da Província. Não seria o único que se beneficiaria ou criaria um capital político em torno dos projetos civilizatórios da Granja. Outros galgaram cargos públicos, posições políticas, levantando a bandeira de civilização, instrução e abolicionismo.

Os donatários obtinham vantagens pessoais diretamente com a oferta do curso popular. Na relação de estudantes que concluíram o ano letivo de 1881, há listado junto a caixeiros e meninos órfãos, nomes de filhos de donos de firmas comerciais, de sócios da própria Sociedade Propagadora da Instrução, ocupantes de cargos públicos, enfim, da mesma elite que sustentava os projetos, nomes que não correspondiam ao grupo direcionado daquelas ações. O curso secundário do Gabinete acomodava os filhos e parentes dos seus sócios, por falta de outro na cidade. Ante a obrigação de mandar o rebento estudar fora, aqueles homens mantinham o controle sobre o ensino dos seus.

No domingo de 04 de dezembro de 1881, seis examinadores aplicaram provas de português, geografia, história antiga, francês e inglês e deram os seguintes resultados:

Tabela 1 - Relação de alunos examinados da escola noturna

Português	
Aluno	**Resultado**
José Frago (sic) de Paula Barreto	distinção
Valdemiro de Barros Cavalcante	distinção
Francisco Lívio da Rocha	plenamente
Francisco Marques de Oliveira	plenamente
Pedro Augusto de Vasconcelos	plenamente
Odonio Procopio (sic) Barreto	distinção
Joaquim Arthur de Carvalho	plenamente
José Alberto da Silva	plenamente
Raimundo Belfort	plenamente
José Jeronimo de Barros	distinção
Francisco Tavares (parcial)	plenamente
Selvio Uchôa (parcial)	plenamente
Raimundo Heraclio de C. (parcial)	plenamente
Geografia	
José Thiago de Paula Barreto	distinção
Valdemiro Cavalcante	distinção

Francisco Lívio da Rocha	plenamente
Pedro Augusto de Vasconcelos	plenamente
Odonio Procopio (sic) Barreto	distinção
José Jeronimo de Barros	plenamente
Joaquim Arthur de Carvalho	plenamente
Josa (sic) Alberto da Silva	plenamente
Raimundo Belfort	plenamente
Francisco Marques	distinção
Francisco Tavares (parcial)	plenamente
Silvio Uchôa (parcial)	plenamente
R. Heraclio de Carvalho (parcial)	plenamente

Fonte: GRANJA, *Gazeta do Norte*, ano. 2, n. 270, 16 dez. 1881, p. 2.

A publicação não detalhou sobre a prova de História, limitou-se em dizer que foi dividida em 12 pontos e todos prestaram exames brilhantes, com distinção. Enquanto os resultados de francês e inglês foram deferidos pela hora adiantada. O diretor autorizou apenas 13 alunos da turma para serem examinados, significando que naquele universo de estudantes, que chegou a ter mais de cem, poucos conseguiam alcançar a fase dos exames.

A evasão dos mais pobres era uma realidade que deixava a empreitada menos gloriosa, mas a presença desse grupo mais rico entres os alunos contribuiu para que uma boa imagem da escola repercutisse. Os dois Carvalho listados eram parentes de Antônio Frederico Carvalho Motta, um dos financiadores do curso, o sobrinho Raimundo Heráclito de Carvalho, formou-se em engenharia de minas, e o irmão, Joaquim Arthur de Carvalho, formado em Farmácia na Bahia, ganhou renome depois de criar o remédio *Gôttas Amargas Arthur de Carvalho*.

Na relação, também figuravam como alunos do curso: Pedro Augusto de Vasconcelos, irmão de Antônio Augusto, idealizador da escola; Lívio Francisco da Rocha, filho do comerciante, político e sócio do gabinete Francisco Livio da Rocha; assim como os outros filhos de comerciantes e políticos locais, Raimundo Belfort Sobrinho, que frequentou a faculdade de Direito, em Fortaleza; José Jerônimo de Barros e Valdemiro Cavalcante, de famílias mais abastadas, com condições financeiras para sustentar a continuação dos estudos fora da cidade. Trajetórias que vão ressoar na memória sobre o curso popular.

Na lista dos examinados, também há nomes do considerado público-alvo do curso, trabalhadores do comércio, que labutavam durante o dia, como é o caso dos caixeiros Francisco Marques e os irmãos Barreto, Ordônio e José Thiago, que apesar das adversidades, concluíram o curso. Os três permaneceram no comércio, embora José Thiago Barreto tenha tentado prosseguir com a sua formação escolar. Seu pai pediu um financiamento junto ao governo: "- Um dito José Soares Barreto, morador na Granja, [requeriu] uma subvenção de 300$000 anuais por espaço de 5 anos afim de mandar estudar a seu filho José Thiago de Paula

Barreto, as comissões de justiça e orçamento provincial"[103]. No entanto, o caixeiro acabou se tornando o arrimo da família, depois da morte do pai, não chegando à faculdade e continuando trabalhando no comércio.

Mas naquele dia de aplicação de provas o clima era de regozijo e conquista, na culminância havia música nos intervalos entre um exame e outro e discursos no final da etapa, proferidos por Antônio Augusto e José Domingues, enaltecendo as vantagens da instrução. Em meio à leitura das notas, um aluno chamado Valdemiro Cavalcante, dirigiu-se ao diretor do curso e, em nome da turma, agradeceu os esforços em favor da educação da mocidade granjense.

Cavalcante fundou, com José Thiago Barreto, um jornalzinho naquele último ano escolar, *Ensaio* (1881), nas oficinas do *Granjense*. O orador espontâneo da classe, com 12 anos, aprovado com distinção em todas as provas, aparentava talentos que muitos já notavam, mas o que os presentes talvez não presumiram, era que o próprio Valdemiro, o curso, seus colegas e o ato de fazer jornal se tornariam emblemas daquela geração.

2.3.2 A Geração da Escola do Gabinete

A fim de ajudar na compreensão analítica deste estudo, propõem-se aqui chamar o grupo de agentes sociais, que vivenciou as experiências do período anteriormente citado, de *geração da escola do gabinete*. Já que se considera o conceito de geração do francês Jean-François Sirinelli, especialmente no que se refere ao efeito de idade e acontecimento fundador que agrega os alunos do curso:

> E esses efeitos da idade são às vezes suficientemente poderosos para desembocar em verdadeiros fenômenos de geração, compreendida no sentido de estrato demográfico unido por um acontecimento fundador que por isso mesmo adquiriu uma existência autônoma. Por certo, as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência[104].

Esses agentes acabaram sendo marcados, em suas trajetórias, pelo contato inicial no curso, que contribuiu para suas iniciações e gosto pelas letras. A aproximação na escola e o interesse pelo estudo e formação intelectual acabaram identificando aqueles homens.

---

[103] ASSEMBLEIA Provincial. *Gazeta do Norte*, Fortaleza, ano 3, n. 151, 12 jul. 1882, p. 3.
[104] SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. *In*: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 255.

As práticas letradas se desenvolveram intensamente com o surgimento do Gabinete de Leitura, com o letramento na escola noturna e o princípio da imprensa local, com o jornal *Granjense*. Com o fim dessas iniciativas, aqueles agentes, antes assistidos, tomaram o protagonismo da produção escrita e intelectual da cidade. Na historiografia local, o período referido passou a ser descrito como um momento de inflexão no desenvolvimento educacional e intelectual da Granja. No início do século XX, o efeito desse discurso foi institucionalizado no espaço urbano, na parte central da cidade diversas praças e ruas receberam nomes relacionados ao curso e Gabinete, tanto de seus idealizadores quanto dos frequentadores do curso noturno, homenagens que se conservam até hoje.

Mas o que estabeleceu a imagem daquela geração nos discursos foi, essencialmente, o envolvimento dos alunos do Gabinete com as práticas letradas. Uma parte significativa dos oriundos do curso protagonizou a produção impressa no final do século XIX na cidade. Além disso, à medida que iam ganhando notoriedade nos círculos letrados no restante do estado, principalmente na capital, a exemplo de Valdemiro Cavalcante, Raimundo Belfort Sobrinho, Thiago Ribas e Lívio Barreto, eram associados ao curso e ao Gabinete. No *Dicionario Bio-bilbliografico*[105] do Barão de Studart, que elegeu na concepção do autor os maiores notáveis cearenses e serviu de instrumento embasador do discurso de distinção daquela geração, os anos de estudo na Granja eram destacados nas biografias desses granjenses. Estudar com o Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos e na escola do Gabinete merecia sempre menção, assim como estudar com outro personagem que se confunde com o curso, o professor Garcez.

Francisco José Garcez dos Santos (1851-1918), vinha de família granjense tradicional e próspera, seu pai era o comerciante e político, chamado de capitão, Joaquim Francisco Garcez dos Santos. O professor se diplomou em Fortaleza, em 1875, ocupou uma cadeira escolar no distrito granjense de Ibuaçu até assumir a 1ª cadeira do sexo masculino na cidade de Granja, entre 1876 a 1911, quando se aposentou[106]. Não consta em nenhuma relação sobre o curso noturno que o professor tenha ministrado aulas nele, embora em três ocasiões participou de diretorias do Gabinete, ocupando os cargos de secretário e procurador. Contudo, Francisco Garcez estava associado aos esforços de educar a população granjense no final do século junto a SPIP, sua escola pública para meninos antecedia o nível e a idade para o curso popular, formando um projeto conjunto de educação, o que associou a imagem de Garcez ao

[105] *Cf.* STUDART, Guilherme. *Dicionário BioBibliográfico Cearense*, I, II e III, Edição fac-símile. Fortaleza: Secult, 2012.
[106] MARTINS, 1912, p 353-154.

curso e sua geração. Um cronista escreveu no final do século XX, "na cidade de Granja há um monumento erigido ao prof. Francisco Garcez, educador de uma geração de homens ilustres, cultores das letras, artes e ciências"[107].

Contribuiu para o discurso sobre a formação dessa geração, os relatos biográficos feitos na ocasião da morte de Lívio Barreto (1870-1895). O granjense, irmão de José Thiago e Ordônio Barreto, também estudou na escola do Gabinete e com o professor Francisco Garcez. Ele ganhou notoriedade ao se tornar um dos fundadores da Padaria Espiritual (1892-1898) e ao publicarem seu único livro, *Dolentes* (1897). Os amigos conterrâneos e confrades de Padaria, Arthur Teófilo e Valdemiro Cavalcante, escreveram textos em ocasião da sua morte, que depois foram reproduzidos no prefácio do seu livro póstumo. Textos que embasam todos os estudos sobre Lívio Barreto e contribuíram para criar uma memória daquele que passou a ser considerado o grande poeta da Granja e o exemplo de sucesso da geração.

O artigo de Artur Teófilo relata minuciosos detalhes e datas sobre a vida de Lívio, dizendo ter o poeta aprendido com o professor Francisco José Garcez dos Santos as primeiras letras e participado da escola do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, "que soube aproveitar as suas excelentes qualidades de educador, ensinando a um punhado de rapazes esperançosos de Granja ligeiros conhecimento de português, geografia e francês."[108]. Mesmo assim, Valdemiro Cavalcante retoma o assunto da vida escolar de Lívio Barreto no mesmo prefácio, incluindo a si mesmo em um grupo:

> Éramos um forte grupo de meninos, formando uma família unida e disciplinada nos estudos e nos brinquedos, dela fazendo parte uma criança franzina, de olhos vivos, nervosa e contemplativa, revelando sempre aproveitamento nas aulas que acompanhava na Escola de nosso querido mestre Francisco Garcez e no Gabinete de Leitura Granjense, dirigido pelo ilustre Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos
> De pouca duração, porém, foi essa convivência cheia de estímulos, de amor e de invejável fraternidade.
> A luta pela vida determinara a dispersão desse formoso grupo que deu homens às letras, ao comércio, à burocracia e às indústrias[109].

Essa última afirmação de Cavalcante fundamentou a ideia sobre aquela geração na dita história oficial da Granja. Uma historiografia construída durante o século XX, iniciada a partir dos três tomos do *Noticia Histórica–chorographica da Comarca de Granja*[110], publicados na Revista do Instituto do Ceará, em 1911, 1912 e 1915, escritos pelo sócio da

[107] MOTA, Victor Hugo. *As Marcas da Terra.* Fortaleza: Multigraf Editora, 1993.
[108] TEÓFILO, Artur. Lívio Barreto. *In*: BARRETO, Lívio. *Dolentes*. Fortaleza: Edições UFC/Secult, 2009, p. 232.
[109] CAVALCANTE, Valdemiro. Lívio Barreto. *In*: BARRETO, Lívio. *Dolentes*. Fortaleza: Edições UFC/Secult, 2009, p. 229.
[110] Tomo XXV, ano 1911; Tomo XXVI, Ano 1912 e Tomo XXIX, Ano 1915.

instituição e pároco da cidade no período, Vicente Martins da Costa. Esse é o primeiro trabalho monográfico conhecido sobre a história do município e por muito tempo a única referência.

A produção de livros sobre história da Granja praticamente inexistiu durante o século XX, a escrita de uma história local foi muito precária e não chegava à impressão e divulgação. Apenas alguns livros de genealogia e memórias trataram sobre o tema e circulou pela cidade em pequenos circuitos[111]. A população encontra sobre a história do município em livros de história geral do Ceará, textos de matérias de jornais, artigos de revistas, almanaques, livros enciclopédicos, sem muitas novidades de documentação e abordagem, em geral reproduções dos trabalhos de Vicente Martins. Uma significativa produção bibliográfica vai aparecer apenas na década de 1990, quando o poder público incentivou a publicação de obras literárias e historiográficas, destacando-se as pesquisas de André Frota de Oliveira e Haroldo Ximenes[112]. No século XXI, o patronato do Instituto José Xavier (IJX), instituição cultural sediada em Granja, vai financiar a impressão de outra leva de livros de literatura e história, destacando os trabalhos de José Xavier Filho[113].Todas essas produções fizeram referências ou copiaram trechos das narrativas contadas por Vicente Martins, que determinou como escrever a história da Granja.

Retomando o assunto aqui focado, os artigos do padre-historiador desencadearam a adoção de características que seriam replicadas como identidade do granjense, "o povo é ordeiro, intelligente, industrioso, sociavel, hospitaleiro, amante da paz, da boa ordem e do progresso. Gosta das letras e muito especial das artes"[114], particularidades advindas do seu tempo de escrita, ainda embevecido pelos acontecimentos do final do século XIX, que de certa forma não tinha totalmente dissipado seu impacto. Também sob a influência da existência da Sociedade Filarmônica Granjense, garantiu "o que porem mais caracterisa o genio do povo granjense e o põe em destaque dos das localidades visinhas é o gosto que em geral se nota pela cultura da musica"[115]. Estabelecendo o gosto pelas letras, artes e música como uma identidade do granjense.

---

[111] Em 1974, Lívio Xavier lança suas memórias "Infância na Granja", uma tiragem reduzida, limitada para amigos e familiares. No começo da década de 1980, *A Marcha do Tempo*: os Fontenele (1981), de A. Batista Fontenele, foi um tímido esboço de história da Granja, enfeixado em livro, mas que não passou de umas dezenas de biografias reproduzidas de outros autores e uma genealogia da família Fontenele.

[112] André Frota de Oliveira publicou *A Estrada de Ferro de Sobral* (1994), *Fortificação Holandesa em Camocim* (1995), *Quadros da História de Granja no século XIX* (1996); Haroldo Ximenes publicou *Origem e Evolução de Granja* (1996).

[113] José Xavier Filho publicou: *Ignácio Xavier & Cia.* (2008), *Carvalho Motta:* capitalista e governador (2010).

[114] MARTINS, 1912, p. 343.

[115] *Ibidem*, p. 344.

Vicente Martins também produziu uma lista de "vultos de Granja", com pequenas biografias, relacionando muitos nomes da geração aqui estudada, reconhecendo como granjense importante, especialmente: os escritores, os jornalistas e os bacharéis. Assim como também fizeram Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, no livro enciclopédico *O Ceará* (1939), que produziu uma lista de "Filhos Ilustres de Granja", repetindo aqueles nomes lembrados pelo padre, mas acrescentando outros à lista, concluindo que a cidade "foi sempre considerada um forte centro de vida cultural tendo produzido homens notaveis nas letras, nas armas e nas artes"[116].

Esses discursos ao longo dos anos vão se modificando e colocando o apogeu intelectual e artístico da cidade no passado. Em meados do século XX, a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* vai enunciar que "a cidade já teve dias memoráveis. Não havia residências de melhor porte que não possuísse o seu piano. O gôsto pelas artes e pelas letras foi a coqueluche das famílias distintas durante muitos anos"[117].

No começo do século XX, o poder público renomeou as ruas e praças da cidade, em vez de Rua do *Riacho Bello*, do *Sipó*, do *Comércio*, da *Viração*, derivados de objetos concretos ligados ao espaço, elas passaram a ter nomes de personalidades, seguindo uma racionalidade "em que os nomes das ruas já não pertencem a simples deslocamentos metonímicos, mas manifestam uma vontade (geralmente honorífica) de recordar acontecimentos ou pessoas eminentes"[118]. Os nomes dos homenageados provinham das listas de "filhos ilustres" do passado, especialmente, aqueles ligados à geração da escola do gabinete. Lívio Barreto e Valdemiro Cavalcante se tornaram nomes das vias paralelas à igreja matriz, em frente ao mesmo templo, construiu-se o jardim *Professor Garcez* (em 1936), outra rua ganhou o nome de *Dr Antônio Augusto*[119] e uma praça *Artur Teófilo*, entre outras.

Além das nomeações de praças e ruas pela cidade, o discurso de uma cidade letrada, voltadas às artes, foi capturado pelo poder público e institucionalizado nos símbolos oficiais do Município, através da Lei 279 de 05/04/1968. Uma lira ilustra o gosto pela música e poesia, como acredita o jornal *Lira Granjense*, ao dizer que "para nós, granjenses, a lira é bem íntima: é um dos nossos símbolos pátrios, aparecendo, ao lado da carnaubeira, em nosso brasão, que figura na bandeira do município"[120]. Enquanto o hino do município possui como letra o soneto "À Terra Granjense", escrito em 1940, pelo então seminarista Osvaldo Chaves,

---

[116] GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará.* Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939. p. 202.
[117] IBGE. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. v. 16, Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
[118] RAMA, 2015, p. 45-46.
[119] Passando depois a se chamar Rua Raimundo Oliveira e depois Conrado Porto.
[120] A LIRA, Lira Granjense nº 1. *In*: MAGALHÃES, Pedro; DUTRA, Lira (orgs.). **Lira Granjense**: jornal literário. Granja: IJX/Tecnograf, 2014.

que coloca a cidade como pertencendo a um poeta, ecoando no refrão “Granja de Lívio Barreto, rica terra abençoada".

Figura 5 - Bandeira do Município de Granja

Fonte: Prefeitura Municipal de Granja, site: https://www.granja.ce.gov.br, acesso em 15 ago. 2022.

Os discursos em torno da memória de uma cidade voltada às artes e letras vão ser reforçados, sobretudo, nas produções literárias, que se retroalimentam em busca de legitimação. No poema-monumento, “Granja dos Séculos”, muito decorado e recitado nas escolas do município e em datas comemorativas, escrito também por Osvaldo Chaves, em 30 de agosto de 1957, remonta uma pequena epopeia do povo granjense, onde o autor encontra no passado o que identifica a cidade do presente:

> [...]
> E eu vejo agora a Granja do passado,
> Redivivo, glorioso, retratado
> Num cenário de sonho.
> Silêncio.
> A noite é tropical. O luar é lindo.
> E a cidade parece
> Uma virgem de mármore dormindo.
> O espírito de Lívio vagueia
> A vigiar-lhe o sono.
> [...][121]

[121] CHAVES, 1986, p. 44.

O cenário de sonho, dentro de uma cidade que se assemelha a uma estátua de mármore, era garantido pelo gosto letrado, validado na quantidade de escritores que Granja produziu, a partir dos eventos que ocorreram no final do século XIX. Só um poeta daquela geração poderia vigiar o sono da virgem que dormia então, um patrono da poesia, já que "a cidade sempre foi reconhecida como um celeiro de poetas"[122].

Esse pensar desceu o rio e chegou à Camocim. O historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos destaca que na produção literária daquela cidade, vizinha à Granja, registrou-se uma rivalidade entre seus jovens, em que os camocinenses eram colocados como espartanos, que preferiam as forças armadas, enquanto "os granjenses se consideravam atenienses por se julgarem cultos [...]"[123]. Longe dos interesses desta pesquisa alimentar rivalidades, mas é inegável a vontade de conhecer esses homens e acontecimentos que deram aos granjenses tamanha perspectiva sobre si. De tanto ver materializado nas ruas e praças da cidade seus nomes, cantar no hino, ler nos livros, recitar nas poesias… o desejo de conhecer essa geração, suas práticas e vivências, incita a produção desta dissertação.

Desejo esse que se pretende realizar nos próximos capítulos.

3 CAPÍTULO II: ENTRE A PENA, O BALCÃO E O ESQUECIMENTO.

Este capítulo analisa a rede de sociabilidade intelectual e a conquista da cultura impressa. Nele, desenvolveu-se uma história cultural da imprensa local, em seus primeiros anos (1881-1896), evidenciando os sujeitos que produziram os periódicos, seus redatores, colaboradores, compreendendo as circunstâncias em que funcionaram, as tensões, os subgrupos surgidos e os desfeitos para levar ao prelo os pequenos jornais. Assim, ao pesquisar as trajetórias dos letrados, observou-se que eles se dividiram entre forças cooptadoras, sendo três delas aqui destacadas: o mundo das letras (imprensa/literatura), a ascensão pública (comércio/política) e o esquecimento (migração/desaparecimento histórico).

3.1 A conquista do protagonismo impresso: jornais e sociabilidades

As práticas letradas na cidade de Granja, no final do século XIX, estavam diretamente relacionadas às ideias sedimentadas pelos projetos civilizatórios e de instrução do

[122] XAVIER FILHO, J. Apresentação. *In*: MAGALHÃES, Pedro (org.). *Novos poetas granjenses.* Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, p. 3.
[123] SANTOS, 2014, p. 59.

início da década de 1880 (estudados no capítulo I). A partir desses movimentos, novas sociabilidades e práticas culturais foram experimentadas na cidade. O jornalismo, sobretudo, desenvolveu-se dentro de uma rede de sociabilidade protagonizada por agentes oriundos daqueles projetos. Um grupo unido por uma relação ideológica e afetiva engrenou o microorganismo da imprensa periódica, e, através dela, inseriu-se na vida literária e ocupou o espaço público.

Para compreender esse grupo, utiliza-se como estratégia metodológica o conceito de *rede de sociabilidade*, o que, para o francês Jean-François Sirinelli, inicia-se a partir dos encontros de intelectuais no seio de um "pequeno mundo estreito" [124]. Observando assim as redações dos jornais granjenses como lugar privilegiado do funcionamento de redes, já que aqueles letrados se organizaram nelas por uma sensibilidade ideológica e cultural comum, aqui compreendida como as práticas letradas. Foi a necessidade de escrever e ser lido que levou aquela geração de homens a produzir impressos, pela qual se fez essa cosmogonia.

Como exposto, o primeiro jornal da cidade foi o *Granjense* (1880-1881), com número inaugural de 11 de agosto de 1880, uma empreitada de Valdemiro Moreira e Antônio Augusto de Vasconcelos. Ao passo que agia como órgão dos interesses do Gabinete, seu primeiro público era os frequentadores da escola noturna, incitados a absorver a propaganda que os financiadores dos projetos civilizatórios incutiam através da leitura. O *Granjense* não era o único periódico que aqueles agentes consumiam enquanto estudantes, entretanto, era o primeiro contato com um impresso direcionado à vida urbana granjense que tiveram. O órgão também representou o inicial contato com uma redação, o primeiro vislumbre com o maquinário e uma concepção tipográfica de jornal, sendo modelo dos trabalhos iniciais na composição das futuras folhas, dependendo, inclusive, do material e técnica tipográficos do *Granjense*.

A incipiente imprensa na cidade é caracterizada por folhas redigidas por uma reduzida equipe, com pequenas tiragens, para um público restrito, mas que não deixa de possuir articulação com a vida social tal qual jornais de grande circulação[125]. Por seu caráter, essa imprensa se impõe como um desafio ao ser pesquisada, geralmente por possuir grande quantidade de títulos, com um único ou poucos exemplares, que as intempéries do tempo não resguardou. O que é o caso aqui, em que se recorre às análises das trajetórias dos agentes sociais, confrontando-as com poucos exemplares preservados e fontes como dicionários

[124] SIRINELLI, 2003, p. 255.
[125] Sobre trabalhar com esse tipo de imprensa, *Cf.* CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

enciclopédicos e catálogos, a exemplo dos trabalhos do Barão de Studart[126] e de Geraldo Nobre[127].

Em Granja, com pequenas tiragens e efêmera duração, depois do primeiro jornal da cidade, surgiram nas duas últimas décadas do século XIX: *Ensaio* (1881), *Gazeta da Granja* (1881-1882), *O Commercio* (1882), *Iracema* (1887), *A Luz* (1892), *O Batel* (1892), *Jornal da Granja*, renomeado depois como *Reforma* (1894), *Facho* (1896) e *O Trabalho* (1896).

Saindo das oficinas do *Granjense*, redigido pelos alunos da escola do Gabinete, Valdemiro Cavalcante, com 12 anos, e José Barreto[128], com 16 anos, foi publicado o jornalzinho *Ensaio*, em 1881. O título se torna simbólico, já que essas pequenas folhas, no interior do Ceará, são entendidas como estreia na imprensa de homens que iriam atuar na capital de forma mais intensa depois, como Cavalcante, que se tornou um dos mais influentes jornalistas do Ceará. O jornalzinho foi o ensaio das conexões que iriam unir o grupo pós-escola, embora Valdemiro Cavalcante tenha saído da cidade, seu companheiro, José Barreto, retomaria a atuação nos jornais, atando laços daquela rede.

Ainda na mesma tipografia, foi impressa a *Gazeta da Granja*[129], com primeiro número de 11 de dezembro de 1881[130], projeto de Antônio Augusto de Vasconcelos paralelo ao *Granjense*, que circulou entre o fim de 1881 e começo de 1882, mas que não se sabe do que tratava. Assim como *O Commercio*, um semanário infantil de 1882, redigido por Francisco Zeferino da Motta[131], sem mais informação. Contudo, pode-se dizer que a fase embrionária da imprensa na cidade foi tutelada, seja por meios tecnológicos, seja por ideológicos, pela presença do Gabinete.

Mas, alegando "não poder vencer as dificuldades da empresa", Valdemiro Moreira rescindiu o acordo de uso da tipografia do *Granjense* com seu dono, o capitalista José Firmo Ferreira da Frota, que segundo Guilherme Studart, vendeu a prensa por 1:100$ à empresa que montou o jornal *Município de Sant'Anna*", de José Mendes[132]. Era o fim da primeira oficina tipográfica da Granja.

As dificuldades em manter uma tipografia, mesmo cooptada para projetos de interesses de uma elite, chama atenção para o financiamento dessas folhas. Os jornais no fim

[126] *Cf.* STUDART, 1924.
[127] *Cf.* NOBRE, G. S. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.
[128] STUDART, *op. cit.*, p. 80.
[129] *Ibidem*, p. 79.
[130] NOTICIAS da Granja. **Cearense**, Fortaleza, ano 36, n. 278, 23 dez. 1881, p. 2.
[131] MARTINS, 1912, p. 147.
[132] STUDART, 1924, p.73.

de século no Ceará, eram mantidos ou por facções partidárias ou por grupos organizados, de intelectuais ou trabalhadores, que se associavam, já que não possuíam apelo comercial. Com o fim do Gabinete e seu jornal, a sociedade granjense demorou cinco anos para possuir novamente outra folha local.

Diferentemente do que acontecia na capital do estado no mesmo período, a imprensa granjense não foi financiada, a princípio, como espaço de debates político-partidários. Embora, como se verá mais adiante, ela tenha sido usada pelos próprios letrados para seus particulares interesses políticos.

> Se, nos últimos tempos da Monarquia, o jornalismo cearense se apresentava cada vez menos político, embora os principais órgãos continuassem com essa orientação, nem por isso se acentuava nele o caráter noticioso, certamente por força dos compromissos do público, em grande maioria, com a imprensa partidária. O número deveras elevado de periódicos estava em relação com outras atividades, sobressaindo as literárias[133].

Predominou na cidade as pequenas folhas "noticiosas e literárias", com intuito de formar leitores, e talvez por isso, por não possuir um aparato financeiro, não duravam mais que um semestre. Somente depois da virada de século, um partido sustentaria um jornal para seu uso faccioso, *O Tempo* (1906-1909), que se tornou o órgão mais longevo até então, circulando por três anos a serviço dos interesses do coronel Salustiano Moreira (1832-1910).

Mas no século XIX, as facções político-partidárias da Granja não tinham condições ou interesse em manter uma tipografia para influir na sociedade local. Apesar de reconhecer a necessidade do debate público, preferiam fazê-lo a partir dos jornais de Fortaleza. Talvez causando mais efeito e custando muito menos.

Os maiores jornais da capital chegavam à cidade através do porto e ferrovia, com dois dias de atraso da publicação, no mínimo. Neles, os partidários granjenses constituíam suas arenas para as polêmicas, travavam disputas entre o Partido Liberal, liderado por Inácio Fortuna, e o Partido Conservador, que tinha entre os adeptos Salustiano Moreira e membros da família Mota. Em plena campanha abolicionista cearense, os periódicos fortalezenses *Libertador* e *Constituição* atacavam o chefe liberal granjense, Inácio Fortuna, que, por sua vez, era defendido nas páginas do *Cearense*, do qual era correspondente na cidade. "O ódio tornou-se um frequente instrumento de ação sobre o público leitor em vias de formar a

[133] NOBRE, 1974, p. 112.

opinião"[134] e as questões locais eram levantadas e introduzidas dentro do jogo de ataques caluniosos e difamatórios que caracterizou a imprensa facciosa naquele período.

Então, quando Antônio Bezerra de Menezes visitou Granja, no final de setembro de 1884, ficou decepcionado com a falta de jornal da cidade:

> De outras informações que pude colher nos poucos dias que ainda me demorei, soube que aqui existia um periódico denominado Granjense, que desaparecera cerca de três anos.
> Não se pudera manter com os recursos da localidade, se bem que houvesse prestado os melhores serviços.[135]

Emendando ao relato, Menezes aproveitou para panfletar sobre a importância da imprensa, alçando-a ao posto de "o livro do povo". As dificuldades em manter o *Granjense* talvez tenham sido ditas ao viajante por seu próprio editor, Valdemiro Moreira, que encontrou o escritor no trem, chegando à Granja, e o convidou para se hospedar em sua casa. Naquele mesmo ano, Moreira tinha sido eleito pela primeira vez deputado provincial, depois de usar para fins eleitoreiros seu engajamento no movimento abolicionista, propagado no jornal *Granjense* e, principalmente, nos da capital. Não havia jornais na cidade, mas isso não significava que a sua população estava alheia aos assuntos impressos.

Os políticos não eram os únicos que utilizavam a imprensa da capital para levar à esfera pública suas ideias e discussões. Moradores comuns também assim o faziam, inclusive, com os mesmos intuitos dos facciosos partidários: difamar e caluniar desavenças. Tanto que, no domingo de 28 de setembro de 1884[136], Antônio Bezerra se encontrou na cidade com uma figura quase folclórica, renomada através da tinta impressa, o professor José Eleutério da Silva (1808-1893). Aquele era um dos moradores que possuía a necessidade de participar do debate público, compreendendo e usando a imprensa para polemizar sobre os mais diversos temas. Entre os anos de 1850 a 1889 encaminhou notícias, notas obituárias, crônicas e artigos de opinião para jornais da capital cearense, atuando na vida jornalística da província mesmo fora do seu centro tipográfico[137]. Eleutério se tornou um dos mais notáveis colaboradores do interior da história do jornalismo do Ceará, como reconhece Nobre[138]. Trinta anos antes de

---

[134] CARDOSO, G. P. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador:** "Luzes", seca e abolicionismo em Fortaleza (1873-1904). Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2016, p. 32.
[135] MENEZES, 1965, p. 59.
[136] *Ibidem*, p. 55.
[137] PASSOS, E. "Viva Deus e a Pátria!": José Eleutério da Silva, um ufanista na imprensa cearense do século XIX. *In*: **Anais Eletrônico do XIII Encontro Estadual de História:** História e mídias: narrativas em disputas. Recife: ANPUH-PE, 2020.
[138] NOBRE, 1974, p. 19.

Granja possuir imprensa, um morador dela conseguiu estabelecer uma periodicidade em suas publicações, debatendo, ofendendo e sendo ofendido.

Mas, se os diversos usos políticos da imprensa não interessavam suficientemente a ponto de manter um órgão local, em Granja, também faltavam outras forças que mobilizassem a implantação de outro tipo de imprensa, como agremiações e sociedades que aparelhassem periódicos, aos moldes da capital. Com o fim do Gabinete de Leitura, não surgiu nenhuma associação formal, com interesse no jornalismo na Granja oitocentista[139]. As redações que surgiram com o fim do *Granjense* se formaram a partir de uma oportunidade de impressão, por jovens rapazes que utilizavam os impressos para divulgar suas produções literárias e outros interesses, sem obedecer a estatutos ou projetos institucionalizados.

Ao contrário dos políticos e polemistas granjenses, os iniciantes literatos, interessados em divulgar produções artísticas, não encontraram a mesma abertura nos jornais da capital. A ausência, naquelas folhas, de nomes e literatura dos moradores do município, demonstra que a imprensa fortalezense desconhecia o fenômeno que surgia no sertão mais ao norte cearense, sem influência e repercussão. Com dificuldade de se inserir no mesmo espaço em que chefes políticos e seus empregadores mantinham prestígios, jovens literatos instituíram seu próprio espaço de ação intelectual e política.

As folhas granjense, autodenominadas imprensa literária, tinham como conteúdo básico: seções de poemas, charadas e passatempos, notícias sobre o desenvolvimento moral e material da cidade, notas de visitas que chegavam pelo porto e ferrovia, viagens de "amigos" do órgão, aniversários, nascimentos e mortes de moradores da comunidade, quando muito, anúncios de comerciantes médios locais. Ler seus cotidianos, impressos naquelas páginas, criava no granjense um sentimento de identificação. Essas publicações possibilitam vislumbrar as novas sociabilidades que se desenvolveram no espaço urbano, imperceptíveis de serem vistos nos jornais de maior circulação[140].

Em relação às questões técnicas de produção e sustentação desse tipo de jornais no Ceará, Adelaide Gonçalves enuncia:

> Produzidos muitas vezes em tipografia manual, títulos e textos com as palavras montadas letra a letra, têm apresentação sóbria e modesta. A venda antecipada, as assinaturas e as listas de subscrição circulando entre os mais chegados garantem a sustentação das folhas (efêmeras) e a venda avulsa, quando os leitores dirigiam-se à

[139] Só em 1900 surgiu a Sociedade Filarmônica *Granjense*, que lançaria apenas um exemplar de seu jornal por ano.
[140] CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013, p. 76.

> redação ou às oficinas tipográficas para adquirir seu exemplar, que passaria de mão em mão.[141]

Todos os jornais encontrados possuíam quatro páginas, a maioria com duas colunas dividindo, separadas por um fino traço, quando não invisível. Remontando aspectos que, como disse Marialva Barbosa, "evocam muito mais a materialidade dos livros do que o que conhecemos como jornais"[142].

Após cinco anos do fim do curso do Gabinete e a saída da primeira tipografia da cidade, um grupo oriundo daquela escola publicou, no início de 1887, o quinzenário literário *Iracema*. A falta de tipografia foi um problema resolvido nas oficinas de Sobral. O jornal era prensado naquele centro e distribuído em Granja, mecanismo, provavelmente, operacionalizado por Belfort Sobrinho[143], que no mesmo período editou, em Sobral, o *Batel* (1887), na prensa da *Gazeta de Sobral*, onde também se imprimia o *Iracema*.

A redação da folha em Granja, por seu turno, era formada por José Barreto, que retomou a atividade jornalística e se juntou, dessa vez, a Luiz Felipe de Oliveira, companheiro de comércio, com quem tinha uma associação comercial. Segundo o Barão de Studart, o *Iracema* possuía como gerente Ângelo Beviláqua e se publicava em suas páginas o jovem Antonio Raulino, que a partir daquela folha escalaria um papel relevante dentro do círculo letrado granjense.

Outro nome de estreia foi o de Lívio Barreto, que revelou na pequena folha, segundo o amigo Artur Teófilo, "[...] a sua decidida vocação para as letras, publicando versos e escrevendo crônicas humorísticas."[144]. O caixeiro, de 17 anos, encontrou espaço para expor "seus primeiros versos, defeituosos ainda, mas já reveladores da inspiração e da originalidade de seu autor"[145], na opinião de Valdemiro Cavalcante. Nota-se aí uma característica dessas publicações, o exercício e aprimoramento das formas de escrita.

Para mais, aqueles homens de letras experimentaram o sabor de serem lidos além do círculo próximo de amigos. O surgimento de jornais congêneres aos seus, na região, como alguns de Sobral, conectada à Granja pela ferrovia, e de outras cidades, como o *Sertanejo*

---

[141] GONÇALVES, A. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará**, de 1862 aos anos 1920. tese. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2001, p. 72.
[142] BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p. 63.
[143] Depois da passagem pelo curso do Gabinete, Belfort Sobrinho progrediu com os estudos em Sobral e Fortaleza, colaborando em jornais nessas duas cidades, *O Rouxinol* (1884) e *Batel* (1887), na primeira, e *A Revista* (1888), na capital.
[144] TEÓFILO, 2009, p. 232.
[145] CAVALCANTE, 2009, p. 230.

(1888), de Santana do Acaraú[146], dão início a uma rede interligando circuitos letrados, a partir da década de 1880, que proporcionaram aos seus agentes se conhecerem, aliarem-se ou se antagonizarem através do impresso.

O *Iracema*, sinalizando uma tentativa de se estabelecer no periodismo, chegou a enviar alguns exemplares para outros veículos fora daquele eixo, como *Cearense*, em Fortaleza, que recebeu as primeiras edições em maio de 1887[147]. Mas o jornal não passou de um pequeno surto de renascimento nas práticas letradas da cidade, como analisou Artur Teófilo, "desaparecendo o *Iracema,* e com ele aquele fugaz florescimento literário", arrefecendo as fantasias de publicar literatura, ao ponto de desanimar o neófito Lívio Barreto, que resolveu partir da cidade, não vendo ali nada mais que aborrecimento "daquele meio de civilização".

Granja voltaria a ter outro jornal somente na década seguinte, após o advento do golpe republicano.

No começo de 1892, o mesmo grupo lançou *A Luz*, também impresso em Sobral[148], mas com redação e escritório à rua Formosa, em Granja, distribuído na cidade aos domingos[149]. O gerente era Antônio Raulino e recebia colaboração de Fausto Sobreiro[150], um professor primário que lecionou em Granja entre 1892 a 1894 e se introduziu naquele grupo, participando também de outros títulos. Além desses, os granjenses João Porfírio da Mota (1870-1912), Manoel de Barros Teles (1869-?)[151] e Lívio Barreto, após seu regresso do Pará.

A Luz era um hebdomadário com o subtítulo inicial de "Periodico Litterario e Noticiozo", editado em três colunas, diferentemente dos demais, mas com periodicidade irregular, como os outros. Em um dos poucos exemplares preservados, número 6, de 24 de janeiro de 1892[152], a capa é tomada por um texto de opinião, já nas páginas seguintes, cumprindo-se o que se colocou no subtítulo da folha, prosas literárias e aquilo que se considerava "notícia" no século XIX, fechando o número com poesias.

Sob a rubrica de *Dizem na ponte*, na última página, há uma série de fatos jocosos que supostamente eram ouvidos em uma ponte, expressando ecos de oralidade urbana. Esta ponte não deixa de ser senão a que ficava sobre o Riacho da Lama, com bancos de madeiras

---

[146] Também publicado em alguma tipografia sobralense, a leitura dos números era proporcionada no grupo pelas assinaturas feitas pelos colegas Luiz Felipe de Oliveira, José Barreto, Manoel Teles e outros, listados como pessoas que "se dignaram" a receber o jornal. Ver: O Sertanejo, Santana, 30 jun. 1888, p. 2.
[147] CEARENSE, Fortaleza, ano XLI, n. 96, 13 mai. 1887, p. 2.
[148] STUDART, 1924, p. 105.
[149] *Ibidem*, p. 103.
[150] Fortalezense, lecionou na 2º cadeira do sexo masculino em Granja.
[151] MARTINS, 1912, p. 349.
[152] A Luz. Granja, Ce, ano 1, n. 6, 24 jan. 1892.

aos lados, espaço de sociabilidades da vida dos granjenses e concorrida pela população até mesmo à noite. Lugar de encontro, conversas e onde provavelmente se lia os jornais em voz alta, debatendo e repercutindo seu conteúdo, fato que motivava à publicação daquele texto:

> **Dizem na ponte**
> ... que o alferes Miranda julga imprescindivel a deposição do Governador.
> Vamos ver!
> [...]
> … que o Ignacio Gomes ao ler a "Luz" *capou* a noticia e fez cara dura.
> [...]
> … que com a mudança da politica muita gente boa q'era *centrista intransigente* diz que sempre foi Paula em todos os tempos.[153]

Este conteúdo aponta, para além do impresso sendo disseminado pelas práticas de oralidade, ideias oralizadas se efetivando no mundo do letramento, amplificação especialmente utilizada com sentido político.

Como inevitável com a difusão de ideias, *A Luz* deixou transparecer seus subtextos políticos, indicando haver em sua redação, assim como em todo encontro de intelectuais, tensões em torno de discursos e interesses. Retomando a análise de Sirinelli, que diz que para estudar a rede de sociabilidade é necessário verificar duas forças antagônicas, a de adesão - solidariedades de origem, de idade, de estudos, amizade -; e as de exclusão - a hostilidade, a ruptura, a briga e o rancor -, pode-se dizer que o surgimento do jornal *O Batel*, naquele mesmo ano, expôs publicamente um rompimento dentro da redação do *A Luz*, contribuindo para o surgimento de um outro *mundo estreito*, dentro da rede que sustentava a imprensa da Granja.

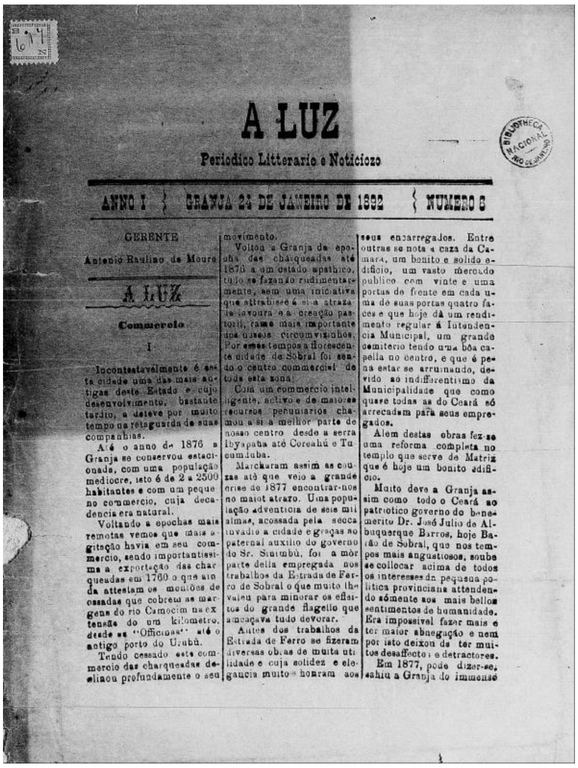
O Batel, semanário publicado três vezes por mês, de quatro páginas, impresso "num original prelo de madeira"[154] surgiu da racha dentro d'*A Luz*. Tinha como redatores o português Manoel Gouveia (1873-1931) e João Porfírio da Mota, contando também com Manoel de Barros Teles e Francisco Marques de Oliveira[155] em sua redação fixa. Com exceção de Francisco Marques, os demais eram ex-colaboradores do jornal do Raulino.

Mas foi o gerente da nova folha, Felino Laurindo da Silveira, o responsável pelo rompimento dentro d'*A Luz*. No número 2, de 24 de janeiro, *O Batel* destinou três de suas quatro páginas para rebater o jornal rival e atacar o seu gerente: "temos convicção de que

[153] DIZEM na ponte. **A Luz**, Granja, Ce, ano 1, n. 6, 24 jan. 1892, p. 4, grifo do autor.
[154] FONTENELE, A. B. *Almanack do Municipio de Granja*. Granja: Tip. A Comarca, 1928, p. 40.
[155] MARTINS, 1912, p. 348.

Raulino é completamente analphabeto e é apenas um simples signatario que assume a responsabilidade de artigos."[156]

Figura 6 - Folhas "rivais" *A Luz* (1892) e *O Batel* (1892)



A LUZ

Periodico Litterario e Noticiozo

ANNO I | GRANJA 24 DE JANEIRO DE 1892 | NUMERO 6

GERENTE

Antonio Raulino de Moura

A LUZ

Commercio

I

Incontestavelmente é esta cidade uma das mais antigas deste Estado e cujo desenvolvimento, bastante tardio, a deteve por muito tempo na retaguarda de suas companhias.

Até o anno de 1876 a Granja se conservou estacionada, com uma população mediocre, isto é de 2 a 2500 habitantes e com um pequeno commercio, cuja decadencia era natural.

Voltando a epochas mais remotas vemos que mais agitação havia em seu commercio, sendo importantissima a exportação das charqueadas em 1760 o que ainda attestam os montões de ossadas que cobrem as margens do rio Camocim na extensão de um kilometro, desde as "Officinas" até o antigo porto do Urubû.

Tendo cessado este commercio das charqueadas declinou profundamente o seu movimento.

Voltou a Granja da epocha das charqueadas até 1876 a um estado apathico, tudo se fazendo rudimentarmente, sem uma iniciativa que attrahisse á si a atrazada lavoura e a creação pastoril, ramo mais importante dos nossos circumvizinhos. Por esses tempos a florescente cidade de Sobral foi sendo o centro commercial de toda esta zona.

Com um commercio intelligente, activo e de maiores recursos pecuniarios chamou a si a melhor parte de nosso centro desde a serra Ibyapaba até Coreahú e Tucumduba.

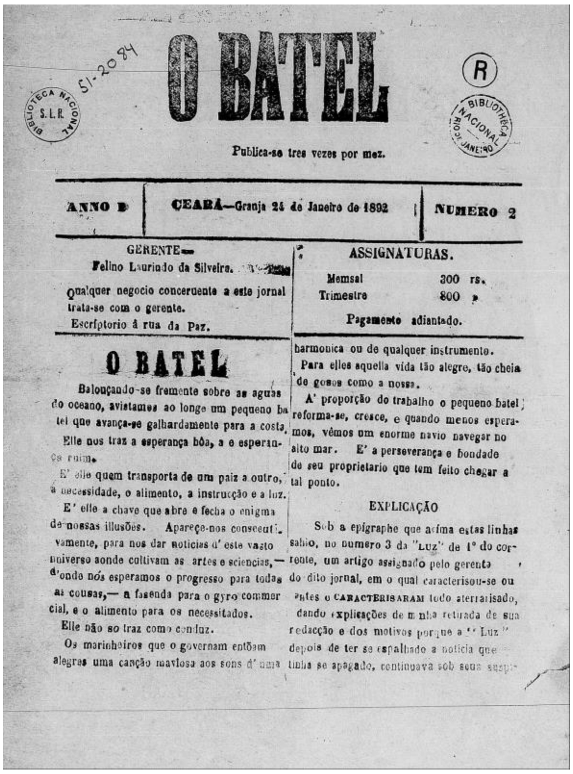
Marcharam assim as couzas até que veio a grande crise de 1877 encontrar-nos no maior atrazo. Uma população adventicia de seis mil almas, acossada pela secca invadio a cidade e graças ao paternal auxilio do governo do Sr. Sinimbû, foi a mór parte della empregada nos trabalhos da Estrada de Ferro de Sobral o que muito lhe valeu para minorar os effeitos do grande flagello que ameaçava tudo devorar.

Antes dos trabalhos da Estrada de Ferro se fizeram diversas obras de muita utilidade e cuja solidez e elegancia muito honram aos seus encarregados. Entre outras se nota a caza da Camara, um bonito e solido edificio, um vasto mercado publico com vinte e uma portas de frente em cada uma de suas portas quatro faces e que hoje dá um rendimento regular á Intendencia Municipal, um grande cemiterio tendo uma bôa capella no centro, e que é pena estar se arruinando, devido ao indifferentismo da Municipalidade que como quase todas as do Ceará só arrecadam para seus empregados.

Alem destas obras fez-se uma reforma completa no templo que serve de Matriz que é hoje um bonito edificio.

Muito deve a Granja assim como todo o Ceará ao patriotico governo do benemerito Dr. José Julio de Albuquerque Barros, hoje Barão de Sobral, que nos tempos mais angustiosos, soube se collocar acima de todos os interesses da pequena politica provinciana attendendo sómente aos mais bellos sentimentos de humanidade. Era impossivel fazer mais e ter maior abnegação e nem por isto deixou de ter muitos desaffectos e detractores.

Em 1877, pode dizer-se, sahiu a Granja do immenso



O BATEL

Publica-se tres vezes por mez.

ANNO I | CEARÁ—Granja 24 de Janeiro de 1892 | NUMERO 2

GERENTE—

Felino Laurindo da Silveira.

Qualquer negocio concernente a este jornal trata-se com o gerente.

Escriptorio á rua da Paz.

ASSIGNATURAS.

Memsal	300 rs.
Trimestre	800 »

Pagamento adiantado.

O BATEL

Balouçando-se fremente sobre as aguas do oceano, avistamos ao longe um pequeno batel que avança-se galhardamente para a costa.

Elle nos traz a esperança bôa, a e esperanças ruim.

E' elle quem transporta de um paiz a outro, a necessidade, o alimento, a instrucção e a luz.

E' elle a chave que abre e fecha o enigma de nossas illusões. Apareçe-nos consecutivamente, para nos dar noticias d'este vasto universo aonde cultivam as artes e sciencias,—d'onde nós esperamos o progresso para todas as cousas,— a fazenda para o gyro commercial, e o alimento para os necessitados.

Elle não so traz como conduz.

Os marinheiros que o governam entôam alegres uma canção maviosa aos sons d'uma harmonica ou de qualquer instrumento.

Para elles aquella vida tão alegre, tão cheia de gosos como a nossa.

A' proporção do trabalho o pequeno batel reforma-se, cresce, e quando menos esperamos, vêmos um enorme navio navegar no alto mar. E' a perseverança e bondade de seu proprietario que tem feito chegar a tal ponto.

EXPLICAÇÃO

Sob a epigraphe que acima estas linhas sahio, no numero 3 da "LUZ" de 1° do corrente, um artigo assignado pelo gerente do dito jornal, em o qual caracterisou-se ou antes o CARACTERISARAM todo aterrarisado, dando explicações de minha retirada de sua redacção e dos motivos porque a "Luz" depois de ter se espalhado a noticia que tinha se apagado, continuava sob seus auspi-

Fonte: Hemeroteca Digital Nacional

Perceber rupturas é importante para analisar o fim e formação de novos (sub)grupos, a inclusão ou exclusão de agentes, além de demonstrar a atuação política em torno dos projetos coletivos. O próprio Raulino deixou a gerência d'*A Luz* em maio de 1892, mas diferentemente de Felino, de forma publicamente amena, estampando no próprio jornal sua saída: "Declaro que de minha expontanea vontade e de accordo com meus collegas deixei de ser o gerente d'este periodico, retirando-me assim de sua redacção"[157].

Sob a condução de novos redatores, Luiz Felipe e Fausto Sobreira, o jornal aparece com algumas diferenças significativas no formato e conteúdo. Um comparativo entre os dois números conhecidos, o nº. 6 e o nº. 14, quatro meses de diferença, a mais significativa mudança se ver no subtítulo, que passou a ser "Orgam dos Interesses do Município", com o conteúdo mais solene que o anterior, além de artigos mais sérios, sem as colunas jocosas e

[156] EXPLICAÇÃO. **O Batel**. Granja, ano 1, n. 2, 24 jan. 1892, p. 2.
[157] RAULINO, Antônio. Ao Publico. **A Luz**, Granja, ano 1, n. 14, 22 mai. 1892, p.1.

anúncios na última página. Mais cara que a rival[158], a folha esbarrou num simulacro de competição comercial, em que se encontrava em desvantagem, por adicionar os custos de impressão fora da cidade ao preço final. Com suas outras intempéries, foi mais um jornal do grupo que não passou de um semestre, ignorando-se seu último número, ainda no ano de 1892.

Um poema satírico de Lívio Barreto, sem data e assinado por seu pseudônimo, Lucas Bizarro, descreve como foi o fim daquela empreitada, fabricando como a cidade supostamente recebeu a notícia e a reação dos colegas, inclusive a sua própria:

Morte d'"A Luz"

Morreu "A Luz"! que hecatomba
Para o bom pôvo granjense!
Não existe quem incense
As suas belas!.. Que bomba!

Ella morreu, coitadinha!
Virgem ainda; levava
Uma infantil capellinha
Sobre a fronte etherea e alva.

O bom Raulino, esse bravo
Trabalhador, e um dos paes
Curtiu as penas e o travo
De mil saudades lethaes!

O João Biguá, – que caipora!
– Valha-nos S.ta Luzia!...
Curtiu a ultima hora
Dores de... pancadaria!...

O illustre Manoel Gouveia,
– Outro dos paes da creança, –
Rompeu na funebre dança
1 metro!... que coiza feia!

Luiz Felippe, – esse bello
General das nossas luctas,
Não viu "a bagas enchulos"
Fugir-lhe o supremo anhelo.

L. Barretto que é
O meu mais chegado amigo,
Ai! chorou tanto que até
Já parecia um castigo!

Muitas lagrÿmas ocultas
Ai, verterão sobre a triste
"Luz" das "luzes" impollutas
– Quem é que ao pranto resiste?!

[158] *A Luz* custava $500 por mês e 1$500 por um trimestre, em contrapartida dos $300 rs mensais e $800 rs por três meses de *O Batel*.

João Porfirio – esse athleta
Amigo das nossas hóras,
Sentiu do pezar a setta
Romper-lhe as guellas sonóras!

E todo o pôvo chorou,
Ah! chorou toda a Cidade!
Que prantos! que anciedade!
Quanta lamuria estoirou!...

Digo todo, – mas, se alguem
Dissér o contrario disto,
Por minha conta, – pois bem –
Declaro que vende Christo!...

Lucas Bizarro[159]

No poema, a folha é lembrada com carinho, comparada a uma criança e os seus idealizadores, os pais, papéis de Raulino e Gouveia, este último acusado de, em um "gesto feio", rompeu com o grupo enquanto o órgão degringolou. Outros personagens são introduzidos na tensão, como João Biguá, desconhecido, que aparentemente sofreu com o fim do jornal. As reações dos leitores granjenses, assim como as dos componentes da redação, foram cheias de emoção, exageradas como a do mais "chegado amigo" do eu-lírico, Lívio Barreto, que muito chorou.

O pseudônimo de Lívio Barreto deixa transparecer a tensão da presença do outro grupo naquele campo em disputa, o surgimento da outra folha, relembrado num *post scriptum* o que poderia ter sido a reação do fundador d'*O Batel*:

P. S.
Mas, esquecia, – com a morte
D'"A Luz", – o que eu muito sinto, –
Um moço mudou de sorte,
Mudou de sorte o Felino...

Segundo do vulgo as fallas
Elle andava apoguentado
Por ter de metter-se em tallos,
Tendo sido indigitado

Para com toda a bravura
Em secretas elleições,
Vêr se tirava os pendões
No concurso de feiura....

L. Bizarro[160].

[159] Folha avulsa, poema de Lívio Barreto. Arquivo do Instituto José Xavier (IJX), Granja-Ce.
[160] Folha avulsa, poema de Lívio Barreto. Arquivo do Instituto José Xavier (IJX), Granja-Ce.

A sorte de Felino mudou, teria ele ficado satisfeito com o fim do jornal? Entre aproximação e divergências, o estudo das sociabilidades também é uma possibilidade, em grande medida, de perceber valorização e interesses voltados para trajetórias individuais.

O convencimento do público, em muitos casos, contava com o uso de ataques políticos e pessoais. Na cidade, rastros indicam a circulação de manuscritos com esses fins desde meados do século XIX, sendo o caso mais notável do padre João Barbosa Cordeiro, que se utilizou desse recurso para investir contra a família do político José Romão da Motta[161]. O advento do processo de impressão na cidade não intimidou a produção e circulação de pasquins e panfletos manuscritos difamatórios, principalmente aqueles com claro interesse de se esconder no anonimato. Os manuscritos, anônimos ou não, disputavam o espaço público com aqueles letrados, buscando dividir protagonismos e domínios que eles tanto buscavam, a duras penas, ao imprimir suas produções.

Nesse processo de conquista, a década de 1890 foi um momento de inflexão na imprensa e produção literária do grupo. Lívio Barreto retornou à cidade, em julho de 1892, já membro de um dos movimentos mais importantes do cenário cultural cearense, a Padaria Espiritual. Simultaneamente, granjenses como Waldemiro Cavalcante e Belfort Sobrinho, introduziram-se na esfera política e literária da capital do Estado, fazendo interlocuções com o círculo natal. A partir daquela década, os letrados locais começaram a ter tímidos espaços na imprensa de Fortaleza, aumentava o alcance geográfico das folhas granjenses, que eram recebidas e anunciadas pelas redações fortalezenses, enquanto esparsas peças literárias, enviadas diretamente da cidade, eram publicados n'*O Pão* e na *República*, como os poemas de Barreto e Antônio Raulino[162].

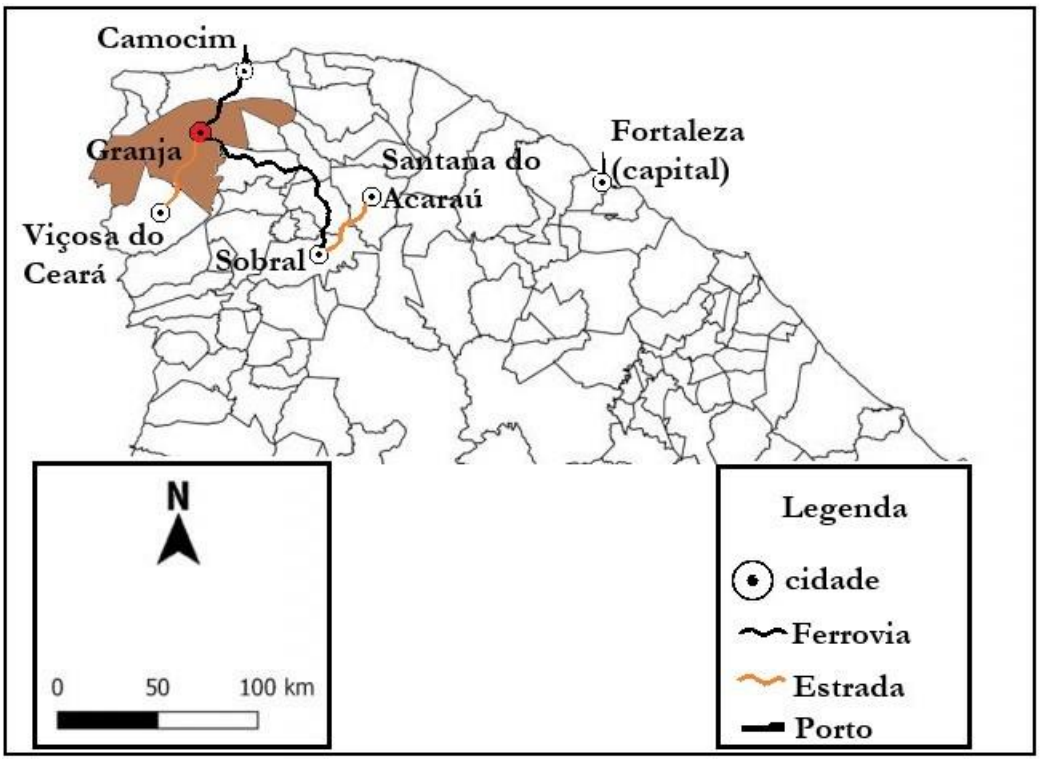
No extremo norte cearense, a imprensa chegava às cidades vizinhas à Granja; em Camocim era impresso *O Marimbondo* (1894) e anteriormente a esse, em Viçosa do Ceará, o primeiro periódico do Serra da Ibiapaba: *A Ideia* (1890 - 1893), editado por Artur Teófilo que o transformaria num caso de sucesso na região, perdurando por quatro anos e durando mais que qualquer outra folha da Granja no mesmo período.

N'*A Ideia* eram estampados os lastros da rede de sociabilidades da Granja. Registrou-se em suas páginas um fluxo entre as duas cidades, de pessoas, do comércio, de informação. Em meio aos reclames de firmas granjenses, vinham notas de visitas à Viçosa dos colegas de jornais da outra cidade, geralmente com um: "nosso inteligente e bom amigo". No

[161] Segundo o Barão de Studart, João Barbosa Carneiro (sic) foi responsável por pelo menos duas folhas manuscritas, uma delas se chamava *Curicaca.* Ver: STUDART, 1924, p. 75-76.
[162] Exemplo do poema "Bilhete Postal", assinado por "Raul Lino" e datado de Granja, no dia 16 de fevereiro de 1894. Ver: A REPUBLICA, Fortaleza, n. 45, ano 2, 24 fev. 1894, p. 3.

jornal de Teófilo, os companheiros da Granja contavam com divulgação de suas produções culturais, poemas e outros textos, que se marcavam entre intersecções de outras redes, como a propagando de *Phantos*, livro da Padaria Espiritual, instituição que Teófilo participaria tempo depois.

Figura 7 - Circuito de comunicação de Granja com cidades circunvizinhas (1887-1894)



Fonte: Elaborada pelo autor a partir de base cartográfica do IBGE.

Em 1893, Artur Teófilo encerrou as atividades do *A Ideia*, regressou à terra natal e lançou, em 18 de fevereiro de 1894, o domingueiro *Jornal da Granja*, sendo seu dono e redator-chefe. Colaboraram naquela folha os mesmos nomes da redação anterior: Lívio Barreto, Fausto Sobreira, Luiz Felipe e Antônio Raulino, no entanto, durou menos de dois meses, sendo reformulada com um novo título, *A Reforma*, com primeiro número em 13 de maio de 1894.

Em seu jornal de Viçosa, o granjense era responsável pela composição dos tipos móveis e impressão, inicialmente utilizando uma oficina artesanal: os tipos de madeira, as ferramentas e o próprio prelo criados por seu pai[163]. Mas já no ano anterior ao surgimento do

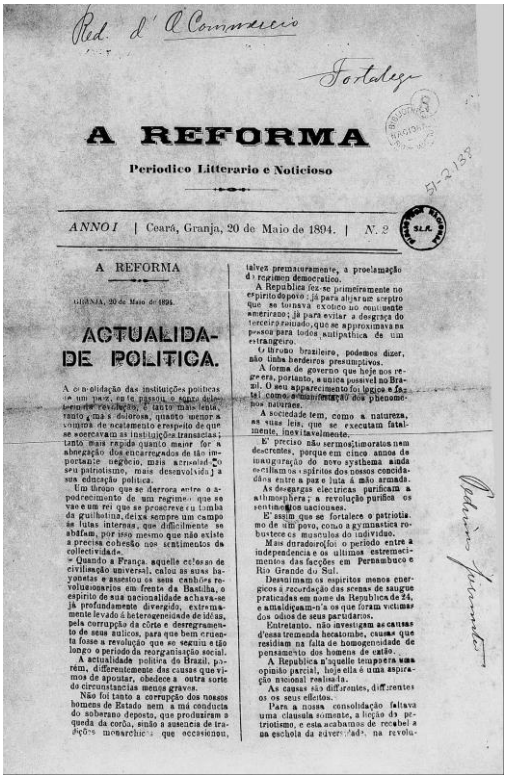
[163] O jornal *A Ideia* era redigido, composto e impresso pelo próprio Artur Teófilo. Fazia parte da redação: João Benício Fontenele, Alfredo Nogueira e Antônio Carvalho. Ver: STUDART, v. I, 2012, p.152-153.

Jornal da Granja, tinha Teófilo viajado à capital cearense e renovado sua oficina[164], com novo prelo e acessórios, provavelmente levado consigo na mudança entre cidades.

À vista disso, os números d'*A Reforma* eram impressos em tipografia própria, a primeira do grupo de Raulino. Mais modesta tecnologicamente que *A Luz*, a nova folha era editada em duas colunas, tornando-se o último veículo do grupo da *Geração da Escola do Gabinete*.

Ao identificar um circuito de conexões, transparece também o que não se conecta a ele, ainda que coexistindo no mesmo espaço e período. *A Reforma* foi o derradeiro jornal do grupo, mas não o último da gênese da imprensa local, que no final do século contou com *O Facho* (1896) e *O Trabalho* (1896), folhas infantis e tecnicamente rústicas, produzidas por Francisco Fortuna, sem vinculação com o grupo aqui estudado.

Figura 8 - ***A Reforma,* ao último jornal do grupo.**



A REFORMA

Periodico Litterario e Noticioso

ANNO I | Ceará, Granja, 20 de Maio de 1894. | N. 2

A REFORMA

GRANJA, 20 de Maio de 1894.

ACTUALIDADE POLITICA.

Fonte: Hemeroteca Nacional Digital

A saída de Teófilo da cidade, que acumulava a função de tipógrafo, abre margem para se imaginar uma relação de ensino-aprendizagem com o trabalho tipográfico, na qual Artur preparou outro(s) colega(s) para assumir a "Typographia d'"*A Reforma*":

[164] A REPÚBLICA. Fortaleza, ano 1, n. 74, 01 abr. 1893, p. 2.

> Sabe-se que as primeiras oficinas tipográficas acabavam também cumprindo a função de escola para o ofício de tipógrafo e sobre o seu ambiente de trabalho, da relação entre os mais velhos e os que se estão iniciando, entre estes e os patrões, os jornais das primeiras associações tipográficas dão conta.[165]

Embora nem sempre definido, perceber os papéis exercidos por cada agente, explica como a rede produziu e mediou cultura na região, possibilitando compreender a revolução ocorrida naquele espaço por meio da difusão do impresso. Dos seis títulos identificados como pertencentes à geração, três eram gerenciados por Antônio Raulino. A despeito das acusações feitas por seu desafeto, de ser ele um testa-de-ferro, Raulino tinha grande influência agregadora no grupo - e dissociadora, como visto -. Aquele letrado também foi um dos maiores produtores de literatura dentro das redações, juntando-se a Lívio Barreto, Artur Teófilo e Manoel Gouveia.

Nesse sentido, vale a pena pensar nos intermediários de literatura e do impresso, como indicou Robert Darnton, ao se referir aqueles agentes culturais, ocupantes de posições específicas, dentro do circuito de comunicações, que operam em cenários de fluxo da literatura[166]. Nas redações granjenses, um exemplo claro se viu na participação de Belfort Sobrinho no jornal *Iracema*, responsável por sua impressão em Sobral. O *Iracema* e *A Luz* requisitaram de um sistema externo de impressão e distribuição, contando, inclusive, com a Estrada de Ferro de Sobral. Assim, os jornalistas que possuíam funções administrativas, ligadas à ferrovia e ao comércio, facilitavam o encontro da palavra escrita com o público. O perfil de José Barreto e Luiz Felipe de Oliveira condiciona pensar que eles tenham participado de forma mais operacional dentro do circuito, em contrapartida do desconhecimento de suas produções artísticas.

Mas o molde de fazer jornalismo no período foi mais bem caracterizado no papel de Artur Teófilo, quando, como típico daquela imprensa, o dono da folha era responsável por quase todo o processo produtivo. Com habilidades adquiridas enquanto morava em Viçosa, Teófilo acumulava as funções de compositor tipográfico, dono de prelo, gerente, redator e autor, apenas no pouco tempo que atuou em Granja.

Entender esses papéis, além de observar a dimensão das redes, abrem cortinas para compreensão das disputas, posturas intelectuais, rivalidades, escolhas políticas e silenciamentos. Dentro da rede, esses sujeitos projetaram coletivamente suas inspirações intelectuais, publicaram suas produções literárias, debateram sobre leituras, compartilharam suas experiências, assim como reforçaram laços sociais e afetivos.

---

[165] GONÇALVES, 2001, p. 70.
[166] *Cf.* DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

A dispersão do grupo se deu de várias maneiras, mas nos próximos tópicos perscrutar-se-á os caminhos trilhados por eles entre as letras, o balcão e o "desaparecimento", levando em consideração as incursões desses agentes no mundo da literatura, do comércio, da política e da migração.

3.2 Letrados ao balcão: os rapazes do comércio ou a ascensão social de Luiz Felipe de Oliveira

A maior parte dos agentes da geração da escola do Gabinete era formada por moços do comércio, que interseccionam entre o mundo letrado e político, com expectativas e possibilidades de mobilidade social. O balcão também era espaço para discussões, divulgação de notícias e opiniões, e constituiu um palco das práticas letradas na cidade.

Em Granja, reverberaram as mudanças ocorridas no país, proporcionadas pela inserção da economia nacional e cearense nas relações comerciais com as potências do capitalismo industrial - com destaque para o papel dos caminhos de ferro, ligados aos portos e suas linhas de navios a vapor -. Isso contribuiu para, na cidade, a partir da década de 1870, o comércio se modificasse. Surgiram as firmas de médio e grande porte[167], exigindo uma divisão social maior do trabalho, marcado por uma disseminação de ofícios e funções.

Uma categoria, dentro do trabalho livre, que se desdobrou e destacou na cidade foi a dos trabalhadores do comércio, representada principalmente pela classe dos caixeiros, um grupo heterogêneo e fluído, que pode ser visto como uma espécie de encruzilhada social, por onde transitaram ou estacionaram diversos daqueles agentes sociais[168].

Quase sempre vindos da zona rural, de outro município ou até mesmo de Portugal, os caixeiros granjenses chegavam na firma comercial, onde iam trabalhar, ainda criança. O menino ficava na responsabilidade do patrão que possuía as "despesas de comedorias": fornecimento de moradia e alimentação aos seus aprendizes e empregados. Em um desses estabelecimentos, "esses caixeiros moravam, desde antes, em dependência da Firma que formavam um conjunto englobando a loja, o armazém e uma pousada para os fregueses que vinham do interior [...]"[169], tudo conectado à residência do empregador. Sob a tutela do patrão, os caixeiros seguiam suas regras e educação, não à toa, nas aulas noturno do Gabinete

[167] Para José Xavier Filho, a primeira grande firma comercial de Granja pertenceu ao pai de Carvalho Motta, João Batista, criada em 1872. Ver: XAVIER FILHO, 2010, p. 42.
[168] SANTOS, Mário Augusto da Silva. **Casa e balcão**: os caixeiros de Salvador (1890-1930). Salvador: EDUFBA, 2009, p. 116.
[169] XAVIER FILHO, 2010, p. 75-76.

frequentava tantos empregados de financiadores do curso. Em troca daquela mercê, os subordinados retribuíam com longas e penosas jornadas de trabalho.

Entre o patrão e o empregado havia uma relação de aproximação e até familiaridade, sustentada por um elo de confiança. Criados na firma, esses meninos e rapazes nutriam a esperança de mudar de vida, ainda que dentro da estrutura contratual do comércio, associando-se ao chefe ou herdando o negócio, como aconteceu com os caixeiros Inácio Gomes Parente e Inácio Xavier, que se associaram a Carvalho Motta, assumindo Xavier, depois, a firma e o casarão do seu ex-patrão.

Muitos caixeiros incorporaram as aspirações da trajetória do empregador, vislumbrando, além do negócio próprio, o mundo da política e da burocracia oficial como alternativas de mobilidade. Nessa estratégia de sobrevivência, muitas vezes o empregado se deixava usar como testa-de-ferro, como insinua Xavier Filho ter o rico Carvalho Motta usado com seu subordinado: "é verdade que ele não foi vereador, mas seu empregado e factótum Narciso José Ferreira o foi em diversas legislaturas de 1883 a 1889, chegando a ser vice-presidente" [170], transformando o serviço público numa extensão das tarefas devidas ao capitalista.

> De caixeiro-vassoura a primeiro-caixeiro, de balconista a empregado de escritório, de caixa a guarda-livros, de assistente a gerente, é a escalada de mobilidade social pouco alcançada, como almejada, para um (im)provável *salto* a proprietário de seu próprio estabelecimento. Tomada essa esfera da subjetividade, se pode compreender entre os caixeiros a internalização da disciplina do trabalho e os códigos de deferência diante dos patrões, de seus prepostos e dos clientes.[171]

Mas, é claro, mesmo obedecendo a cartilha do patrão, esses movimentos não se davam de forma afrouxada. Sidney Chalhoub esclarece que: "uma questão importante é saber até que ponto esse paternalismo na relação patrão–empregado é realmente compatível com relações de produção do tipo capitalista"[172], posto que havia tensões, interesses de controle social, em que todos sabiam ser uma relação assegurada na desigualdade entre ambas as partes.

O desejo de mobilidade era impulsionado principalmente pela conjuntura degradante em que viviam os caixeiros: condições insalubres, longas jornadas de trabalho,

---

[170] *Ibidem*, p. 94.
[171] GONÇALVES, Adelaide; LIMA, Rafaela. **Phenix Caixeiral**: história de uma biblioteca. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2021, p. 45.
[172] CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 114.

interrompidas para um sono de poucas horas, sem direitos às férias, a salários dignos ou quaisquer outros direitos trabalhistas.

Essa precariedade é percebida, inclusive, na materialidade da fonte histórica, os cadernos-caixa possuem marcas produzidas por cera de carnaúba, certamente caídas de velas usadas pelos guarda-livros, que trabalhavam à noite, à luz delas e além do horário de fechar. Os cadernos-caixa também registram, em todos os dias, um contínuo fluxo de dinheiro, indicando serviços aos domingos, dias santos e feriados[173].

Estava impregnado à cultura do comércio aquele *modus operandi* de degradação do trabalhador, assimilado até por ex-caixeiros, que conseguiam inverter os papéis. Inácio Xavier, ao se tornar dono de firma, absorveu aquela maneira de agir como habilidade própria para agir com os negócios e subordinados. Seu filho, Lívio Xavier, recorrendo às memórias de infância, quando ainda não possuía a consciência de militante trotskista[174], entendia aquilo de forma naturalizada, comum ao trato com os empregados:

> Quando meu pai, depois de meio-dia aos domingos, infringia deliberadamente a ordem municipal de fechar-se o comércio, ou de noite alongava o horário em prejuízo dos caixeiros, não por ganância, mas por um velho hábito de conversar com amigos que vinham procurá-lo ou aos meus tios, não pensei nunca que este direito não fosse dele, e absoluto.[175]

No entanto, os caixeiros possuíam um mundo à parte do comércio, não submetendo suas vidas completamente às regras patronais. Apesar de serem consumidos pela falta de tempo e energia, eles incursavam em temas políticos e se dedicavam ao autoaprimoramento, fosse na escola ou autodidatismo, fosse no consumo de livros e jornais. Mesmo porque, "a demanda por instrução é percebida como forma de definir um lugar no mundo do trabalho"[176].

O caixeiro José Joaquim de Carvalho (1863-) constituiu uma espécie de memorial escrito, um caderno, onde anotava eventos relevantes das suas vida e família. Entre o que achava pertinente, registrou o que significava para um trabalhador do comércio a educação: na primeira folha de seu memorial, reconstituiu seu processo de letramento, as primeiras aulas com o professor Girão, passando pelo mestre Joaquim Erasto dos Santos e, por fim, o

---

[173] XAVIER FILHO, 2010, p. 77.
[174] *Cf.* BARBALHO, Alexandre. **Lívio Xavier**: Política e Cultura, um breve ensaio biográfico. Fortaleza: A CASA/Expressão Gráfica e Editora, 2003.
[175] XAVIER, 1974, p. 68-69.
[176] GONÇALVES; LIMA, 2021, p. 100.

professor Garcez, que teriam lhe proporcionado as habilidades necessárias para o seu início na profissão:

> Foi o estudo que tive para preparar-me para o comércio, que entrei como caixeiro da loja de meu pai em começo do ano de 1877. Desistindo meu pai do comércio, e tendo passado a casa ao meu mano Antônio Frederico de Carvalho Mota, empregou-me em casa deste meu mano no dia 1º. de Maio de 1880 com o ordenado de Duzentos mil reis anuais, donde saí desgostoso no dia 27 de março de 1881.[177]

Mesmo sendo filho do seu primeiro empregador, e irmão do segundo, a necessidade de saber ler e escrever para o comércio era a mesma exigida a outro caixeiro. Nota-se, que mesmo com seus privilégios de parentesco, a manutenção do emprego não foi assegurada. Os filhos dos comerciantes tinham no balcão seu início profissional ou eram preparados para isso, motivo que os levaram a frequentarem a mesma escola que os caixeiros da firma que iriam herdar. Assim fizeram Francisco Lívio e Joaquim Artur de Carvalho. Este último, ainda estudante, fundou uma firma com o irmão, Zeca Batista, o dono do caderno supracitado, que registou: "em junho de 1881 estabeleci-me de sociedade com meu mano Joaquim Arthur de Carvalho, deixando esta sociedade até 31 de dezembro de 1881, rendendo-me dita sociedade 300$000"[178].

Ao contrário de Joaquim Artur de Carvalho, que pôde escolher entre o próprio negócio e continuar seus estudos, a grande maioria dos assistidos pelo curso noturno não esperava passar do *ler e escrever*. Muitos esperavam apenas desempenhar bons serviços ao balcão e ganhar, quem sabe, a simpatia do patrão. Quanto mais instruídos, mais chances de acertos nas contas e melhor caligrafia nos documentos contábeis.

A escola noturna foi uma oportunidade fortuita, mas não se esperava que o patrão fornecesse mais que aquilo. Ainda assim, a instrução desta mão de obra livre contribuiu para uma expansão cultural local, favorecendo aqueles que, em outros contextos, não conseguiriam esse desdobramento particular.

Os balcões passaram a ter uma importância dentro da cultura letrada. Retornando as memórias do menino Lívio Xavier, no início do século XX, quando ele relata ter sido naquele espaço, e não em uma escola, seu primeiro contato com o letramento:

> Como os armazéns e escritórios da firma Xavier eram contíguos à nossa casa, os rudimentos de escrita e de leitura os adquirí aos quatro anos sem que ninguém me

[177] Caderno pessoal de José Joaquim de Carvalho.
[178] *Ibidem.*

> ensinasse, no trato diário com os caixeiros na arrumação, marcação e enfardamento das mercadorias e depois, com o tio Barreto, guarda-livros e sócio de firma."[179]

Os balcões também proporcionaram sociabilidades letradas. Sobre ele, além das contas e mercadorias, passavam aos cadernos de recordações, os *álbuns* de poesias, as correspondências recebidas e a confecção das que seriam remetidas. Passavam as ideias e as informações que muitas vezes terminavam impressas nos jornais. Quando chegou em Granja, depois de sua experiência com a Padaria Espiritual, foi com uma carta timbrada da "Bevilacqua & Cia." que Lívio Barreto se comunicou com Antônio Sales. Aquele Barreto detestava a profissão de caixeiro, mas é inequívoco, ao analisar sua trajetória, que o comércio tenha contribuído para seu aperfeiçoamento intelectual, dando ao poeta algumas conexões basilares.

Como objeto de seu detestar, o balcão foi utilizado por Lívio Barreto para lamúrias e confidências, seiva de sua poesia, como as supostamente feitas a Adolfo Silveira (? - 1926):

> [...]
> Um dia em que conservava com elle em casa de Bevilaqua C.ª da qual era guarda-livros, o poeta erguendo a pontinha do véo que occultava o fundo mysterio de sua alma, contava-me confidencialmente alguma cousa *d'ess*a, por quem às vezes no arroubo da imaginação travava da lyra, e cantava as harmonias divinas do amor.[180]

No quartinho dos fundos do armazém, pensava-se ao tempo que durava a vela, parafraseando Rodolfo Teófilo[181]. A noite era o período de ler e produzir. Sobre a noite, inclusive, é pertinente pensar até que ponto a alcunha de Lívio Barreto, "poeta do luar"[182], que preferia a noite ao dia, é uma determinação imposta pelo tempo de descanso que lhe impunham enquanto empregado, nas várias colocações que teve.

Na folga de meio domingo, era a oportunidade de ler o domingueiro da vez, produzido e distribuído pelo grupo. Faz-se necessário incluir que os caixeiros da Granja não se uniram em associação e aparelharam jornais a favor de lutas por essa classe, aos moldes da Phenix Caixeiral e outros associativismos do mesmo período no Ceará. A imprensa na cidade teve outros impulsionamentos, mesmo porque, com exceção de Lívio Barreto, nenhum outro continuava na função de caixeiro enquanto atuava no jornalismo. A partir do segundo jornal

---

[179] XAVIER, 1974, p. 19.
[180] SILVEIRA, Adolpho. Dolentes. *A República*. Fortaleza, ano 7, n. 269, 27 nov. 1897, p. 4.
[181] *Cf.* THEOPHILO, Rodolfo. **O Caixeiro**: reminiscências. Edição fac-similer. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.
[182] Em 2009 foi lançada uma biografia do poeta com o título "Lívio Barreto: poeta do luar e da paixão". Ver: SÁ, Antônio Evarista da. **Lívio Barreto**: o poeta do luar e da paixão. Rio de Janeiro: IJX, 2009.

do grupo, *Iracema* (1887), quando não estavam ocupando um cargo público, encontravam-se recém-donos de pequenos comércios, a exemplo de José Barreto e Luiz Felipe. Não se afirma ser aquela imprensa voltada às causas de uma classe de trabalhadores, no entanto, a sua utilização para inserção política e social é aferida na análise das trajetórias daqueles agentes e suas atuações nos jornais.

O balcão era um *locus* inicial e difusor de cultura letrada na cidade, onde os trabalhadores teriam seu primeiro contato com outros letrados e compartilhariam interesses em comum. Mesmo sem a presença de uma redação que os ligasse, era ponto preliminar de articulação de ideias e projetos que desencadeariam em produções escritas.

O comércio pode ser compreendido com essa função, em Granja, até o começo do século XX, quando A. Batista Fontenele (1900-1986) e Ubatuba de Miranda (1900-1976), por exemplo, vão se encontrar no seio dos armazéns da Oliveira & Filho e juntos serão redatores do semanário *O Coreaú* (1921), que possuía colaboração de outros rapazes do comércio, como Manuel Miranda (1886-), dono do pseudônimo Emes. Com uma predominância de rapazes do comércio, embora sem viés de propaganda da classe caixeiral, Ubatuba de Miranda dirá: "[...] que foi o melhor jornal que Granja possuiu, em todos os tempos"[183]. Afora o exagero, foi o começo daquele cronista que deixaria a cidade um ano depois, mudando-se para a capital e ganhando destaque na imprensa, assumindo o pseudônimo João da Granja. Enquanto Manuel Miranda, o Emes, colaborou na imprensa em concomitância com o comércio e, morando em Ubajara, fundou o primeiro jornal daquele município, em 1915. Com o fim d'*O Coreaú*, Antônio Batista Fontenele fundou um jornal, *A Comarca* (1926-1930), com tipografia própria, onde imprimiu o *Almanaque da Granja*, arquétipo de publicação que o tornaria conhecido em todo o estado, após assumir a marca *Almanaque do Ceará* (1948-1962), sendo também um importante editor cearense. Exemplos de como a atividade comercial, em Granja, teve um papel de concatenador e amplificador regional de práticas letradas até o século XX.

A imprensa não era o único interesse dos moços do comércio, cabe destacar que já no final do século XIX, o gosto dos caixeiros se estendia a outras áreas envolvendo a produção cultural e letrada, como o teatro, interesse artístico de Manoel Gouveia, que foi por muito tempo o principal dramaturgo na cidade. Português, Gouveia saiu de seu país para trabalhar no comércio do tio, ainda criança; colaborou com *A Luz* (1892) e teria, na ruptura do grupo, aderido o lado do Felino da Silveira, n'*O Batel* (1892). Compôs a companhia Thalia

[183] MIRANDA, Ubatuba de. A imprensa no Norte do Estado. *In*: **Almanaque do Ceará - 1956**. Fortaleza: Tip. Royal, 1956, p. 103.

Granjense, em 15 de novembro de 1896, formada somente por rapazes, que estrearam com o drama em 3 atos, "A Pérola Preta", de Augusto Brito. Além de Manoel Gouveia, na trupe atuou José Antônio de Oliveira, Norberto Rodrigues de Carvalho, Vicente Gomes Angelim, Francisco Fortuna, Casemiro de Abreu, Alfredo Bevilaqua e Gervasio Barros[184], grande parte trabalhadores do comércio.

Além de tomar o protagonismo das práticas culturais, uma importante parcela de rapazes do comércio iniciou um processo de conquista de capital econômico e político na cidade, introduzindo-se, em grande medida, em uma elite comercial que perdia hegemonia. Aquele era um momento de transição, em que se dissolviam as fortunas das tradicionais famílias ligadas aos grandes proprietários de terra.

Os três meninos da família Barreto: José, Ordônio e Lívio, nasceram na fazenda Angicos e foram obrigados a deixá-la, migrando para cidade, na Grande Seca de 1877-79. Na sede do município, tiveram que, ainda muito cedo, trabalhar atrás do balcão, e em algum ano da década de 1880, o patriarca morreu, tornando-os arrimos da mãe e das duas irmãs. Logo, contando com o paternalismo de seus patrões, os meninos puderam frequentar o curso noturno do Gabinete. Os mais velhos, ao contrário do caçula Lívio, corresponderam às aspirações e expectativas do *télos* dos caixeiros, galgaram cargos dentro da firma que trabalhavam, tornaram-se sócios, criaram posteriormente suas próprias casas comerciais e entraram para a política, alçando prestígio naquele meio social. Ordônio Barreto não se interessou pelas letras, mas José Barreto teve sua ascensão econômica e social interseccionada com a atuação na imprensa.

Aqui, ao destacar os empregados do comércio que ascenderam socialmente, não se pretende buscar tipos "exemplares" nas trajetórias dos caixeiros. Mesmo assim, é impossível ignorar que, dentro do pequeno recorte dos agentes aqui estudados, um número significativo deles enriqueceu e se tornou membro da elite econômica e política da cidade, associando essa ascensão, as práticas letradas.

José Thiago de Paula Barreto deixou a profissão de caixeiro em 1884, aparecendo como telegrafista de 2ª classe da Estrada de Ferro de Sobral, na seção Granja[185]. No ano seguinte, fundou uma firma junto a alguns companheiros do comércio: Sebastião B. Moreira, Raimundo Oliveira e Luiz Felipe de Oliveira, a firma comercial "Moreira, Barreto, Oliveira & Cia.". Mantinha empregos concomitantemente no setor público, como "advogado" da

[184] MARTINS, 1912, p. 349.
[185] ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPERIO DO BRAZIL PARA 1885, Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Laemmert, ano 42, p. 114.

Câmara, a partir de 05 de junho 1886[186]. No intervalo de suas participações na imprensa local - onde não aparece demonstrando mais apreço à literatura do que à atuação política – Barreto iniciou sua vida na política partidária. Em 1889, esteve junto à instalação do Club Republicano de Camocim, sendo segundo secretário a partir de 1890. A mudança de regime governamental proporcionou aqueles trabalhadores, em especial aos letrados, a ocupação de funções burocráticas e políticas na máquina pública, como lembra Cardoso: "[...] foram aqueles apadrinhados e inseridos nos nichos de poder das famílias e facções que governaram o Brasil durante a Primeira República"[187].

Foi durante a Primeira República também que três firmas de ex-caixeiros formaram um monopólio comercial na região: a Ignácio Xavier & Cia., já citada como proveniente da Carvalho Motta; o estabelecimento dos portugueses, Gouveia, Irmão & Sobrinho; e a firma Oliveira & Irmãos, fundada por outro ex-caixeiro da Carvalho Mota. Com sobrepujança não só na cidade como em todo o seu entorno, as três firmas dos antigos caixeiros importavam e exportavam, transformando a cidade em um importante empório centralizador do movimento comercial daquele sertão.

A Oliveira & Irmãos, uma das maiores do ramo de tecido e na exportação de gêneros, principalmente de cera da carnaúba e couros[188], pertencia ao cel. Raimundo Oliveira, como ficou conhecido Raimundo Joaquim de Oliveira (1869-1854), ex-caixeiro da Carvalho Motta, que ao deixar a vida de empregado se ligou a Luiz Felipe e José Barreto na firma que possuíam em conjunto, até 1893, quando fundou sua própria, dando a ela o nome de seu pai: Joaquim Pereira de Oliveira & Filho. Sem que tenha pertencido a nenhuma das redações de jornais, a relação de Oliveira com aqueles letrados era estreita e íntima, intermediada pelo comércio, incluía apadrinhamentos de casamentos, de filhos, acordos particulares e até enlaces entre seus herdeiros, que além de tudo, fortaleciam os negócios.

Os novos-ricos conseguiram criar, paralelamente, e, às vezes, entrelaçado ao circuito letrado, uma espécie de mutualismo social que os protegeram de obstáculos impostos pela estabelecida elite agrária-comercial. As aproximações estreitas eram o tecido dos emergentes, não apenas envolvendo a comercialização como as relações pessoais, interligando-os até mesmo por parentesco. Como no caso de Eliza Barreto, irmã mais nova dos Barretos, que se casou com Ignácio Xavier, em 1897, formando uma aristocrática e

[186] Livro de Termo de Juramento dos Empregados e Autoridades da Câmara Municipal da Granja, de 09 de janeiro de 1882 a 20 de dezembro de 1894. Arquivo da Câmara Municipal de Granja.
[187] CARDOSO, Gleudson Passos. Padaria Espiritual e a "República do povo". *In*: **Padaria Espiritual***:* vários olhares. CARDOSO, G. P.; PONTE, S. Rogério. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012, p. 112.
[188] FONTENELE, A. Batista. **A Marcha do Tempo**: os Fontenele. 2. ed. rev. Fortaleza: SENAI/CE, 2001, p. 154.

influente família, enriquecida pelo comércio. Aliás, a importância da família foi destacada na criação da imagem de homem de negócio e na consolidação das firmas, visto já em seus nomes fantasias, que levavam o sobrenome da família que se insurgia socialmente. Como tradição já reconhecida pelos ricos comerciante anteriores[189], os ex-caixeiros apostaram na criação da marca familiar para se afirmarem diante da classe detentora do capital financeiro na região.

Pontua-se que a baliza de análise dessa mudança social é a emblemática saída, da cidade, do capitalista Carvalho Motta, em 1895. A exaustiva citação dessa casa comercial, neste estudo, não se faz em vão, ela detinha o monopólio no município, sendo a maior e mais influente, antes das três firmas dos ex-caixeiros. Incluindo a isso, grande parte da primeira geração de caixeiros pertencia a essa firma, como um dos nomes mais importantes do grupo de letrados: Luiz Felipe de Oliveira.

Centro em que orbitava socialmente a classe de novos-ricos oriundos do trabalho no balcão, Luiz Felipe de Oliveira nasceu no dia 1 de maio de 1866, em Sobral. Filho de Maria Jacinta de Oliveira, que o teria criado sozinha, embora algumas fontes aponte José Medeiros Netto como seu pai[190]. Além de filho fora do casamento, Oliveira era mestiço, características que carregavam estigmas e dificultavam a ascensão social. Aos 13 anos, empregou-se na firma Carvalho Mota[191], não se sabe se frequentou a escola do Gabinete, embora o período e a faixa etária permitam se pensar assim, o que também abre margem para se imaginar não ter concluído as aulas ou feito exames, como outros, aferidos na lista dos examinados de 1881.

Luiz deixou a profissão de caixeiro em 1885, para fundar sua própria firma, junto aos companheiros: Sebastião Barros, Raimundo Oliveira e José Barreto, a já citada Moreira, Barreto, Oliveira & Cia, mudando de nome posteriormente para Oliveira & Cia.[192], com a saída de Sebastião Barros[193].

Estreou na imprensa em 1887, com o jornalzinho *Iracema*, entrando no ano seguinte no que parece ser seu primeiro cargo público, secretário da Câmara Municipal, em

---

[189] COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e Cultura das Elites Sobralenses*: 1880-1930. Fortaleza: Secult, 2011, p. 117.
[190] Esta informação aparece em seu obituário, publicado no jornal A Ordem, de Sobral. Ver: DEPUTADO Luiz Felippe de Oliveira. **A Ordem**: órgão do Partido R. C. Sobral, ano. 10, n. 7, 14 out. 1925, p.1.
[191] CORONEL Luiz Felipe de Oliveira. **Almanaque do Estado do Ceará- 1943**, Fortaleza: Editora Fortaleza, 1942, p. 54 -56.
[192] Esse "Oliveira" não era a mesma família. Vale destacar que, embora possuíssem o mesmo sobrenome, Luiz Felipe e Raimundo Oliveira não eram parentes.
[193] *Ibidem*.

25 de agosto de 1888[194]. Nesta função, recepcionou o Conde d'*Eu* quando o príncipe passou por Granja, fazendo propaganda antirrepublicana, na noite de 31 de julho de 1889. No mesmo ano, foi nomeado promotor público de Palma[195], "[...] onde foi encarregado de proclamar a República, a 18 de Novembro de 1889"[196], ficando no cargo por dois anos.

Já na República, em 10 de julho de 1891, foi nomeado 3º juiz substituto do termo da Granja, deixando o cargo em 23 de maio de 1892, colaborando nesse ínterim com o jornal *A Luz* e se casando, na vila de Tianguá, com sua prima Cândida Silva Ramos, em 23 de janeiro de 1892. Nos anos seguintes da década de 1890 cresceu exponencialmente no comércio, incluindo a exploração do vale amazônico, tempo em que frequentava a redação do *Jornal da Granja* e *A Reforma*, ambos de 1894.

Envolvido com a política partidária, assumiu em 1910, após a morte do Cel. Salustiano Moreira, a chefia do Partido Republicano Conservador da Granja, "onde possuia inestimavel prestigio eleitoral, reconhecido por todos"[197], tornou-se um líder político influente, nas primeiras décadas do século XX, o que proporcionou deixar um capital político a seu filho, Olavo Oliveira, que criou uma facção partidária poderosa na região, a ala olavista.

Luiz Felipe assumiu a intendência municipal da Granja por dois meses[198], deixando-a para ocupar uma cadeira de deputado na Assembleia Legislativa do Estado por três mandatos[199]. Mantendo a influência como deputado e chefe dos "marretas" local, demarcava seu prestígio político no município com a execução de obras como "[...] escolas, devidamente aparelhadas, em todas as sédes de distritos [...]"[200]. Essas e outras iniciativas ajudaram a construir uma imagem de homem preocupado com a instrução, disseminando a ideia de ser um autodidata culto e astuto, cujo nome batizou o mais antigo prédio escolar da cidade: Colégio Cel. Luiz Felipe. Além de espelhar o gesto inaugural da formação da sua geração, quando ajudou a fundar a Biblioteca Municipal, em 1917, idealizada por ele[201] e,

---

[194] Livro de Termo de Juramento dos Empregados e Autoridades da Câmara Municipal da Granja, de 09 de janeiro de 1882 a 20 de dezembro de 1894.
[195] Atual cidade do Coreaú.
[196] CORONEL..., 1942, p. 54 -56.
[197] DEPUTADO Luiz Felippe de Oliveira. **A Ordem**: órgão do Partido R. C, Sobral, ano 10, n. 7, 14 out. 1925, p. 1.
[198] Entre 21 de março de 1914 a 25 de maio de 1914.
[199] De 1914 a 1918; 1917 a 1920 e 1925 a 1928. Morreu enquanto ocupava o cargo de deputado estadual, sendo enterrado em Fortaleza, com cortejo fúnebre com toda pompa e circunstância de um político conceituado da época.
[200] CORONEL..., 1942, p. 55.
[201] Trata-se da primeira biblioteca pública e municipal da Granja, inaugurada em 15 de maio de 1917, por iniciativa particular de Luiz Felipe de Oliveira; Abner de Vasconcelos, o filho de Antônio Augusto de Vasconcelos, que atuava como juiz da comarca da Granja; Vicente Arruda; Ignácio Xavier; padre Vicente Martins; Ignácio Fortuna; Antônio Gouveia; Raimundo Oliveira e Antônio Ferreira Porto.

com grande simbolismo, pelo filho do fundador do Gabinete Granjense de Leitura, o juiz Abner de Vasconcelos (1884-1972).

Luiz Felipe não demonstrou muita pretensão literária, sem ambicionar se firmar como homem de letras nas páginas dos jornais. O que se conclui de fato é a utilização, por ele, da imprensa como veículo para ocupar as posições que desejava, legitimando e consolidando seu nome à medida que ascendia socialmente. O desdobramento da imagem de Oliveira, de bom homem, trabalhador, honesto e pai de família, é o aspecto que se faz mais visível nas fontes manuseadas e o grande capital acumulado por ele enquanto membro do grupo letrado.

3.3 Letrados ao norte: a saída da cidade ou o desaparecimento de Antônio Raulino.

Nos últimos anos da monarquia, em Granja, um juiz de direito se entrosou com a sociedade local, criando laços de amizade e chegando até a apadrinhar os filhos das famílias granjenses, como o primogênito de um abastado comerciante do clã Oliveira. Removido para o Pará, o magistrado não esquecia sua antiga comarca e os moradores que nela viviam. Um dia, recebeu uma carta do compadre Oliveira, dizendo que José, seu afilhado, havia partido há anos para o território amazônico, correspondendo-se raras vezes com a família, até que perdeu completamente o contato. O comerciante suplicava que o compadre encontrasse o moço e o encaminhasse, por bem ou por mal, de volta à terra natal. Como providência divina, o juiz se deparou com o suposto afilhado na rua e, imediatamente, no primeiro vapor, despachou um confuso rapaz para Granja. Na cidade, os parentes não conseguiram reconhecer naquele rosto o filho pródigo, mas assumiram que o tempo passava e tudo mudava, inclusive as fisionomias, dando ao rapaz o controle do comércio e bens da família. Neste ponto da história, o leitor já deduziu que a reviravolta no enredo se dá com a revelação daquele homem como um usurpador, não passando nem perto de ser o verdadeiro herdeiro.

A narrativa acima é o mote do *Antônio Trocado*, um causo supostamente baseado em fatos reais, com larga repercussão na oralidade local e na imprensa, no começo do século XX. O escritor Humberto de Campos (1886-1934), que esteve em Granja em duas ocasiões, publicou a narrativa com o título “Identificações”[202], no *Diário Carioca*, em fevereiro de 1934; Aurélio Domingues, enviando a história de Recife, publicou-a em novembro do mesmo ano no carioca *Correio da Manhã*, como "Antônio Trocado”, dizendo que “a mim quem m’o contou foi uma cearense, extremamente espirituosa, como não falta na terra de Iracema, de

[202] CAMPOS, Humberto de. Identificações. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, ano 07, n. 1707, 24 fev. 1934, p. 6.

Granja mesmo, a dona Maria Pindunga"[203]. Já no século XXI, José Xavier Filho afirma ter conhecido os envolvidos da trama, que, em sua versão, teria sido motivada pela abertura de um testamento, no "A Busca do Quinca Trocado"[204]. Conquanto, todas as narrativas possuem o mesmo argumento: um rapaz da família Oliveira[205] da Granja que partiu para o território amazônico e não mandou notícias, desaparecendo, a ponto de não ser mais reconhecido pelos próprios familiares.

Para esta pesquisa, pouco importa a veracidade desse causo. Aqui interessa os recursos usados que o fizeram e o fazem, quem ouve ou lê, acreditar ser possível aquele episódio ter acontecido, os elementos que convencem a autenticidade. Fonte que desvela a vida em Granja, "Antônio Trocado", como todo documento histórico, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade[206]. O pano de fundo crível da narrativa descreve um dos percursos que tomaram os letrados daquela geração após o contato com o mundo das letras. Faziam parte da realidade social dos granjenses os deslocamentos para fora da cidade, em que se sabia que alguns prosperaram, muitos fracassaram e outros sequer mantinham rastros de suas existências.

Os encantamentos com o mundo amazônico[207], como um conto mirífico ou eldorado, povoavam a imaginação da população cearense nos oitocentos. Por décadas, pessoas e gerações fizeram essas travessias, permeando o tecido social com lembranças e experiências.

As limitações do meio intelectual e a configuração do espaço social da Granja, somadas às condições e oferta de trabalho, contribuíram para uma espécie de migração erudita. Diferentemente de outros fluxos migratórios[208], aqueles agentes tomaram o trem, rumo ao porto de Camocim, a fim de se integrarem ao intenso trânsito de pessoas e mercadorias que tomavam a rota dos destinos amazônicos, vislumbrando os centros culturais e urbanos que reluziam ao norte.

---

[203] DOMINGUES, Aurelio. Antonio Trocado. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano 34, n. 12.269, 22 nov. 1934, p. 5.
[204] XAVIER FILHO, 2008, p. 67-68.
[205] A versão mais repercutida oralmente diz ser a personagem do causo o granjense Joaquim Pereira de Oliveira Júnior, o Quincas Oliveira, irmão do Cel. Raimundo Oliveira. No entanto, essa informação não pertence a nenhuma crônica aqui estudada, mantendo-se no mundo da oralidade.
[206] Nas considerações da Nova História Cultural. Ver: PESAVENTO, 2003; CHARTIER, 1999.
[207] O termo Amazônia surge mais como uma referência ao território do que ao bioma amazônico. O seu emprego generalizado e reconhecido é uma construção conceitual da região no final do século XIX.
[208] Para não se deter em uma discussão reducionista, que explica as motivações do processo migratório cearense apenas por estímulos governamentais, interesses capitalistas ou envolvendo a problemática da estiagem. Este trabalho tenta refletir, com a multiplicidade desses fatores, as trajetórias individuais dos migrantes. Pois se entende que os letrados granjenses buscaram expectativas condizentes com suas habilidades qualificadas, de alfabetizados, não somente migraram em busca de trabalho nos seringais ou "fugindo" de secas.

A afluência da cidade com as províncias do norte era equivalente ao fluxo de Granja com a capital cearense. Sendo a cabotagem a principal modalidade de transporte entre o século XIX e começo do XX em todo o Brasil, e o porto de Camocim a última escala cearense dos vapores que iam para aquela região, havia linhas regulares de navegação costeira quase que diariamente, operacionalizadas pelas companhias instaladas na zona portuária.

As transformações sociais estavam ao lado das econômicas, os maiores fluxos comerciais do norte cearense se davam com as praças de Pernambuco e Maranhão, a primeira mais absorvente e a segunda mais próxima[209]. Contudo, a conexão de Granja com São Luís, e esta, por sua vez, com Belém, que intermediava o comércio do vale amazônico, era aproveitada pelos negócios granjenses para penetrarem além:

> Luiz Felipe foi um dos primeiros exploradores do rio Acre, para onde comerciou por longos anos, conseguindo alí notável conceito de probidade e valor. Foi nesse ramo de atividade, por aquele tempo difícil e perigoso, que conquistou a sua independência econômica.[210]

Elaborações discursivas como esta corroboram o interesse comercial da Granja por aquela zona. Havia, nessa ligação, um estreitamento de tal maneira que a sabedoria popular reconhecia uma vestimenta característica do homem com negócios no amazonas, identificada no antigo dono do jornal *O Batel*, Felino Laurino da Silveira, que se vestia com o considerado código visual: linho HJ, sapatos brancos e chapéu do Chile[211].

As casas comerciais granjenses mantinham relações de mutualidade com as firmas daquelas províncias. Sendo compradoras ou fornecedoras, elas estabeleceram uma rede de apoio para seus negócios, incluindo os deslocamentos e hospedagem dos empregados, assegurando aos seus representantes comerciais acolhimento entre as firmas. Muitas vezes, essas transações eram feitas com firma de um conterrâneo radicado na região amazônica, constituindo um canal doméstico e seguro para granjenses entre províncias.

Foi por intermédio desses vínculos que o futuro imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), Humberto de Campos, hospedar-se-ia em Granja, por indicação de membros da família Barros Teles, que mantinham um intenso comércio entre o Ceará, Pará e Maranhão. Enviaram-no aos cuidados de José Quariguasi da Frota, chegando em maio de 1906. O então moço vinha convalescer de uma doença, uma vez que a cidade possuía a fama de ter bons ares e clima sadio, propício para uma estação de tratamento e repouso. Solução que nem sempre

---

[209] MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte agrário e o império**: 1871-1889. Brasília: INL, 1984, p. 220.
[210] CORONEL...,1942, p. 54 -56.
[211] XAVIER, 1974, p. 27.

tinha o desfecho esperado, como o caso do português e empregado da firma Moreira & Saraiva, José Dias de Azevedo, que em 1893 foi enviado à Granja para restabelecer a saúde, mas não regressou ao Maranhão vivo[212]. Já Campos se recuperou, retornando a cidade outra vez, em 1911, coletando as histórias e causos que depois fariam parte de suas crônicas e anedotário.

Por outro lado, mais intensas foram as saídas de letrados da cidade em busca das terras amazônicas. Levando em consideração o que já foi dito, é possível dizer que esses agentes, que fizeram a rota Granja-Amazonas, utilizaram os canais estabelecidos pelo comércio para viabilizar suas movimentações. Um que talvez tenha feito assim seja Lívio Barreto, ao partir para o Pará em 10 de junho de 1888. O recém-estreante nas letras seguiu para Belém e logo se empregou como caixeiro, na casa de moda feminina Mariposa. Talvez uma indicação entre patrões, envolvendo a antiga firma que trabalhava em Granja com aquela no Pará, sem que procurasse galgar progresso no ofício, mas apenas se inteirar daquele centro intelectual em ebulição. Para seu amigo e biógrafo Artur Teófilo: "foi ali, entretanto, que conseguiu conhecer a maior parte dos poetas portugueses e onde travou conhecimento com João de Deus do Rego, que muito contribuiu para a formação da sua orientação literária, nova, equilibrada e bem entendida"[213].

As novas orientações literárias do poeta eram transferidas em missivas e poemas ao grupo na Granja, registradas muitas vezes em seus cadernos particulares, influenciando as produções e as leituras. No entanto, "[...] a 7 de agosto de 1891, muito doente de beribéri, regressou ele à terra natal, com a bagagem de alguns livros, um poema inédito e um fígado irritado"[214].

Outro letrado que também teve uma experiência no Pará, Francisco Fortuna, foi a capital paraense gerenciar uma serraria, na qual tinha sociedade, em 25 de abril de 1901[215]. Fortuna tinha, em Granja, fundado e redigido os jornais fora do circuito de Lívio Barreto, *O Facho* e *O Trabalho,* e tal qual seu conterrâneo retornou da zona amazônica no que parece ter sido um insucesso profissional.

Mas por outro lado, houve quem nunca mais voltasse. Oriundo da escola do Gabinete, após viver em Fortaleza e Sobral, Belfort Sobrinho, influído por "contingências da vida", foi obrigado a retirar-se para o Amazonas em julho de 1897, segundo Barão de

[212] DIÁRIO DO MARANHÃO, São Luiz, ano 22, n. 5352, 09 jul. 1891, p. 2.
[213] TEÓFILO, 2009, p. 233.
[214] *Ibidem.*
[215] GOUVEIA, Manoel. Noticias da Granja. *A Cidade,* Sobral, ano 03, n. 22, 29 abr. 1901, p. 4.

Studart[216]. Lá o jornalista se tornou chefe político e se graduou em Direito pela Faculdade do Pará, não voltando a viver no Ceará.

Mas também, para além das narrativas de sucesso, havia trajetórias de decadências, acometimentos de doenças, desamparos e ceifamentos.

Dentro do trem da ferrovia de Sobral, rumo a Camocim, o menino Austregésilo de Athayde ouviu um homem tocando violão e cantarolando no banco da frente do vagão: "Vou m'embora, vou-m'embora", e guardou a frase dita, na ocasião, por seu pai: "aquêle desgraçado vai para Amazonas morrer de febres!"[217]. Embora o estímulo de migrar fosse amparado por ideias de esperança e sucesso, a morte não era um fim ignorado. O falecimento de Thiago Ribas dava ideia dos reveses possíveis. Morto repentinamente em uma expedição militar no Pará, em 18 de julho de 1895, o famoso aluno da escola do Gabinete e do professor Garcez, incluído nos versos de Juvenal Galeno como um dos "padeiros"[218], era reconhecido como um potencial intelectual[219]. Mas a notícia de sua morte, de febres amazônicas, contribuía para a sensação de desconsolação, evocando os perigos da floresta e o moinho de sonhos localizado ao norte da Granja.

Mas, caso servisse de consolo, sabia-se pelo menos da razão da ausência definitiva. Pior sempre era a *umbra* que pairava há tempo e em cima de muitas gerações: a falta de qualquer informação, até mesmo da morte. Fundamentada na ignorância, a impotência de perder a conexão por completo, entre os entes queridos, pertencia ao tecido social da cidade.

Fazia parte da membrana mística, dos que experimentaram essa travessia e dos que ficavam, a possibilidade de nunca mais manter contato, como na história do "Antônio Trocado". Aliás, retoma-se a essa narrativa para alcançar a experiência do "desaparecimento", vivida pela geração dos letrados da Granja. Tal retomada se sustenta, então, na concordância

---

[216] STUDART, Guilherme. Dicionário BioBibliográfico Cearense III, Edição fac-símile. Fortaleza: Iris; Secult, 2012, p. 61.

[217] ATHAYDE, Austregésilo. Pequenos quadros da infância. **O Cruzeiro**, Vana Verba, Rio de Janeiro, n. 52, out. 1959, p. 28.

[218] Em ato falho, ou não, o poeta Juvenal Galeno o coloca junto a Lívio Barreto, Xavier e Peixoto como membros da Padaria Espiritual, em um poema publicado na edição especial d'*O Pão* (15 out. 1895). O militar não fez parte da agremiação, embora tivesse grande contato com seus membros, em especial Temístocles Machado, um dos fundadores, a quem o Barão de Studart lhe atribuiu a entrada no mundo das letras. Ver. STUDART, 2012, p. 126.

[219] Thiago Ribas nasceu em Granja, em 1869, era filho de Felipe Thiago Ribas e Mariana Ribas, irmão do também jornalista, Rodolfo Ribas. Thiago iniciou sua carreira militar em 1890, contribuindo com diversas publicações na área. Na imprensa, segundo o Barão de Studart: "deixou traços inapagaveis no jornalismo como redactor, que foi, d'*A Epocha* e d"*O Soldado*" (2012, p. 134). Foi polemista naquele espaço público, travando discussões em torno de temas gramaticais no jornais *Pátria* e *Tribuna Comercial.* Destacando seus embates com José Ventura Boscoli, que rendeu a Ribas a publicação de um folheto, em 1891, intitulado "Questão Grammatical". Ver: STUDART, Guilherme. Dicionário BioBibliográfico Cearense III, Edição fac-símile de 1915. Fortaleza: Iris; Secult, 2012.

com Sandra Pesavento, quando a estudiosa afirma ser a Literatura uma fonte privilegiada para alcançar as representações do passado, dando "[...] acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos"[220].

O tema do desaparecimento, particularmente em Granja, vai se introduzir na imprensa, na literatura, no folclore, permeando, assim, várias camadas sociais. Ainda na infância aquelas histórias chegavam ao imaginário dos pequenos granjenses. Tão chocado quanto o menor Austregésilo, o menino Lívio Xavier ficou abalado, na escola, ao aprender que o Amazonas era as "[...] paragens onde se ganhava dinheiro a rôdo com a borracha, mas de onde muita gente sumia sem deixar notícia aos parentes do Ceará"[221], articulando ele próprio com as histórias da sua família, com o exemplo do primo desaparecido, Inácio Martins Filho.

Aquela história de troca de identidade, contada pelas ruas, dava diversos suspeitos para seu protagonista, que atiçava a curiosidade popular. Pode-se suspeitar, por exemplo, de Manoel de Barros Teles, um dos irmãos da família que acolheu Humberto de Campos em Granja, que poderia muito bem ter sido o *Antônio Trocado* da narrativa. O ex-colaborador do jornal *A Luz* (1892), que na racha da imprensa granjense aderiu ao grupo d'*O Batel* (1892), foi o motivo do atraso da partilha da herança de sua tia, Leonor Angélica de Barros. O inventariante dos bens, o marido Cel. Salustiano Moreira, fez publicar avisos proclamando adiamentos da leitura do espólio, por "[...] achar-se auzente em logar não sabido no Estado do Amazonas o herdeiro Manoel de Barros Telles [...]"[222], prelúdio para o desenvolvimento do caso de usurpação.

Na falta de notícias sobre os parentes, os entes queridos que ficavam na cidade, apelavam para o místico, por receber uma mensagem celestial. Câmara Cascudo recuperou o relato de Getúlio César, na década de 1930, que testemunhou na cidade o uso de um recurso divino com intuito de receber notícias:

> No Ceará, na cidade de Granja, em uma noite de lindo plenilúnio, minha atenção foi desviada para uns grupos de senhoras que passeavam pelas ruas, aproximando-se silenciosamente das pessoas que palestravam nas calçadas. Procurando saber de que se tratava, o hoteleiro me explicou: - São pessoas que desejam saber notícias dos parentes distantes, no Amazonas. Fazem oração (o rosário de Santa Rita) e esperam ouvir, dos que conversam, a resposta desejada.[223]

---

[220] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 82.
[221] XAVIER, 1974, p. 17.
[222] ATHAYDE, José Feliciano A. de. Editaes. **A Cidade**, Sobral, ano 04, n. 21, 20 abr. 1902, p. 3.
[223] CESÁR *apud* CASCUDO. Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Global, 2001, p. 37.

Os parentes desesperados, em busca de uma resposta, recorriam ao rosário de Santa Rita. Nas noites de luar, de preferência, quando havia mais transeuntes pelas ruas, os peticionários saiam rezando o rosário. Qualquer palavra dita, por alguém que passasse, e com uma ligeira conexão com o assunto, era considerada a resposta à pergunta mental que se fez, que poderia trazer tristeza ou alegria.

A falta de notícias sobre Antônio Raulino leva a crer que ele tenha sido uma das vítimas do "desaparecimento" da migração, fator que contribuiu para o seu esquecimento histórico. Uma vez que o jornalista saiu da Ribeira do Coreaú pelo rio Lete, um dos rios do deus grego do mundo inferior, e em um efeito reverso, ao tocar suas águas, invés de esquecer, foi esquecido. Outros do grupo foram para o norte, mas ao contrário de Raulino, voltaram para a Granja ou viveram antes no meio intelectual da capital cearense, como Lívio Barreto, Belfort Sobrinho, Tiago Ribas, Artur Teófilo, que naquele porto ao sul, atuaram na vida literária e deixando suas marcas.

Filho de Antônio Raulino de Moura, que lhe dá exatamente o mesmo nome, e de Maria Carolina de Moura, pouco se sabe sobre sua trajetória de vida, até mesmo se nasceu em Granja. Provavelmente tenha estudado na escola do Gabinete de Leitura, onde se aproximou do grupo de letrados. Mas rastros sobre ele aparecem em poucos documentos, como a lista de eleitores granjenses[224], que o registrou com 26 anos, em 25 de março de 1898, deduzindo-se com isso seu nascimento em 1872. Na referida lista também aparece com a profissão de "artista", uma designação genérica para se aludir a qualquer ofício relacionado a trabalhos manuais.

Em 1910, no *Jornal do Ceará*[225], periódico dirigido por Valdemiro Cavalcante, uma nota aparenta ser a última notícia de Antônio Raulino de Moura no Ceará. Nela, diz-se que o conterrâneo havia tomado passagem no vapor *Alagoas*, voltando para Senna Madureira, território do Acre, onde morava. Nada mais. Talvez seja a "prova" do seu destino, embora aquele possa ser um homônimo, que, como em *Antônio Trocado*, agora usurpa seu lugar de memória.

Sobre essa memória, é necessário salientar que, em Granja, não lhe foram reservadas as mesmas preocupações memorialísticas feitas a outros da mesma geração, tão rememorada na cidade posteriormente. Antônio Raulino, um dos mais atuantes do grupo, não

[224] Lista de Eleitores das Eleições Estaduais e Municipais para o ano de 1898, Câmara Municipal de Granja. Caixa 44, Fundo: Câmaras Municipais, correspondências expedidas (1871-1921).
[225] JORNAL DO CEARÁ, ano 07, n. 1184, 27 abr. 1910, p. 01.

se tornou nome de rua, escola, biblioteca ou outras marcas territoriais de memória; nem sequer aparece nas listas de filhos notáveis do município ou se converteu em verbete de dicionário. Foi na imprensa que Raulino encontrou um dos poucos suportes de sua memória, sendo os jornais o principal registro das relações que estabeleceu dentro da vida social granjense. Muitas disputas podem ter se incidido sobre a memória daquele letrado, mas a sua saída da cidade, para o norte amazônico ou qualquer outro espaço sem conexão com a Granja, caso não o tenha feito desaparecer para seus contemporâneos, o fez ser esquecido pela historiografia. Mesmo assim, Raulino conseguiu usar a materialidade da escrita contra a fatalidade da perda[226], como se verá no próximo capítulo.

4 "NOS MICROSSULCOS DO ÍNTIMO DO ESPÍRITO": SENSIBILIDADES NAS PRODUÇÕES ESCRITAS

Neste capítulo, terceiro e último, perscrutam-se outros suportes da escrita do grupo granjense: manuscritos, missivas, metatextos, onde eles deixaram rastros do sensível e onde a agulha de fricção da pesquisa consegue perceber as vibrações de sentimentos e emoções. No primeiro tópico, entre quatro, discorre-se sobre a convergência entre sociabilidades e sensibilidades no registro da amizade; no segundo tópico, verifica-se a utilização dos jornais e da amizade para a criação de imagens públicas; no terceiro, analisam-se os escritos no caderno que circulava dentro do grupo, como espaço de celebração de *si* e do outro; por fim, o terceiro tópico, perseguem-se as pistas relacionadas ao livro *Dolentes*, relicário da geração dos letrados da Granja e documento do entroncamento com outros círculos intelectuais e afetivos.

4.1 O registro da amizade

> [...]
> Nem tudo morre, muita coisa fica,
> Intacta:
> O aroma, o gosto, o som, a imagem e o contacto
> São a alma imortal das coisas transitórias
>
> Depois de morto o olfato,
> É vida, na memória, o aroma das coisas.
> Apagada a visão,
> É vida a imagem, o relevo e a cor.

[226] Sobre a questão da materialidade do escrito. *Cf.* CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

> Morta a audição, ficam vivos os sons
> Gravados
> Nos microssulcos do íntimo do espírito.
> Osvaldo Chaves[227]

Provavelmente nenhum dos letrados aqui estudados conhecia o processo técnico do microssulco, um termo do século XX para designar a ranhura fina e compacta em que se registrava o som no LP (*long play*), disco de vinil. Usando os microssulcos de forma metafórica, seria como encontrar um espaço para guardar os elementos não-físicos e fugidios do dia-a-dia, como o som, o gosto, as emoções, os sentimentos, espaço que aqueles agentes, sem dominar outras formas, forjaram na materialidade do escrito.

Ao analisar suas produções é inevitável se aproximar do sensível, dimensão imaterial tratada pela história das sensibilidades. Esse campo da História é colocado, por diferentes historiadores, como ambição da História Cultural, que entende as sensibilidades como importante vestígio para compreender o tempo já vivido. Estudar as sensibilidades é pretender, segundo Sandra Pesavento, "capturar a enargheia, a força da vida, seria a meta última e refinada daquele interessado em reconfigurar o tempo do passado."[228]

Ao explorar a imbricação entre sociabilidades e sensibilidades dentro do grupo, o exercício da amizade se destaca. A amizade, que no idioma português tanto significa um sentimento como uma relação, tem um sentido histórico, configurando-se e se modificando no tempo e no espaço, sendo, portanto, um objeto de análise historiográfica possível.

Na reconstituição histórico-filosófica realizada por Francisco Ortega, em *Genealogias da Amizade*[229], o filósofo a analisa como um fenômeno social, meditando sobre a mudança do sentido dessa prática no decorrer do tempo. Na modernidade, inclusive, essas relações teriam se distanciado da vida pública e começado a pertencer à intimidade, a partir do século XIX. Para Anne Vincent-Buffault:

> A amizade é alegria suplementar, local do exercício das sensibilidades, marca de uma eleição, não é uma instituição. Ela estabelece rede de influências, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e interações.[230]

---

[227] Poema "Angelim Intacto", de Osvaldo Chaves, datado em setembro de 1985. Ver: CHAVES, 1986, p. 49-50.
[228] PESAVENTO, Sandra J. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. *In*: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frédérique (org.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 13.
[229] ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
[230] VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 9.

A historicidade dessa prática exige também um reconhecimento de seus rituais e seus lugares de encontro. Isso transforma os textos dos granjenses em documentos privilegiados, posto que constituem espaços ritualizados e inventados para convivência e contato entre amigos. Intenta-se dessa forma, discutir as experiências de amizade representadas e registradas na produção escrita daquele grupo.

Uma memória da relação intelectual e afetiva foi grafada por aqueles letrados, que deram às palavras escritas uma importância equivalente à vivência presencial, o que era redigido possuía o poder de levar o prazer emocional do encontro e, muitas vezes, tinha o efeito de aprofundada a intimidade.

Aqui é necessário realçar que se trata exclusivamente de amizades masculinas. Esse recorte de gênero não é uma escolha, é imposto pela própria limitação do exercício da amizade e das sociabilidades no século XIX, especialmente na pequena cidade. Restrições observadas nas práticas e nos circuitos intelectuais cearenses como um todo, que dificultavam a participação de mulheres em posições de protagonismo. O domínio do espaço público, que se utilizava de jornais e outros produtos culturais, em Granja, era um campo predominantemente masculino.

Pode-se, então, apontar que a amizade, para esses letrados, também constituiu o culto à virilidade, à cidadania, à construção de *si* e, em suma, à constituição de uma subjetividade. Ao escrever para o amigo, ao escrever sobre o amigo, ao escolher um amigo, esses letrados estavam tecendo representações sobre eles próprios e suas identidades.

Os textos analisados, que pertencem ao mundo da arte e da cultura, detalham o cotidiano dos indivíduos e dão conta de uma estilização de si e do outro. Ao recordar que aquele era um momento de modernização da sociedade brasileira, vale a pena dizer que esses agentes estavam inseridos num sistema de disciplinação e normalização social, com controle de conduta e dos sentidos, em tentativas de reger seus modos de viver, incluindo, suas relações de amizade[231].

[231] Neste capítulo, retomam-se as concepções de Norbert Elias com base nos “processos de civilização” sofridos pela sociedade brasileira. Em particular com a ideia de civilização das emoções, que se estabelece na relação entre o autocontrole e as coações externas. O refinamento das emoções é sinal que o processo civilizador ocidental estava avançado, posto que a personalidade e a organização social se alteram e moldam, reciprocamente, configurando os conceitos de “figuração” e “interdependência”. Ver: ELIAS, 2011.

4.2 Amizade nos jornais

Os jornais granjenses conseguiram expor as relações íntimas dentro do grupo, as conexões e afetos que aqueles agentes, abrindo brechas, deram acesso. Para além da utilização da amizade como temas das produções, que pautavam suas literaturas, aqueles jornalistas a relacionaram às suas concepções de mundo, social e político.

O tema da amizade, "[...] tratado nas conversas e nas publicações, dá ensejo a exibir espetáculo da moralidade do espaço público literário"[232]. No que é impresso, está a criação da imagem do homem cortês, provedor e próspero que era motivo de conquista e construção no século XIX[233], a exemplo do que se observou na utilização dos jornais a favor da imagem de Luiz Felipe de Oliveira.

No número 6, do domingueiro *A Luz*, em uma secção denominada "Chroniqueta", um certo Guilherme Lins diz não saber como explicar o que sente e o que ainda sentiria, descrevendo um confuso sentimento que não era saudade, tampouco mágoa, oriundo da sensação de:

> [...] quando temos um amigo que vai nos deixar sem sair de onde estamos, que separar-se de nós, não pela distancia, não pondo de permeio o oceano [...] mas a gravidade de uma nova posição, de uma nova vida, de um novo meio onde vai viver e que sendo o mesmo em que vivemos, deixa-nos meio atrapalhados assim como quem vendo uma porta aberta e um convite não se atreve a entrar e fica alli na soleira, - com desejo e com receio…
> - No dia 25 deste caza-se o meu amigo, o meu velho camarada Luiz Fellippe de Oliveira. Eis ahi cortado o nó-gordeio da questão[234]

Lins completa o texto explicando que não estava triste, fazia votos de que a relação fosse duradoura, tal qual a amizade entre os dois, mas confidenciou se sentir como quem perdia um camarada, ao mesmo tempo em que estava feliz pelo amigo ir desfrutar da vida de chefe de família.

A croniqueta traduziu o sentimento coletivo da redação do órgão, que, nesse caso, correspondia à sensação mista do momento em que um deles se casava. Por um lado, era um movimento esperado e desejado para o sujeito que buscava mobilidade social; por outro, significava mudar o modo de se relacionar com o amigo e, em parte, perdê-lo do convívio com o grupo, já que as convenções sociais dificultavam a presença do pai de família entre os

---

[232] VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 80.
[233] MORGA, Antonio Emilio. Masculinidade em Nossa Senhora do Desterro e Manaós: territórios e ardis. *In*: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 222.
[234] LINS, Guilherme. Chroniqueta. **A Luz**, Granja, ano 1, n. 6, 24 jan.1892, p. 2-3.

solteiros e lhe roubava tempo das atividades não remuneradas. Além disso, a esfera doméstica demandava atenção e tempo, pois "[...] a família consegue tornar-se o pivô fundamental das relações de sociabilidade e afetividade no século XIX"[235].

Para Tianguá, informa uma nota no mesmo número, partiram no dia 21 os amigos Luiz Felipe, Antônio Raulino, Lívio Barreto, Raimundo Oliveira e outros, em uma viagem, sem revelar o motivo. O pequeno círculo de leitores, entretanto, sabia muito bem se tratar da ida deles ao casamento do colega da redação, Luiz Felipe, com uma jovem daquela cidade. Era o início da vida adulta masculina, no século XIX, registrada no pequeno jornal da cidade. Mas não só isso, era o registro da presença dos companheiros nessa mudança pessoal, ultrapassando uma fronteira juntos.

Logo, outo jornal do grupo publicava mais uma fase da trajetória do companheiro. Em 1893, Luiz Felipe se tornou pai, ao nascer Olavo (1893-1966). O nascimento da criança foi celebrado entre os amigos, que fizeram poemas festejando o acontecido. Em outro jornal, *A Reforma*, Antônio Raulino publicou "O Choro do Olavo". No poema, o autor externa o carinho e intimidade que possuía com o amigo através de um encantado relato com o seu filho:

> O Choro do Olavo
> (Ao Luiz)
>
> Olha, Luiz, que engraçado
> É o Olavo chorando agora,
> Emquanto perolas chora
> Esfrega as pernas zangado.
>
> E o que acho original
> N'aquelle pranto innocente
> É ficar-lhe o roato algente
> N'um contraste, desigual!
>
> Olha-o, os labios contrahindo
> E os olhos quasi fechando…
> (Que pulha!) O Olavo chorando
> Parece um velho se rindo.[236]

Lívio Barreto, por sua vez, produziu "O Sono de Olavo", publicado, possivelmente, em algum jornal do grupo, passando depois a compor a seleção do seu livro, apesar de não dialogar com o restante da coletânea. Datado no mês e ano do nascimento da criança, junho de 1893, a peça é mais extensa que a de Raulino, apresentando uma cena

[235] ORTEGA, 2002, p. 141.
[236] RAULINO, Antônio. O Choro do Olavo. **A Reforma**, Granja, ano 1, n. 2, 20 mai. 1894, p. 2.

semelhante: um amigo admirando um recém-nascido e exaltando o seu genitor. Nela, é exibido um pai maleável, encantado e completo com seu filho:

> [...]
> Eis tudo feliz, enfim!
> Ei-lo desperto, feliz,
> A rir como um querubim.
> Eis tudo feliz, enfim
> E eis-te pateta, Luís![237]

As declarações de intimidade, expostas nos poemas e tornadas públicas, deixam transparecer sociabilidades construídas na esfera privada desses sujeitos. Lívio Barreto e Antônio Raulino reconhecem publicamente sua amizade com Oliveira, comprovando que conheciam de perto a figura do progenitor, pai de família, ao ponto de registrar as qualidades do homem privado para construir a imagem de homem público.

Ao redor do letrado a cidade transformava-se em urbanidade, emoção e sedução, e a escolha do círculo de amizade significava a predileção de um percurso, a manifestação do desejo de como seria visto publicamente. As ligações sociais e as demonstrações públicas ajudavam a criar a imagem almejada de um homem urbanizado, letrado e burguês que conquistava espaço crescente pelo país[238]. Para os literatos, a nova masculinidade era demonstrada com polidez, provinda de uma boa formação intelectual e cultural. Diferentemente da geração passada, os novos homens sertanejos seriam escolarizados, inseridos na cultura letrada e moldados por ideais de civilidade, pois:

> Decifrar os códigos e dominar as etiquetas era a única oportunidade para o homem mensurar e distinguir as práticas de afetividade e de sociabilidade. O itinerário das condutas em constante mutação sugeria entender como elas tomavam sentidos nos jogos interpessoais numa sociedade de interpretação e de constantes experimentações.[239]

Mas, se os relatos pessoais nos jornais eram intencionais para demonstrar o grau de aproximação entre eles e formular reputações, o contrário também ocorria. A inimizade era exposta ainda com mais veemência, como observado no capítulo anterior, as redações de jornais eram também espaço que geravam e disseminavam espetáculos de hostilidades.

---

[237] BARRETO, 2009, p. 114.
[238] SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. *In*: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 247.
[239] MORGA, 2013, p. 222.

Em um poema publicado no jornal da capital cearense, *A República*, em 1894, Antônio Raulino exemplifica o perfil de homem ao qual não se deveria associar na pequena cidade, um agressor que o atacava através da escrita e, definitivamente, o tipo que não seria seu amigo:

Granja
(À QUEM COMPETE)

[ilegível] a yra aguda, picante,
ferina, cruel, audaz,
aguça o dente mordaz
e vem commigo um instante.

Corre pela rua afóra
desta velha Granja antiga
e vae pousar na barriga
d'alguma alma sonhadora.

Deixa porem que a teus pés
venha prostrar-se o peccado,
e não te cause cuidado
a casaca do burguez.

A tua missão sómente
é pegar pelo nariz
a um typo vil sem "verniz"
que anda no meio da gente.

um typo vil que abusando
deste povo hospitaleiro,
transformou-se – pasquineiro,
e anda pasquins rabiscando.

Diz pois a este marmanjo
que pasquins nos "vales" feitos
por elle, á mim 'stão sujeitos
a legar-lhe um bom "arranjo";

Que eu sei que é elle quem faz
tudo que é ruim nesta terra,
mas que elle ladra e berra
e eu não dou resposta mais.

E accrescenta bem baixinho,
no ouvido dessa lêsma,
que a minha vida é a mesma
e eu nunca tive um rabinho.

Diz a este meu detractor
gratuito, esta horrível corça,
que eu nunca casei a força
e nem nunca fui jogador.

Que eu nunca joguei na feira
Até meia noite os dados;
nem nunca andei com soldados

(já casado!) em bebedeira;

Que eu sei muita cousa mais
do que elle tem praticado,
mas fica escandalisado
quem ouvir o que elle faz;

Que o seu caracter maligno
a tal ponto já desceu,
que de um rapaz como eu
de resposta elle é indigno;

Mas como elle faz pasquim
e passa por "bôa peça",
irá tendo esta remessa
de vez em quando por mim.

Antonio Raulino.[240]

O título "Granja" direciona a mensagem para *toda* a cidade, embora depois a restrinja com um irônico subtítulo. O poema explicita de forma objetiva o perfil de homem que não se enquadrava nas normas estabelecidas de convívio com o autor, dando menções de como deveria ser o bem-estar social da cidade. Há uma clara concordância com a nova ordem burguesa, que tratava de sanear, com agentes modernizantes, as degenerações que apareciam na vida pública granjense. O personagem-motivo do poema não possuía certos cuidados que a distinção social exigia e andava entre os granjenses sem "verniz", aproveitando-se daquela gente, escrevendo pasquins, expressão usada para desqualificar o produto do outro, que destoavam dos jornais daqueles letrados.

Para atingir o seu "distrator gratuito", Antônio Raulino lança mão de certa moralidade com intuito de sensibilizar o seu leitor, insinuando que o personagem em questão teria se casado "à força", contrariando os discursos de amor declarados por eles nos poemas. Além disso, o desafeto fazia jogos de azar e andava à noite, já casado, em bebedeiras, comportamento indesejado para o seio familiar tradicional e o ambiente público sadio, diferente do modelo de homem honrado e pai de família festejado nas referências ao amigo Luiz Felipe.

Seja nas demonstrações de aproximação e amizade, seja nas de inimizades, os discursos dos literatos eram orientados à defesa da ordem burguesa que moralizava a cidade, cujos quais os próprios cooptavam para suas projeções e ajudavam a propagar, naquele final de século XIX, no sertão norte cearense.

"A amizade é a ocasião de fornecer uma representação lisonjeira de si mesmo: ela não pode se subtrair ao olhar de uma boa sociedade sempre em busca de indícios sobre

[240] RAULINO, Antônio. Granja. **A República**, Fortaleza, ano 3, n. 192, 24 ago. 1894, p. 3, grifos do autor.

indivíduos que a compõem"[241]. Ao assumir um amigo publicamente, as práticas letradas se tornam parte de um processo de construção da imagem pública daqueles intelectuais. Eles se comprometiam com discursos que contribuíam para a imagem do outro, colocando suas obras como testemunho, e, ao fazerem isso, estavam também sedimentando suas próprias imagens.

Esses empregados do comércio e funcionários públicos buscaram, na criação poética e ficcional, o prestígio definitivo que só a literatura poderia lhes proporcionar.[242] Dentro de uma rede de conexões, esses sujeitos reforçaram laços sociais e afetivos, compartilharam suas experiências de vida, projetaram coletivamente suas inspirações intelectuais, bem como construíram e expuseram identidades.

4.3 Amizade no álbum de Luiz Felipe (1888 a 1892)

O desenvolvimento das práticas letradas na Granja, no final do século XIX, contribuiu para a proliferação da escrita íntima: diários pessoais e correspondências, que envolveram a geração dos letrados aqui estudada. Essa produção de escrita de *si* deixou uma memória das relações existentes entre eles, rastros de sentimentos e emoções.

O principal documento que se tem acesso, da prática de uma escrita íntima dentro do grupo, é o manuscrito de Luiz Felipe de Oliveira. Um caderno simples, pautado, facilmente encontrado no comércio local do período, que o dono transformou em um relicário, dispondo-o aos amigos para escrever nele, que o preencheram com palavras elogiosas, reminiscências, poemas e confissões.

Esse caderno é um álbum de poesias e recordações, como os próprios usuários o chamavam e como classifica Maria Tereza Cunha, ao descrever exatamente o material aqui encontrado:

> Os álbuns de poesia eram uma forma ritual de prestar homenagens escritas que foram bastante frequentes, desde os finais do século XIX até os anos 60 do século XX, para celebrar a amizade durante o tempo escolar. [...] Estavam destinados a receber a cópia de versos, sonetos, pensamentos, pequenas ilustrações, todas com dedicatórias e assinaturas que serviam para homenagear/saudar o(a) proprietário(a) e, ao mesmo tempo, guardar lembranças de amigos que eram convidados para ali escrever e depositar sua assinatura.[243]

---

[241] VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 63.
[242] SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 226.
[243] CUNHA, Maria Teresa Santos. Copiar para homenagear, guardar para lembrar: cultura escolar em álbuns de poesias e recordações. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 347-348.

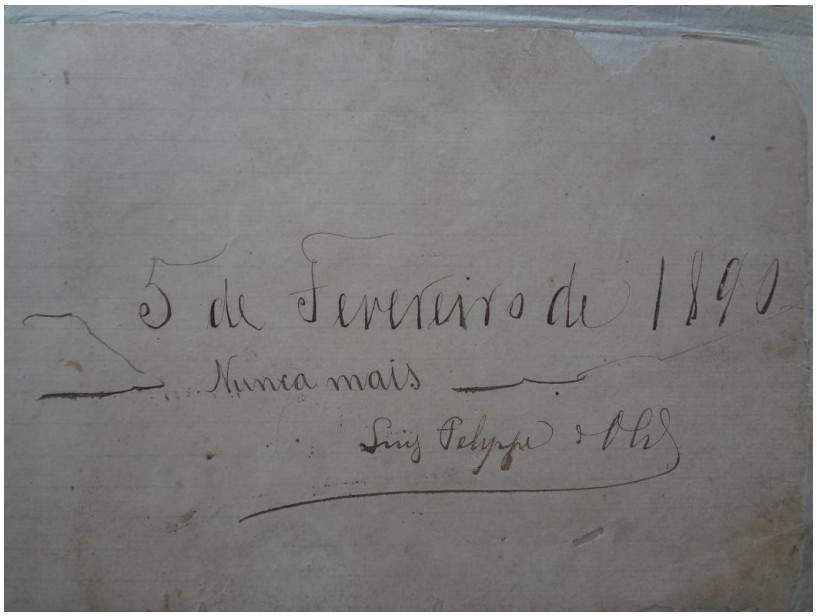
Também conhecidos por álbuns de moça, por serem as usuárias mais comuns, o caderno de Luiz Felipe é um exemplar raro por pertencer ao universo masculino, sem contar que, ao contrário dos analisados por Cunha, o álbum granjense não circulou em ambiente escolar, sendo mais ligado a outras sociabilidades, como o trabalho e as redações dos jornais. Embora seja o único artefato encontrado por esta pesquisa, o ato de constituir um caderno, como aquele, era comum entre os letrados da Granja, como os próprios fazem referências. Na imprensa cearense do período, esses materiais aparecem como espaço de treino e repositório da escrita literária, era recorrente encontrar poemas publicados com a notação abaixo: "de um álbum". Esses objetos foram lembrados, inclusive, no Programa de instalação da Padaria Espiritual, que em tom satírico vetava seus membros de escrever nesse tipo de material: "19) É proibido fazer qualquer referência à rosa de Malherbe e escrever nas folhas mais ou menos perfumadas dos álbuns"[244].

Antes de ser membro da Padaria, e ironicamente *proibido* de escrever em um, Lívio Barreto definiu no próprio caderno: "um album é um escrinio em que se guardão, em que se encontrão, todos esses pequeninos nadas feitos de phrazes;[...] um cofre que tanto encerra o riso como a tristeza, a alegria como a dôr."[245]. Assim, o álbum serve como mediador do afeto que circulava no grupo do dono do item, "os amigos que se saudavam nos álbuns com a escrita de poemas, dedicatórias, pensamentos, estavam repetindo o gesto inaugural que os unia [...]"[246].

Intitulado de "5 de fevereiro de 1890 - Nunca mais", o álbum de Luiz Felipe possui 52 folhas escritas, frente e verso, conquanto as primeiras foram suprimidas, não sabendo a exatidão de quantas existiam e quantas lhes faltam. Observa-se que se preservou a folha que se usa de capa e que o conteúdo inicia com o final de um texto, assinado por M. Grijalva, de 1888. Com intenção de ser uma prática escriturística em recorrentes momentos, não de uma única vez, diversos anos civis foram anotados nele, entre 1888 a 1892.

Figura 9 - Capa do álbum de Luiz Felipe de Oliveira

[244] Para Sânzio de Azevedo, essa proibição vinha da aversão do grupo às coisas repetidas, piegas, aos clichês, chamando atenção "para um costume existente até boa parte do século XX, que era o dos álbuns em que as jovens colecionavam poemas de seus autores prediletos, o que mostrava, pelo menos, algum bom gosto por boa parte dessas jovens..." (AZEVEDO, 2012, 24-25).
[245] Lívio Barreto, Granja, 01 de maio de 1888.
[246] CUNHA, 2011, p. 249.



Fonte: Arquivo do Instituto José Xavier (IJX).

Há uma grande quantidade de máximas, que sinalizam a formação intelectual e influências literárias do grupo, ou, no mínimo, indicam as leituras, pensamentos e autores que chegavam até eles. Citações de clássicos como Shakespeare, Balzac, Voltaire, J. J. Rousseau, Dante e até Napoleão Bonaparte; romancistas europeus e modernos como Victor Hugo, Chateaubriand, Emilio Zola, principalmente portugueses, nomes como Camilo Castelo Branco e Almeida Garret, além de Alexandre Herculano, Fernando Caldeira, Guerra Junqueira, Eça de Queiroz. Uma grande quantidade de brasileiros que influenciaram a literatura e o pensamento social do Império, Raimundo Correia, Álvares de Azevedo, Castro Alves, e membros do próprio círculo, como Lívio Barreto e A. Beviláqua.

Também se registrou citações de autorias femininas: Mm. Bernier, George Sand, Mm. de Necker. A figura da mulher era exaltada e tema recorrente nas produções daqueles homens, porém, nenhuma delas foi convidada a escrever no exemplar.

"Humanismo presente em máximas, sonetos, citações, copiadas de moralistas antigos e modernos, transmitem, nos álbuns, ensinamentos que visavam proteger as pessoas, preparando-as para enfrentar boa sorte e infortúnios"[247]. Sentenças para serem seguidas, orientações para a vida, afinal: "A razão é o domador dos apetites", frase transcrita no álbum e atribuída a Guerra Junqueiro. "Citações de tantos autores conjugam o presente - em que o(a) amigo(a) escreve - com o passado, associando o lido e o vivido; apreendendo o virtual sob o factual, as escritas dizem o esperado e o inesperado."[248]

[247] CUNHA, 2011, p. 358.
[248] *Ibidem.*

Também no caderno foram transcritos excertos de jornais, como a reprodução do texto "A mulher", sem autor, largamente publicado nas sessões de variedades da imprensa do período[249]. Além de textos anônimos e populares, grande parte do conteúdo de máximas e poemas, mesmo de autores consagrados em brochura, era retirada de periódicos[250]. Os álbuns, então, suportes de uma cultura escrita, são "[...] espaços para o exercício caligráfico de cópias, poemas, sonetos, máximas para homenagear e foram guardados para, quem sabe, rememorar o *prazer do entre si*."[251].

Assim como os jornais, o álbum é uma prática de escrita coletiva gerada a partir das relações dentro do grupo. Mas, diferente dos periódicos, e mais próximo das correspondências, o caderno é marca de como o grupo fortalecia seus laços fora das normas que regiam a esfera pública, pois há nele outras formas de se comportar, ser e expor.

Para além de formar um repertório literário, o exemplar de Luiz Felipe também registrou um mundo de delicadezas e de afetos, tornando-o um espaço de produção de subjetividades. Ignorando as folhas suprimidas, identificam-se oito signatários que deixaram textos de estima ao dono do caderno, grande parte ligada às conexões intelectuais e constituindo a geração de letrados oriundos da escola do Gabinete: Lívio Barreto, José Barreto, Artur Teófilo, Belfort Sobrinho e Antônio Raulino. Apenas um dos escreventes, Ordônio Barreto, não é reconhecido como um literário e jornalista, mas sim um companheiro de ofício no comércio; enquanto Grijalba e A. Nogueira, que escreveram no caderno, não eram do mesmo grupo granjense, mas mantinham sociabilidades intelectuais com o proprietário do objeto.

"Incorporando esquemas escriturísticos ritualizados, como uma saudação inicial ou uma dedicatória final emocionada[...]"[252] é possível extrair dos textos sentimentos e emoções que aqueles amigos deixaram transparecer, ou pelo menos, o modo como esses agentes aprenderam, através da leitura e da escrita, a se expressarem. Para Judith Lyon-Caen, as obras literárias do século XIX podem caracterizar importantes fontes para estudar as emoções, portanto que se leve em consideração uma história dos usos da literatura: da leitura, das apropriações de obras, das práticas de escrita, história de e dos escritos, pois:

---

[249] Aquele mesmo texto foi encontrado no número 26 do jornal *Pedro II*, de 1888, acompanhado do "Abcdario espirituoso", e, embora não especificada essa informação no álbum, ambos foram copiados na mesma sequência da edição no caderno. Ver: VARIEDADE. **Pedro II**, Fortaleza, ano 48, n. 26, 05 abr. 1888, p. 2.

[250] Neste ínterim da escrita no álbum, não existia mais a oferta de livros pelo Gabinete de Leitura e só em 1917 seria fundada uma biblioteca municipal. A circulação de livros pela cidade era pequena, havendo poucas e pequenas coleções particulares. Os jornais, por sua vez, eram mais baratos e o espaço onde os autores debutavam suas obras, transformando o periodismo na principal fonte cultural de um letrado.

[251] CUNHA, 2011, p. 360.

[252] *Ibidem*, p. 249.

> A literatura é o lugar em que se forja esta gramática da emoção. Poemas românticos, novelas de formação, romances sentimentais, lirismo do íntimo nas correspondências, memórias, confissões: gerações de leitores - cada vez mais numerosas à medida que se generaliza a alfabetização - hão de aprender nos livros a formular, talvez, a experimentar emoções íntimas.[253]

Assim, a linguagem íntima advém da literatura. Os modelos disponíveis nos livros e jornais foram reproduzidos a fim de exprimir emoções e sentimentos tidos como pessoais no álbum.

Em texto escrito em 1º de maio de 1888, Lívio Barreto, considerado pelos amigos próximo como "sisudo" e "frio"[254], manifestou particularidades não observadas em outros textos seus, ainda assim, manteve na escrita para o amigo expressões literárias e vocabulário recorrentes em suas produções líricas:

> [...]
> Já que abres a guarida hospitaleira da amizade aos leprosos de espirito; que franqueias a tenda do coração aos desamparados filhos da utopia; escuta:
> Um dia em que senti necessidade de apoio, precisão de arrimo; um dia em que senti o espirito desfallecer e a alma recolher-se pavida aos embates, as martelladas surdas de sarcasmos de emprestimo e ironias de conveniencias; procurei, tu o sabes, alguem que me comprehendesse e achei um amigo dedicado e franco.
> Eras tu, Luiz!
> [...][255]

O texto de Barreto remete a um exercício para dominar a escrita de um espaço interior, o futuro poeta simbolista tinha estreado há pouco tempo no *Iracema* e procurou registrar um testemunho sincero, porém, bem escrito. O amparo do amigo é relembrado de forma contida por Lívio Barreto, afinal, o caderno, além de tudo, era um espaço de vigilância das emoções, não se escrevia apenas para seu proprietário, pois se sabia que o artefato passaria por outras mãos e qualquer sentimento revelado ali poderia ser conhecido por outros. Lançar mão de artifícios artísticos também tinha a função de se autopreservar. No mês seguinte ao registro, Barreto se mudou para o Pará, onde viveu por quatro anos, conhecendo um circuito letrado no Norte e aperfeiçoando uma escrita que não abria mão, nem para os íntimos.

---

[253] LYON-CAEN, Judith. O "eu" e o barômetro da alma. *In*: CORBIN, Alain (dir.), **História das emoções**: das Luzes até o final do século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020, p. 248.
[254] Segundo Artur Teófilo, Lívio Barreto "[...] Ria pouco e só entre amigos deixava por vezes transparecer a sua fina verve elegante, um bocado pessimista e epigramática. Com o vulgo era sisudo, um tanto frio mesmo, com uns longes de bem entendido orgulho". Ver: TEÓFILO, 2009, p. 235.
[255] Lívio Barreto, Granja, 01 mai. 1888, grifos do autor.

A preocupação com a boa escrita é recorrente no conteúdo do caderno, já que o seu dono fazia parte de um grupo influenciado e marcado pelas práticas letradas. Provavelmente intimidado pela redação de Lívio Barreto, o texto seguinte ao seu se tornou um emaranhado de pedidos de desculpas pela falta de manejo com as palavras, embora tenha sido assinado por José Barreto, um letrado tal qual Lívio e companheiro de imprensa de Luiz Felipe:

> Luis.
> Eu tambem quero inutilizar, uma ou algumas paginas de teu mimoso album. O prejuizo é pequeno.
> Sei que de nada vallem algumas phrases mal encadeiadas por mim enceridas nelle, porque, bem o sabes, fallecem-me recursos para levar a effeito a consepção de um escripto bem feito.
> Outros que mais merecidamente occuparam lugar distinto nas primeiras folhas, já o enriqueceram com verdadeiros primores, que certamente, nem eu procurarei imitar.
> É pois, por isto que eu nada mais quero do que inutilizar algumas paginas de teu mimoso album.
>
> XX
>
> Mas de que posso eu falar-te: N'amizade? Sim. Mas de amizade sincera e verdadeira como eu tenho o requintado displante de julgar comprehender. Diz-me a consciencia que sou teu amigo. Acredita se o quiseres!
> O certo é que, não tenho palavriados cheios de bombastecidades, que mesmo simuladamente, te façam comprehender toda a grandeza do quanto para mim vales. Não. A única prova disto só o correr dos tempos poderá descobrir.
>
> XX
>
> Desculpa se em razão da incoherencia na formação das phrazes nada comprehenderes do que escrevi.
> Quando porem tiveres de olhar uma a uma as folhas de teu album, que de relance passares a vista nestas linhas, recorda-te ao menos a nossa bella vida de rapazes.
> Sim! porque amanhã, já nada mais resta do que as recordações de bellas noutes de prazer.
>
> X
>
> É singelo porem verdadeiro tudo quanto venho a dizer-te.
> Bem o sabes, falecem-me recursos para que eu possa levar a effeito a consepção de um escripto bem feito.
>
> Granja 19 de Maio 1888
> J. Barretto[256]

Além da amizade intelectual, os dois tinham colaborações profissionais, passavam juntos por uma ascensão social, havia mais o que revelar, no entanto, José Barreto se resguardou, usando a falta de habilidade de escrever como subterfúgio. Ao se referir a amizade entre os dois, motivação da escrita no álbum, ele desejou que o amigo relembrasse a bela vida de rapazes que desfrutaram juntos, os prazeres das noites de camaradagem existentes apenas na memória daqueles pais de família. Não era um rompimento, nem separação, mas José Barreto estava situando a alegria da amizade no passado, como pertencendo apenas à juventude.

[256] José Barreto, Granja, 19 mai. 1888.

O depoimento sequente ao de José Barreto é atribuído a seu irmão Ordônio[257], o terceiro Barreto a escrever no álbum. O autor repetiu na escrita o mesmo receio com a boa redação, visto nos testemunhos anteriores, mas ao contrário dos seus predecessores, Ordônio Barreto era um companheiro apenas do comércio, no máximo um burocrata, não um homem de letras como os irmãos e o amigo para quem escreveu:

> Luiz
> Bem sei que comprehendes perfeitamente o que seja a amizade. Talvez como eu, penses que a amisade seja um sentimento sublime! É sim! Considero tão poderoso esse sentimento para quem o experementa que, sendo ainda mesmo, o mais fraco dos homens, no momento que recebe uma prova do amigo que lh'a soube inspirar, sente-se com força pª affrontar qualquer difficuldade. É por sentir esse bem que Deos concedeo aos que terem coração; que prometi-te; e cumprir minha palavra, inutilizar uma primorosa folha de teo album.
> Sinto bastante não ter a força precisa para siquer imitar aos q.e brilharam nas folhas antecedentes. Mas... me desculparás: bem sabes que a inteligência não foi concedida a todos. A vontade que senti de dar-te uma prova do quanto me és caro, obrigou-me a deixar minha modestia, para deixar em teo mimoso livro algumas palavras escriptas com a alma.
> Eu sou dos que pensão que depois da gratidão, está amisade. Como me parece que sempre me despensaste tua leal amisade; e te sou grato por isso; ousei inutilisar com estas phrases toscas, duas folhas de teu mimozo livro. Espero que me desculparás essa improdencia; e não deixarás de repellir com energia a quem ousar em tua prezença debicar-las. Olha: São pobres de merito, mas são ricas de vontades de quem não tem talento p.a diser n'um escripto primoroso o que sente por um amigo como tens sido para mim, e suponho continuarás a sêl-o[258].

Ordônio Barreto foi o mais direto, entre os escreventes, a exprimir sua concepção de amizade. Para ele, o amigo ideal fortalece, é inspirador, leal e a amizade se sedimenta na austeridade, atrelada a um coração e uma alma. "Ainda que possamos duvidar da utilidade dessas descrições, podemos ler nelas uma preocupação compulsiva em determinar a pessoa em quem se fiar e o retrato típico de um paradigma de virtude moderada"[259]. No outro, e na relação com o outro, estava o que ele era e o que queria para si, seus valores e projeções.

A preocupação em "provar" a amizade é presente por todo o álbum, escritos pensados não só para àquele que recebia a homenagem como para outros que um dia acessariam o caderno. Ordônio revelou essa preocupação e pediu ao amigo que defendesse suas palavras amistosas, "[...] não deixarás de repelir com energia a quem ousar em tua presença debicar-las"[260]. Afinal, dentro daquele "lugar estreito", em que existia a amizade

[257] A borda final da página do caderno foi mutilada com o manuseio e o tempo, prejudicando a visibilidade da saudação derradeira e a assinatura, inteligível somente as letras maiúsculas "O" e "B".
[258] Ordônio Barreto, Granja, [188-].
[259] VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 61.
[260] Ordônio Barreto, Granja, [188-].

intelectual em torno de Luiz Felipe, havia intrigas, demarcação de distinção, inveja, julgamentos, que inquietavam os autores do álbum.

No texto que aparece como sendo o primeiro registro do caderno, assinado por Mariano Grijalva, deixa transparecer que a preocupação com a opinião alheia era recorrente, seu autor orientou o proprietário do caderno, caso ele se descuidasse: "quando algum dia, por esquecimento deixares este livro aberto em cima da tua banca, talvez algum de teos amigos, desses amigos das orgias, leia estas palavras e conclua dizendo. Oh! que hypocrita! que abajulador!"[261]. Ao que ele pede:

> Nessa occazião se não tiveres prezente, eu não terei quem me deffenda e diga a esse inconsciente: Imbecil, se julgas os outros por ti, enganas-te; a pessôa que escreveo estas linhas só teve um fim: mostrar que era amigo do seo amigo e que na epocha em que os homens só tinham coração para a cubiça elle sabia tel-o para a amizade![262]

A amizade era um espaço a ser conquistado, e Grijalva estava em desvantagem em relação aos demais. Ele não pertencia ao grupo mais próximo, não era um companheiro de infância, nem de redação, além de não possuir um convívio diário. Mariano Grijalva do Nascimento morava em Santana do Acaraú, onde foi o primeiro editor da *Comarca de Sant'Anna*, folha fundada em 02 de julho de 1885[263], também foi funcionário público e comerciante, como Luiz Felipe fora em Granja.

Apesar do início do seu texto ter se perdido com as folhas suprimidas do álbum, daquele letrado de Santana se recuperou o relato do começo da sua relação com o granjense. Repetindo um ato narrativo muito pertinente às literaturas de memórias e romance de formação, quando se reconstitui o momento do primeiro encontro entre os personagens. A lembrança das circunstâncias em que ocorreu o primeiro contato e suas peculiaridades é cultuada como marco de uma nova etapa na vida daquele que narra sua história de amizade.

> Lembra-te a vêz primeira que vimo-nos? Foi no Riachão.
> Nesse dia (de quem recordo-me com saudade) eu havia acordado cedo e assistira ao grandiozo espetaculo do nascer do sol. [...] Os habitantes do lugar domingueiramente vestidos esperavam anciozos a chegada do trem por que nelle vinha a Muzica e o padre para fazerem a festa do lugar. De instante a instante alguns foguetes fendiam o espaço fazendo com seos estampidos pulsar de alegria o coração d'aquella gente. De repente o sylvo longo e prolongado da machina echoou no espaço.
>
> Aproximava-se o trem.

[261] Mariano Grijalva, Granja, 01 mai. 1888.
[262] *Ibidem*.
[263] STUDART, 1924, p. 87.

> Todos, como movidos por uma molla, portarão-se no lugar onde deviam desembarcar os passageiros e eu insencivelmente e como que apoderado d'aquella alegria tomei lugar entre elles.
>
> Chegou o trem[264].

O primeiro encontro entre os dois reflete circunstâncias bem comuns de sociabilidades dos jovens da região: as festividades religiosas, em especial as do padroeiro, como aparenta ser o exemplo na narrativa, que aguardava o pároco para dar início à festa do lugarejo[265]. O relato de Grijalva continuou com mais intensidade, detalhando emoção e fisicalidade:

> Padre, muzica, passageiros e empregados, todos estavam em terra. N'aquelle borborinho imenso, náquelles adeozes e abraços eu notei que um rapaz alto e moreno, sympathico a valer, comprimentava a um e a outro abraçava ora este ora aquelle e derigia-se a mim... Não sei por que abri-lhe os braços e apertamo-nos mutuamente, sintindo nessa occazião uma sensação de gozo indizivel e notando que em seo rosto espalhava-se a alegria.
> Pois bem, esse rapaz, esse moço sympathico eras tu Luiz e desde então consagrei-te uma amizade fraternal, que embora a auzencia e os intrigantes tens a conservado firme![266]

A despeito das dificuldades impostas pela "ausência e os intrigantes", Grijalva não previu que aquela relação enfrentaria uma força contrária ainda mais avassaladora, que seria escrita no caderno um ano depois e algumas páginas à frente. O próprio Luiz Felipe escreveu o triste desabafo, intitulado "A memoria de meu amigo Marianno Grijalba do Nascimento, fallecido em Manáos a 20 de Maio de 1889", registro caligráfico da existência do companheiro, em que as cartas trocadas e o álbum são reivindicados como lugar de memória, a fim de evitar a morte da lembrança: "[...]Tu não morrestes. O mundo te vio desaparecer [...], mas eu pelo contrario te revendo o busto juvenil em meu pobre album, e relendo-te as doces espressões em cartas amistozas, que ainda conservo, te vejo, e te ouço sempre [...]"[267].

Outra utilização consciente daquele objeto enquanto espaço de memória, autobiográfica no caso, foi a participação de Artur Teófilo, quando o caderno viajou até Viçosa do Ceará e o contista marcou suas páginas com um episódio da infância: a primeira paixão. Narrou ao amigo que aos 11 anos, em Granja, conheceu uma "amiga":

> [...]

[264] Mariano Grijalva, Granja, 01 mai. 1888.
[265] O Riachão era uma localidade pertencente ao município granjense, emancipada depois com o nome Uruoca, a 44 km de distância de Granja e conectadas pela ferrovia, como descrito no texto.
[266] Mariano Grijalva, Granja, 01 mai. 1888.
[267] Luiz Felipe de Oliveira, Granja, 20 jun. 1889.

> As veses trepava nos bellos cajueiros floridos…. Trepava... subia até vêr a minha amiga - companheira de meus brinquêdos innocentes. Poupemo-lhe a vergonha inventando um pseudo. Chamava-se… Julinha. Brincávamos à margem do rio de minha terra natal até que o sol, descambando para o poente, crepusculava com uma luz frouxa e dubiamente fraca [...][268]

Teófilo, que passou a infância em Viçosa, manteve a esperança de namorá-la, mas ao reencontrá-la em Granja, nada foi como antes:

> [...]É que sua mae tinha prohibido nossas entrevistas innocentes. Maldictos preconceitos! Então amei-a, amei-a com todo o fervor de meus quatorze annos. Todas as noites eu passava em frente à sua janella, ella ahi estava, e ahi permanecia até que eu voltasse para com os olhos diser-me: eu amo-te! Um dia eu parti da minha terra natal! Julinha, a encantadora Julinha estava á janella[269].

Então, dirigindo-se a ela, declarou-se, confessando o segredo que guardava há anos: "eu amo-te, amo-te com toda effusão de minha alma, com todo o delirio do primeiro amor.", sentimento que soube ser correspondido, deixando-o aliviado para partir da cidade natal.

Entretanto:

> Dois annos depois, quando eu voltava á patria querida, Julinha tinha-se ligado pelo matrimonio com um moço, que não eu! E, ao passar na mesma janella, ella alli estava. Eu murmurei-lhe ao ouvido esta palavra: perfida, - "Inda resta a amisade", disse Casimiro de Abreu. Pois bem, Luiz, sê o meu Mentor, na estrada sinuosa do porvir.[270]

Essas reminiscências serviram de material inventivo para a produção de um conto seu, publicado sete anos depois no jornal *O Pão*, após sua entrada na segunda fase da Padaria Espiritual (1894-1898). Intitulado de "O Desmoronamento", no número de 01 de maio de 1895[271], a prosa fala de um sacerdote recém-ordenado, que ao voltar à sua cidade, rememora a infância, "[...] ele se via menino, a brincar, a saltar de árvore em árvore, à margem do rio da sua terra natal [...]"[272] e assim como Artur Teófilo, tem uma paixão infantil reavivada, com uma prima chamada Geny.

---

[268] Artur Teófilo, Viçosa do Ceará, mai. 1889.
[269] *Ibidem*.
[270] *Ibidem*.
[271] TEOFILO, Arthur. Desmoronamento. **O Pão**: da Padaria Espiritual, Fortaleza, ano 2, n. 15, 01 mai. 1895, p. 2.
[272] *Ibidem*.

O contista, seguindo os formalismos da Padaria, era um ferrenho crítico dos padres e da Igreja[273], e para alfinetar seus dogmas, criou no enredo um noviço em crise com o sacerdócio e com impulsos carnais moderadamente naturalistas. Ao contrário de suas memórias, onde o seu desejo era impedido pelo matrimônio da amada com outro, no conto, a paixão é frustrada pelo celibato, motivo de contrariedade da personagem, "noivado eterno, agora que estava para sempre amortalhado sob aquela hedionda batina preta!"[274]. Artur Teófilo se utiliza do processo mimético para representar o real no texto, recuperando memórias grafadas no caderno íntimo do amigo e criando, a partir delas, a obra literária.

Como as cartas, o álbum é um objeto da escrita que exige engajamento ou mostra de reciprocidade, como lembra Chartier ao se referir as trocas de poemas através de correspondência[275], escrever no caderno de um companheiro era comprometê-lo a dar uma devolutiva, seja pessoalmente, por cartas ou até em outro caderno. Luiz Felipe reproduziu um texto que tinha escrito, anteriormente, no álbum de um amigo, Angelino Beviláqua[276] (1871-1940), e, na inversão de papéis, escrevinhou: "pedes que eu escreva alguma coisa em teu album! Pois bem"[277]. Essa reciprocidade é um fio da rede que os conectaram a partir do uso dos cadernos, as concepções de álbuns de lembranças e seus preenchimentos comprovam que os letrados granjenses não só estavam ligados por uma prática letrada como estavam potencializando-a de afetos.

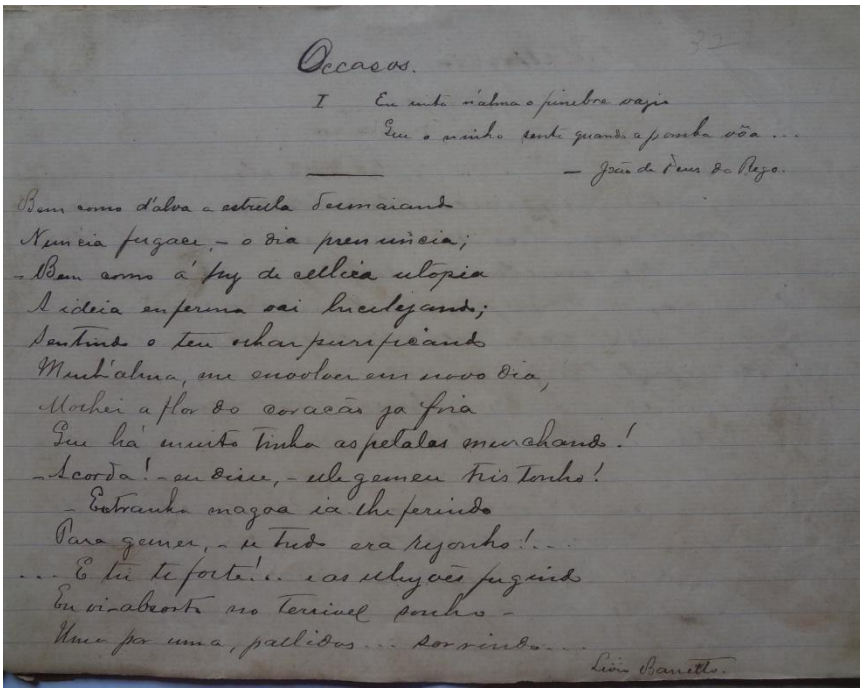
Além das sensibilidades, o caderno registrou aspectos da formação intelectual do grupo, quando começou a se priorizar as produções artísticas dos amigos no preenchimento de suas páginas. O próprio Luiz Felipe registrou um conto seu, "A canção do sonhador", datado de maio de 1889 e dedicado a Antônio Raulino. No mesmo ano, aquele proprietário reproduziu o poema "Nunca Mais", utilizando esse título na capa do caderno, de autoria de Joaquim Sarmanho (1858-?), um poeta paraense, colaborador da imprensa amazônica e relacionado com João de Deus do Rêgo, influência poética de Lívio Barreto.

O poeta granjense encaminhava de Belém suas produções que, posteriormente, seriam reproduzidas por Luiz Felipe em seu caderno. Desse período da trajetória de Barreto, estão guardados no álbum alguns poemas inéditos, como "Thezouros" e "Occasos I" (1889), este com uma epígrafe de João de Deus do Rêgo; um texto narrativo chamado "Tisica" (20 de

[273] O artigo 26 do Programa de Instalação da Padaria Espiritual, diz: "são considerados, desde já, inimigos naturais dos Padeiros - os padres, os alfaiates e a polícia. Nenhum Padeiro deve perder ocasião de patentear seu desagravo a essa gente". Ver: AZEVEDO, 1970.
[274] TEOFILO, *op. cit*.
[275] CHARTIER, 2007, p. 44.
[276] Acredita-se tratar de Angelino Beviláqua, nascido em Viçosa e irmão do jurista Clóvis Beviláqua.
[277] Luiz Felipe de Oliveira, Granja, [188-].

novembro de 1890) e os poemas “Primeira Carta” (20 de novembro de 1890) e “Occasos II” (24 de novembro de 1890). Treinos da formação como autor do futuro poeta do *Dolentes*.

Figura 10 - Transcrição do poema *Occasos* no álbum



Fonte: Arquivo do Instituto José Xavier (IJX).

A prática do uso inicial do caderno, que era registrar depoimentos pessoais, diminuiu na passagem das décadas de 1880 para 1890. Um dos últimos depoimentos que se voltava a essa intenção, de demarcar reminiscência e exibir afeições, foi um assinado por Belfort Sobrinho, que, nesse período[278], morava em Fortaleza, e teria feito aquela declaração numa de suas passagens por Granja:

> Luiz
> Disseste que querias que eu escrevesse alguma cousa aqui em teo memorial, já abrilhantado de boas prosas, rutilando de amisade e sentimento; de bons versos, gottejando inspiração, arte e bom gosto. Accedi, porque faço tudo que de leve desejas; mas, com franquesa, nem mesmo sei como começar…
> A gente quando tem o coração cheio de sentimentos, que nascem com a razão e desenvolvem-se, recrudescendo, com a intelligencia, e que são irmãos gemeos do nossa alma, e que só morrem com a vida, sente estranhas difficuldades que não se superam muito facilmente, na occasião em que se faz preciso external-os, dal-os à prova[279].

[278] Uma notação, no canto esquerdo superior da folha e escrita posteriormente, marca o dia 28 de fevereiro de 1890.
[279] Raimundo Belfort Sobrinho, Granja, 28 fev. 1890.

Belfort Sobrinho retoma os temas de outros que debutaram o caderno, reafirmando sua amizade de infância como pertencendo ao seu presente, não a deixando apenas no passado, diferentemente de outros:

> Ninguem, como tu, soube cavar mais fundo no meo coração o sulco de uma amisade fraterna, franca e desinteressada, no tempo em que eramos meninos; hoje, porém, que somos velhos, as cousas têm a mesma feição, e habituei-me a ter-te como um outro eu, um outro tomo do que eu sou, com a differença, de andores assim como que encadernado luxuosamente em rica encadernação de cousas uteis e cousas boas.
> Vê-la: o que eu escrevi pode não ser uma peça de valor litterario, mas o que seja, digo t'o, com franquesa, é o penhor sincero e exato de amisade profunda e desinteressada, e si não fosse, fica certo não escreveria nada[280].

O texto de Belfort Sobrinho foi registrado entre o verso da folha 26 e a face da 27, metade das 52 páginas existentes do artefato analisado. O restante do caderno foi utilizado para retomar as cópias de máximas, poemas, mas com predominância de textos literários do próprio grupo. Somente dois escreventes deixaram registros particulares nele novamente, ainda assim, exemplos de pouca vontade em se revelar, com uma escrita inclinada a ser prosaica e menos explícita sobre a relação ali celebrada[281].

Um desses registros, sem assinatura identificável, talvez seja indícios das diminuições de testemunhos íntimos no caderno. Sem achar que tinha algo novo a acrescentar e intimidado pelos talentos que escreveram anteriormente, o pobre anônimo se sentiu obrigado a, pelo menos, explicar-se:

> Luiz.
> O que eu devo escrever neste album cofre de tanta preciosidade?
> Uma adulação?... Isso não, por que meu genio priva-me de exercer essa nobre profissão.
> Alguns versos?... É impossivel, da muza nada conheço.
> Um conto?... tambem acho difícil por que, não sou romancista, nem jornalista, nem folhetinista e até implico com tudo que acaba em ista.
> Mas, afinal, como tenho de escrever aqui alguma cousa ahi vai obras-:
> Foi um dia na Villa da Palma, no famozo e sempre lembrado tempo dos "Pimenteis" ..... Tenho escripto.
>
> R.[ilegível][282]

A preocupação com certas particulares, como deixar registrado uma produção literária (seja um verso, um conto, um folhetim) ou simplesmente o cuidado com as normas de

---

[280] Ibidem.
[281] Um desses amigos se identificou apenas como A. Nogueira. Não pertencendo aos nomes frequentes do grupo da Granja. O texto demonstrava pouca intimidade, datado em 16 de outubro de 1891, de Granja. Exibia-se na redação todo um conhecimento sobre geografia e mundo antigo, nas mais de duas folhas escritas, discriminando lugares pelo planeta pelo quais viajaria, caso pudesse, para concluir que faria tudo em nome da amizade.
[282] R., Álbum de Luiz Felipe de Oliveira, [s.d.].

ortografia, com a caligrafia, são sinais de que eles possuíam dimensão de estarem produzindo um material não só coletivo, como de aspirações letradas.

A década de 1890 é momento de inflexão para o grupo, como já analisado nas produções de jornais e trajetórias profissionais daqueles agentes, isso ecoou na notação de sentimentos no álbum, que se retraiu da metade para o fim. Muito se deve, basicamente, por se esgotar nomes próximos com algo a dedicar ao proprietário do objeto, bem como a mudança de interesses do seu círculo íntimo e do próprio dono em pedir mais depoimentos.

Concebido como um espaço do exercício da amizade, o caderno foi utilizado no hiato entre a produção de dois jornais da turma, iniciado, possivelmente, em 1888, um ano após o fim de *Iracema* (1887), e finalizado no ano de lançamento de *A Luz* (1892), mantendo o grupo conectado e produzindo literatura juntos na falta de uma redação.

Na análise dos signatários, a ausência mais perceptível é a do depoimento de Antônio Raulino, um dos íntimos de Luiz Felipe. Pelo que já se estudou até aqui, é possível deduzir que Raulino escreveu no caderno, mas que, provavelmente, esse texto tenha se perdido nas folhas suprimidas. Contudo, em compensação a ausência de escrito com sua assinatura, Raulino está muito presente e registrado no manuscrito, sendo declaradamente objeto de admiração e afeto por parte do dono do álbum, que, inclusive, dedica-lhe uma das poucas produções literária de sua autoria, “A canção do sonhador”.

Oliveira salvaguardou em seu caderno-relicário algumas produções de Raulino, boa parte delas, com interesseiras dedicatórias ao próprio Luiz Felipe. A exemplo de “Soneto”, dedicado a ele em maio de 1892; o poema “M***”; uma prosa chamada “Recuerdo II”, também com dedicatória. Do entremeio para o fim, há uma predominância de reproduções dos poemas de Raulino e Lívio Barreto, marcando o álbum, o que, inicialmente, sugere uma valorização da qualidade artísticas da dupla, mas, o que é mais concreto afirmar, aponta para a existência de um trio muito próximo, ligado pelo afeto, dentro daquele já estreito núcleo.

4.4 Amizade nas dedicatórias do livro *Dolentes* (1897)

Joseph d’Hémery, um inspetor do comércio livreiro da França do século XVIII, coletou e arquivou uma série de informações sobre intelectuais parisienses, chegando a constituir um censo virtual da população literária de Paris do período, como analisou Robert

Darnton[283]. Ao estudar os arquivos do policial francês em busca de um mundo letrado, o historiador afirma que se tratava da primeira pesquisa conhecida dos escritores como grupo social. Assim como d'Hémery, Lívio Barreto tinha um conhecimento do universo das letras no Ceará do seu tempo, e também deixou registrado, a sua maneira, nomes da vida intelectual que cruzaram o seu caminho.

Nenhum dos dois pensou em seus escritos como fonte histórica, o que só é possível aferindo seus registros no confronto com outras fontes, como fez Darnton com os relatórios do detetive, em busca da república das letras francesa. No entanto, se d'Hémery deixou uma riqueza de detalhes sobre os seus investigados, Barreto legou pequenos rastros do passado, simples nomes anotados abaixo dos títulos de seus poemas, as dedicatórias que compõem o livro *Dolentes* (1897). Mesmo assim, é possível mapear a rede de sociabilidades e de sensibilidades que o poeta estava inserido nos últimos anos de sua vida, anos em que preparou a publicação de seu único livro, fruto da trajetória intelectual iniciada e conectada ao grupo da Granja.

Estudar dedicatória requer aproximação com a história do livro e da leitura. Roger Chartier, ao se dedicar a essas temáticas, destaca a manifestação da dedicatória como oferenda para conquistar a benevolência de monarcas, uma obrigação nas relações de patrocínio e proteção: "na cena da dedicatória, a mão do autor transmite o livro à mão que o recebe, a do príncipe, do poderoso ou do ministro" [284], em contrapartida, o autor obtém algo do homenageado. Essa ação, no mínimo, insinua uma relação de conhecimento entre esses agentes, sem que seja possível ignorar a força política por trás delas.

O ato de dedicar não é inocente, é uma busca por fundar, expor ou reforçar laços de aproximação, assim como busca por prestígio, com resquícios de amizade, admiração e interesses. "Abordar esta prática é caminho para inventariar redes de sociabilidade, comportamentos e jogos políticos, além do próprio contexto em que se inserem, pois, o universo dos livros é campo de disputa e espaço de poder"[285].

Entre os letrados, a dedicatória pode agregar valor à produção. O sucesso da peça literária respinga no nome homenageado na obra, bem como seu insucesso. Afinal, "o livro e a dedicatória são marcas de uma cultura que busca sofisticar suas relações e representações,

---

[283] DARNTON, Robert. Um inspetor da polícia organiza seus arquivos: a anatomia da República das Letras. *In*: DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986, cap. 4, p. 191-240.

[284] CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 39.

[285] CUNHA, M. T. Santos . Eu te dedico: História, educação e sensibilidades nas dedicatórias de livros de um professor catarinense (1940-1980). *Revista História Da Educação*, *24*. 2020, p. 11. Disponível em https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/97920. Acesso em: 21 nov. 2022.

sendo interessante observar sua utilização por uma elite letrada em meio a uma maioria de iletrados"[286].

A escolha do dedicado carrega em si significados que não podem ser desprendidos do social. Por ser um elemento extratextual, nem sempre há uma relação com o fator criativo e subjetivo do restante do poema, mesmo assim, não se deve deixar de exercitar a interpretação da peça literária, cotejando-a com outros fatos, como a trajetória do artista, do seu grupo, revelando traços da relação autor-homenageado.

A prática de publicar, em livros e jornais, dedicatórias que acompanharam a publicação de poemas, folhetins e contos, era comum entre os homens de letras cearenses do século XIX, sobretudo, ofertando aos companheiros de ofício, outros letrados, com os quais mantinham uma relação. Porém, mais que entender aquele gesto como uma cortesia, empenha-se em saber as razões das escolhas e suas preterições, que revelam uma miríade de interesse.

O livro *Dolentes* é uma coletânea formada de 94 poemas, escritos entre os anos de 1892 a 1895. A obra completa é dedicada "à memória de meu pai", José Soares Barreto, que morreu quando o poeta era criança; à mãe e aos irmãos, assim como à agremiação da Padaria Espiritual, a qual ele pertencia e que iria publicar a obra; sendo por fim dedicada "aos amigos de dia e hora: Antônio Raulino e Luiz Felipe".

Como proposta metodológica, elaborou-se uma tabela que organiza visualmente as atribuições de dedicatória pelo livro[287]. São 26 poemas com dedicatórias individuais, um tem como título o nome do dedicado, Alfredo Teixeira, e, separado à parte, um conjunto com cinco poemas, "Os Cravos Brancos", oferecidos apenas a Valdemiro Cavalcante.

Esquadrinhando os poemas e suas dedicatórias, constituiu-se o seguinte quadro:

Tabela 2 – Poemas no *Dolentes* e suas respectivas dedicatórias

Poema	Dedicatória	Data	Vínculo
Dolentes	Eduardo Saboia	1892	Padaria
Ester	Carlos Vítor	1892	Padaria
Lutas	Ulisses Bezerra	1894	Padaria
De Viagem	Luiz Felipe de Oliveira	1892	Granja
Confidencias	Antônio Raulino	1893	Granja

[286] DELMAS, Ana Carolina Galante. "Do mais fiel e humilde vassalo":as dedicatórias impressas para os monarcas D.João VI e Dona Carlota Joaquina no Brasil. XXIV Simpósio Nacional de História/ ANPUH/ UNISINOS (São Leopoldo/RS), 2007.Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210412_e8fa8309ff177fe18cdeedb883b36f4f.pdf . Acesso em: 21 nov. 2022.

[287] Para entender a distribuição de dedicatórias no livro, uma das balizas pensadas foi a notação da localização dos poemas, a maioria registrada em Granja, dois em Camocim e nenhum escrito em Fortaleza.

Doente	Francisco Lívio da Rocha	1893	Granja
A Gazela	Fausto Sobreira	1893	Granja
O Mergulhador	Ao Sr. Antônio F. de Carvalho	1893	Granja
Pelo país do sonho	Ordonio Barreto	1893	Granja
Oh! Deixa-me chorar!	Artur Teófilo	1894	Padaria/Granja
Estrela do Mar	A minha mãe	1894	Granja
Inverno	Lopes Filho	1893	Padaria
O Sono de Olavo	Ao Luis	1893	Granja
Poemas íntimos	Weine Coelho	1893	Granja
Canção de Maio	Sabino Batista	1893	Padaria
Carta	Ao amigo José Raulino	1893	Granja
Boa Viagem	Eduardo Saboia	1894	Padaria
O Único Olhar	A Antônio Carvalho	1893	Granja
Os Cajueiros	Prof. F. José Garcez dos Santos	1893	Granja
O Velho do Mar	José Barreto	1894	Granja
Escravo	Antônio Ramos	1894	Granja
Elegia	A memória do Zeco Rocha	S/D	Granja
Mar de Sargaço	Antônio Sales	1894	Padaria
Cantares	Álvaro Martins	1894	Padaria
Através do Sonho	Roberto de Alencar	S/D	Padaria
Torturado...	Antônio Horácio	1895	Granja
O Jornal	José Vicente Franca Cavalcanti	1895	Granja
Os Cravos Brancos	Valdemiro Cavalcante	vários	Padaria/Granja

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa “anatomia”, transparece o registro de dois círculos frequentados por Barreto, que nada mais são do que o alcance das teias da rede que o grupo da Granja chegava.

4.4.1 Círculo de amigos da Granja

A geração da escola do Gabinete, como se espera, aparece registrada nas dedicatórias de *Dolentes*. Mas, em relação à Granja, o livro não se limita a esses agentes, no corpo da obra se revela uma cartografia, afetiva e social do autor, que envolve a cidade e suas imediações. Assim, a partir da região natal, recuperam-se três núcleos de relacionamentos: 1) amigos de infância; 2) familiares e 3) agentes de admiração ou gratidão.

O impacto do retorno de Barreto ao sertão cearense, em julho de 1892, e o distanciamento físico da Padaria Espiritual, foram determinantes na seleção das produções e menções aos amigos locais, que angariaram a maioria das homenagens.

Ao seu núcleo familiar, o poeta dedicou “Pelo País do Sonho” e “O Velho do Mar”, aos seus irmãos Ordônio e José Barreto, respectivamente, suportes financeiros da casa, que facilitaram, de certo modo, as aventuras do poeta no país dos seus sonhos. A dedicatória a

José Barreto é mais que uma homenagem a um irmão querido, ela é revestida de tributo a um companheiro de jornal, influência que o introduziu no mundo dos impressos. O primogênito dos Barretos esteve em todas as redações do grupo, desde a escola, sendo um elo importante entre as práticas e seus agentes.

Como já dito, o mundo público letrado de Lívio era essencialmente masculino, evidenciado nas dedicatórias. Mesmo que em seu convívio íntimo nutrisse afeição por suas duas irmãs, Maria e Elisa, não dedicou a elas poema algum. Nenhum nome feminino, da sua vida cotidiana, é exposto no volume. *Estela* e *Ester*, por exemplo, nomes cantados nos versos, correspondem apenas às formas simbólicas de descrever o amor idealizado. Até mesmo a dedicatória à mãe, Mariana Barreto, o poeta anotou apenas um "à minha Mãe", suprimindo seu nome, no poema "Estrela do Mar".

Ainda demarcando sensibilidades familiares, a dedicação do poema "Elegia" se faz à "memória" de Zeca Rocha, possivelmente o irmão mais velho de sua mãe, José Delmiro da Rocha, que foi tutor dela e dos outros tios do poeta, quando ficaram órfãos em 1846. Uma homenagem feita no calor do momento, diante do fato da morte, mas que se pode intuir uma inclinação de afetos com o lado familiar materno. Tendência reforçada na dedicatória ao primo com seu mesmo nome, Lívio, que, ao contrário da do tio, testemunha uma íntima relação entre os dois, carregando uma carga maior de significados.

Francisco Lívio da Rocha (1870-1957) nasceu apenas dois meses após o primo Barreto; tinha o nome invertido do pai, Lívio Francisco, seguindo a tradição de repetir nomes dentro da família Rocha granjense. Seu pai foi um comerciante naquele final de século na cidade, dono da firma comercial em que Lívio Barreto teve seu primeiro trabalho como caixeiro; também foi político, vereador no período entre 1881-1884, quando na cidade funcionou o Gabinete Granjense de Leitura e seu curso, sendo um dos sócios, ocupando cargos na diretoria. Por sua vez, o filho Francisco Lívio frequentou a escola do professor Garcez e o curso noturno do Gabinete, onde prestou exames em 1881 na mesma turma dos irmãos de Lívio Barreto, mas não pertenceu à turma que publicava jornais na cidade. Chico Lívio, como era conhecido, dedicou-se ao comércio e a vida no campo, espaços de conexão com o primo Barreto.

O convívio no comércio deu início à amizade entre eles, mas logo as perspectivas individuais os separaram. Aos 15 anos, Francisco Lívio se casou, estabelecendo-se depois no interior do município, o oposto do que ansiava o poeta: sair da Granja. Conquanto, dadas as tentativas frustradas do poeta de deixar a região, ao voltar à cidade, encontrou abrigo afetivo na casa do primo, na zona rural. "Muito amigos um do outro, muito ligados um a outro, em

maio de 1893, o poeta, sentindo-se enfermo, resolveu buscar repouso e cura para seus males na fazenda dos primos no Veado Bravo"[288], ocasião em que produziu quatro poemas para seu planejado livro, "Sob as Árvores", "Peregrinando", "No Campo" e "Doente", dedicando este último ao primo homônimo. A Fazenda Veado Bravo é a única localização, dentro da obra, que não se refere a uma cidade[289]. Marca do sensível, espaço de afetividade em que o poeta associou ao sentimento de guarida e abrigo.

Em Granja, Barreto era empregado na firma comercial Beviláqua & Cia, "onde esteve até 6 de fevereiro de 1893, quando mudou-se para Camocim, indo empregar-se na agência da Companhia Maranhense de Navegação a Vapor"[290]. Do universo do trabalho, registrou o nome de alguns companheiros em seu livro, como a oferta de "Poemas íntimos" a Weyne Coelho[291], um caixeiro de confiança da firma Carvalho Motta.

O dono daquela casa comercial também foi motivo de homenagem, com um formal "ao Sr. Antônio F. de C. Motta". Embora se deva pontuar que Lívio Barreto não foi empregado da firma e não tinha nenhuma relação próxima, documentada, com seu dono. A solene dedicatória é uma manifestação de respeito e, quem sabe, admiração. Para o biógrafo de Carvalho Mota, Xavier Filho, a oferta foi um gesto de gratidão, "pode-se especular que o Coronel, um capitalista no auge de sua importância estivesse, de alguma maneira, como um mecenas interiorano, a ajudar o poeta de poucos recursos"[292], o que não se confirma com fontes. Mas o que se frisa, ao analisar o poema ofertado à Mota, "O Mergulhador", escrito em junho de 1893, é a acentuação nele da figura de um homem corajoso, que supera a si mesmo, conseguindo transpassar o "vasto seio escuro" do mar.

Ainda relacionado ao ambiente de trabalho, mas não mais ao balcão, Lívio Barreto dedicou "Torturado…" a Antônio Horácio e "O Jornal" para José Vicente Franca Cavalcante[293]. O trabalho de guarda-livros, na Companhia de Navegação Maranhense, talvez o tenha aproximado de Antônio Horácio de Vasconcelos, o telegrafista de 1ª classe da Estrada de Ferro de Sobral, e de Franca Cavalcante, almoxarife da Administração Central da mesma ferrovia. Os dois eram colegas de trabalho dos seus irmãos, José Barreto, escriturário, e

---

[288] SOUSA, Margarida Maria Rocha de. **Sobre vidas**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, p. 78.
[289] As marcações de localizações feitas pelo poeta foram: Granja, Camocim e Fortaleza, usando também o termo *Ceará* para se referir à capital do Estado.
[290] TEÓFILO, 2009, p. 234-235.
[291] Trata-se de Raimundo dos Santos Weyne Coelho. Ver: XAVIER FILHO, 2010, p. 116.
[292] *Ibidem*, p. 16.
[293] José Vicente Franca Cavalcante foi tabelião público, jornalista e estudioso da história de Sobral, faleceu em 14 de fevereiro de 1898.

Ordônio, amanuense da mesma ferrovia[294]. Mesmo assim, o próprio título do poema dedicado a José Vicente F. Cavalcante, "O Jornal", remete a outra intencionalidade que não a do contato nos serviços burocráticos. Cavalcante era, desde 1887, diretor do jornal *A Ordem*, semanário da cidade de Sobral, um homem de letras que sabia das dificuldades em escrever jornal no sertão cearense, assim como o poeta. Talvez fosse uma ostentação da relação intelectual entre os dois, que o poeta desejasse estreitar naquele momento, posto que foi a última peça literária escrita por Barreto e, possivelmente, sua última dedicatória, datada cinco dias antes de morrer.

Assim como Cavalcante, há outros nomes que insinuam a capilaridade que a rede afetiva e intelectual do poeta alcançava. Nomes que foram esquecidos pela historiografia e não deixaram rastros, além da própria citação no livro[295], como Antônio Carvalho, do poema "O Único Olhar", companheiro de jornal de Artur Teófilo, em Viçosa do Ceará, e José Raulino, talvez um parente de Antônio Raulino de Moura. O registro dos dois ficou alheio à trajetória intelectual de Lívio, não percebido na presente pesquisa, embora José Raulino tenha recebido a única dedicatória que emprega a expressão "ao amigo". Isso não significa uma intimidade entre eles, sendo apenas um recurso estilístico, onde no corpo do poema é emulada a escrita de uma missiva, inclusive, intitulado de "Carta".

Mas, nesse caso, se a dedicatória não traz informação sobre a relação do texto com o dedicatário, as escolhas estilísticas do poema revelam muito sobre os rituais de amizade assimilados pelo poeta. A necessidade em desabafar com um íntimo, talvez um letrado igual a ele, é a proposição utilizada para a transmutação de gêneros entre carta e poema:

> Não digas que eu faço versos,
> Pois não são versos que eu faço;
> a poesia é que eu desfaço
> Em mil bocados diversos.
>
> Fazer versos! P'ra fazê-los
> É necessário ao artista
> Ter o sonho de conquista
> No sono dos pesadelos.
> [...][296]

[294] ALMANACH ADMINISTRATIVO, ESTATÍSTICO, MERCANTIL, INDUSTRIAL E LITERARIO DO ESTADO DO CEARÁ (CE). **Estrado de Ferro de Sobral**. ano II, Fortaleza: Typ. A República, 1896, p. 43.
[295] Esta pesquisa não conseguiu alcançar nenhuma informação sobre Antônio Ramos, nome da dedicatória do poema "Escravo", de 1894.
[296] BARRETO, 2009, p. 123.

A carta, esse recurso usual de comunicação naquele final de século, é a forma com a qual o poeta utilizou para demonstrar suas frustrações e dificuldades em escrever. A composição muito utiliza o vocativo "amigo", esforço entendido para incutir a informalidade da relação entre dois conhecidos. Sabendo-se do pacto existente entre o remetente e o destinatário, a peça buscou corresponder às normas próprias das epístolas, onde seu autor deu mais de si, transformando o poema em um confessionalismo do fazer poético e a solidão do ato de (tentar) produzir literatura. Utilizando-se da metalinguagem, o metapoema é entendido aqui como informação histórica dos dilemas e inquietações que permeavam a prática de se relacionar entre os intelectuais granjenses.

Todos os companheiros de redação do poeta, dos dois últimos jornais do grupo da Granja, ganharam dedicatórias: Fausto Sobreira, Luiz Felipe, Antônio Raulino, Artur Teófilo, que formavam, no momento da organização do livro, o íntimo intelectual em torno do autor. Desse conjunto de homenagens, a dedicação elaborada a Fausto Sobreira se diferencia em um aspecto: ele não era um amigo de infância. Por ocasião e efeito do contato na redação, o professor foi lembrado muito mais por ser um par letrado, companheiro de jornal[297].

O pequeno círculo intelectual granjense, que reúne tanto os amigos de infância como companheiros de jornal, é abarcado dentro da obra com a dedicatória e o poema "Os Cajueiros", A peça literária, datada na Granja de 1893, rememora nostalgicamente os prazeres da meninice naquela ribeira: as brincadeiras nas quintas de cajueiros, o passeio até o rio, o banho perto da ponte ferroviária, a infância livre que os uniu:

> Aos domingos então depois do meio-dia
> Era melhor o bródio e maior a folia:
> Largava-me de casa e mais dois companheiros
> E íamos a rir à sombra dos cajueiros.
> Com muitíssima dor dos periquitos
> Que fugiam gritando, ouvindo os nossos gritos [...][298]

Sendo um dos poemas mais autobiográficos de Lívio Barreto, a composição poética descreve uma das formas de sociabilidades do grupo e revela a identificação do autor com ele. A alusão à geração é rematada com a dedicatória "ao Professor F. José Garcez dos Santos". Mesmo que os versos não descrevam nenhuma relação com a escola e o mestre diretamente, a dedicatória o coloca como figura marcante na memória daqueles dias felizes, onde o grupo surgia.

---

[297] Fausto Sobreira foi introduzido no meio dos letrados granjenses em 1892, como já relatado no capítulo anterior, recebendo uma homenagem no poema "A Gazela", datado em junho de 1893, em Granja.
[298] BARRETO, 2009, p. 166.

Mas o que destaca a influência da geração na obra do autor, além de destacar um trio de amigos muito íntimos dentro do grupo, é a dedicatória da coletânea como um todo. Após ofertar a obra à sua família e a Padaria Espiritual, em vez de destacar um companheiro de agremiação, instituição que publicaria a volume, o livro foi nominalmente dedicado a Luiz Felipe e Antônio Raulino, com a distinção "aos amigos de dia e hora".

Como já compreendido, cada dedicatória tem sua "história". A escolha dos dois amigos talvez tenha sido a mais complexa entre as outras. Ela implicava em ser uma decisão política, já que é feita em detrimento aos outros companheiros letrados, no campo em que a dedicatória tem relevância, a cultura escrita. Por outro lado, ela é marco do sensível, envolvendo a vontade de expressar um desejo particular, em que a preferência por nomes sem prestígios e renome na vida literária cearense, para qual o livro era direcionado, é mais que buscar angariar prestígios literários, é um esforço de eternizar, em tinta e papel, os laços afetivos existentes entre eles.

Além da lembrança no preâmbulo, a Antônio Raulino foi dedicado "Confidências" e a Luiz Felipe de Oliveira dois poemas no corpo da obra, "De Viagem"[299] e "O Sono de Olavo". Em "Confidências", datado em fevereiro de 1893, o tom é de uma conversa reveladora, emulando uma prática recorrente na intimidade deles. Como o próprio título sugere, o eu-lírico divide, com um confidente, o relato de uma desilusão: "não viste quando, trêmulo e contrito/Eu te contava esse poema, irmão,/Não viste que era de minh'alma o grito,/E que era o grito de meu coração?"[300]. Moldada no ato de contar um segredo, em um momento se reclama a atenção do ouvinte energeticamente com um "Amigo!". No trecho supracitado, a aproximação entre os interlocutores é demarcada com a expressão "irmão", um exemplo do tradicional discurso filosófico ocidental sobre a amizade, em que chamar de "irmão" significa atribuir mais valor do que chamar de "amigo"[301].

Através das dedicatórias, o poeta materializou os resíduos de afetos e exercícios de amizade, transformando seu livro em um relicário de um chão pisado e tempo vivido desde a infância. Interligado àquele circuito, sem ordem lógica, outro circuito se apresentava dentro da obra, unido pela atividade intelectual: os padeiros.

---

[299] "De Viagem", dedicado a Luiz F. de Oliveira, também foi publicado no jornal *A República*, em 13 de dezembro de 1892. Descreve uma viagem a cavalo por uma estrada sinuosa, tal qual a viagem de Granja a Tianguá, cidade onde Luiz Felipe se casou.

[300] BARRETO, 2009, p. 58.

[301] IONTA, Marilda Aparecida. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade**. 2004. Tese (Doutorado em História).Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004, p. 161.

4.4.2 Círculo de amigos de Fortaleza

Quando Lívio Barreto morreu, na tarde do dia 29 de setembro de 1895, os amigos da Padaria Espiritual se sensibilizaram e compuseram uma edição especial do jornal da agremiação, *O Pão*[302], em sua homenagem. Na publicação, escreveram os confrades: Artur Teófilo, Ulisses Bezerra, Roberto de Alencar, Sabino Batista, Antônio Sales e Antônio Bezerra, e com exceção deste último, que não pertencia à primeira fase da agremiação, a todos foram dedicados poemas no livro *Dolentes*. Esses dois eventos não abarcam a dimensão afetiva da rede de amigos que o poeta nutria, mas contribui para a percepção de um círculo restrito, dentro da própria Padaria, que Lívio Barreto quis distinguir. Claro, assim como a homenagem fúnebre de Antônio Bezerra não corresponde necessariamente a uma aproximação íntima, sendo tão só uma etiqueta intelectual, a ausência de mensagens de outros também não corresponde a desafeto ou ruptura, sendo necessário perscrutar vínculo por vínculo.

Lívio foi um dos fundadores da Padaria Espiritual e colaborou no que se condiciona chamar de primeira fase da agremiação (1892 a 1894). Ficou pouco tempo na capital cearense, chegou em 16 de fevereiro de 1892 e retornou para Granja em julho daquele mesmo ano. Ainda assim, esteve em todas as sessões da primeira fase, pelo menos, em todas as *fornadas* registradas em ata: 20 no total[303]. Não voltou a morar em Fortaleza, mas continuou atuando na agremiação intensivamente, à distância.

Embora seja inteligível a oferta e troca de dedicatórias entre os confrades, o ponto é que cada um, à sua maneira, foram lembrados por motivações distintas. Dos 21 sócios da primeira fase, apenas seis foram homenageados: os poetas Álvaro Martins, Sabino Batista e Lopes Filho; o músico Carlos Vítor; o cronista Ulisses Bezerra e o idealizador da instituição, Antônio Sales.

A princípio, é possível afirmar que todas as dedicatórias, dentro daquele meio literário, advêm da admiração artística. Não se pode descolar dessa intenção quando se pensa, por exemplo, nos poemas oferecidos aos confrades que publicaram antes dele, que anteciparam o *status* de autor de livro, almejado pelo poeta, como Sabino Batista e Lopes Filho.

Manuel Sabino Batista (1868-1899) publicou *Floccos* em 1894, com poemas escritos entre 1891 a 1893. Na obra, sua aproximação com o poeta granjense se grafa em dois

[302] O PÃO: da Padaria Espiritual. Fortaleza, ano 2, n. 26, 15 out. 1895.
[303] AZEVEDO, Sânzio de (org.). **Atlas da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

poemas: “No Sertão” e "Confidências", o primeiro dedicado a Lívio Barreto e o outro a seu pseudônimo, Lucas Bizarro [304]. Toda produção no volume é demarcada com data e localização, concluindo que sua concepção foi realizada, em sua maioria, em Fortaleza, com exceção de três poemas feitos em Granja.

O paraibano esteve na cidade naqueles primeiros momentos da Padaria Espiritual, em maio e junho de 1892, quando publicou um poema intitulado “Durante a Chuva”, no jornal do grupo: *A Luz*[305], dedicando-o a Lívio Barreto. Esse contato com o circuito granjense levou o padeiro a se entrosar com, o editor da folha, Antônio Raulino, a quem manifestou uma relação de aproximação, oferecendo-o “No Inverno”, que compõe o livro *Floccos*[306].

Lívio Barreto, que já conhecia Sabino das primeiras “fornadas” da Padaria, não se encontrou com o confrade em Granja. Esse desencontro, aliás, marcou os dois com um sinistro episódio. No jornal *A República*, de 25 de junho de 1892, publicou-se a seguinte nota, “de Granja onde se achava a serviço, regressou hoje no vapor Alcantara o nosso amigo Sabino Batista empregado na Secretaria do Interior”[307]. Na rota de volta do mesmo navio, em 27 de junho, a embarcação naufragou com Lívio Barreto a bordo, quando regressava à Granja.

Salvando-se, o malogrado poeta retornou à capital cearense e foi recebido novamente na Padaria Espiritual, em 05 de julho de 1892. Em sua última fornada, o granjense leu "Náufrago", o poema supostamente escrito na praia de Periquara após o acidente. O episódio com o *Alcântara* impactou o grupo de tamanha maneira que o assunto além de dominar a pauta da sessão chegou às páginas da primeira edição do jornal *O Pão*. A seção fixa *Sabbatina*, que narrava acontecimentos da semana, foi estreada com o relato indignado de Félix Guanabarino (Adolfo Caminha) sobre o caso:

> Logo que a *Padaria Espiritual* teve conhecimento de que seguira no *Alcantara* o *padeiro Lucas Bizarro*, vulgarmente apellidado Livio Barretto, deu-se pressa em tomar as necessarias providencias afim de que o nosso confrade, caso escapasse à morte, fizesse uma entrada trihumphante nesta Capital[308].

O poeta, no entanto, não entrou em Fortaleza triunfantemente, muito pelo contrário, desamparado, precisou da ajuda financeira dos confrades para regressar à Granja.

---

[304] BATISTA, Sabino. **Floccos**. Fortaleza: Padaria Espiritual/Typ. Universal, 1894.
[305] BATISTA, Sabino. Durante a chuva. **A Luz**. Granja, ano 01, n. 14, 22 mai. 1892, p. 4.
[306] Sabino Batista também anotou ter feito em Granja o soneto “Bilhete Postal”, sobre a correspondência com uma mulher. Além da aproximação de Batista com Barreto e Raulino, a passagem pela cidade evidencia também a ligação de Sabino com Valdemiro Cavalcante, seu colega de trabalho na Secretaria do Interior. Os dois estavam juntos, em Granja, quando souberam da morte de Alfredo Peixoto e encaminharam um poema e condolências, em telegrama publicado na edição especial, homenageando o padeiro falecido.
[307] A REPUBLICA, Fortaleza, ano 1, n. 59, 25 jun. 1892, p. 1.
[308] GUANABARINO, Felix. Sabbatina. **O Pão**: da Padaria Espiritual, Fortaleza, ano 1, n. 1, 10 jul. 1892, p. 7.

“Por iniciativa de Paulo Kandalaskaia promoveu-se uma subscrição em favor de Lucas Bizarro arrecadando-se vinte e três mil réis que lhe foram entregues.”[309]. Ao idealizador da benevolência, Joaquim Vitoriano (Paulo Kandalaskaia)[310] e a Adolfo Caminha, escritor do texto sobre sua tragédia marítima, nenhuma dedicatória foi oferecida no *Dolentes*. Isso porque as impressões dos primeiros encontros da Padaria se dissipariam com os acontecimentos futuros e, à distância, outros sentimentos foram experimentados pelo poeta durante a produção do volume, quando laços foram feitos, desfeitos e estreitados por uma intensa troca de cartas.

Assim que chegou à Granja, o poeta começou a se corresponder com seus confrades. Em uma de suas primeiras cartas, assinada como Lucas Bizarro e direcionada a Moacir Jurema (Antônio Sales), seus respectivos codinomes, o poeta agradeceu o recebimento do número 1º do jornal *O Pão*, em 20 de julho de 1892. Dirigindo-se agora a um congregado, o granjense iniciou a carta com o lema da agremiação “Amor e Trabalho”:

> Saboreei O Pão com tanta gula que quazi me engasgava!
> O Pão adoravel! Pão do espirito! Pão d’alma! Pão do coração, Pão do Bom gosto!
> Aquelles versinhos intercalados são simplesmente enorrrmes!

Após ver estampado o seu poema “Náufrago” no exemplar, agradeceu:

> Muito agradecido pela tua complascencia para os meus naufragados versos. Como vai a Padaria?
> Padeiros, me escrevão! Ponderem que eu estou longe e vocês outros, no quente do Forno. Vou ver se mando alguma coiza para O Pão. Para o almannack hei de tambem mandar.

Finaliza desejando muita vida à "gloriosa e única Padaria”, pedindo que Sales o recomendasse ao Padeiro-mor, função exercida por Jovino Guedes, expondo seu desejo em continuar participando do grupo.

As cartas enviadas pelos amigos eram acompanhadas de exemplares do jornal da instituição, livros e outros produtos literários. Em contrapartida, junto às respostas, o poeta encaminhava poemas para compor *O Pão*, que publicou, ao todo, 18 produções de Lívio Barreto. Ainda que no primeiro ano do órgão, 1892, os cinco números estamparam apenas dois: "Náufrago" e “Um pote de doce”.

---

[309] AZEVEDO, 2015, p. 43.

[310] Vitoriano possivelmente não era uma amizade intelectual, segundo Sânzio de Azevedo, aquele homem foi admitido no grêmio por ser uma espécie de guarda-costas dos outros padeiros, sendo forte e valente, acabando assassinado na Praça do Ferreira, em 1894, antes da publicação do livro e consequentemente sem possibilidade de ver qualquer homenagem.

> Nosso collega Lucas Bisarro, que se acha exilado em Granja, teve uma idea bisarramente gentil, só digna delle.
> Imaginem qual fosse a idea do Lucas…
> Não adivinham?
> Pois fiquem sabendo que o Lucas mandou à Padaria, pelo ultimo vapor, nada mais nada menos do que um pote de dôce de cajús acompanhado de um punhado de quadras tão doces tambem que nós achamos que elle mandou foi um punhado de cajús rimados e um pote de versos em calda de assucar.[311]

O poema que seguia o pote de caju da Granja levava situações marcantes para o poeta dentro da Padaria, "trata-se de um poema de circunstância, cuja comicidade foi sem dúvida infinitamente maior para os "padeiros" que o leram naquele distante 1892, quando viram a si mesmos e a alguns companheiros retratados com seus "nomes de guerra"[312]. Demonstra uma intimidade de Lívio com pelo menos 10 dos companheiros, assim como as situações cotidianas do grupo, que ele explanava entrosamento, apesar de não se reunir com eles há pelo menos cinco meses.

Naquele texto, Barreto não citou Lopes Filho (1868-1900), o que não ocorreria tempo depois, caso refizesse o poema, pois uma crescente admiração pelo trabalho do companheiro ganhou força à distância no decorrer dos anos que se seguiram. Aquele foi o primeiro confrade a publicar pela "Bibliotheca da Padaria Espiritual", a obra *Phantos* (1893), que o consagrou precursor do simbolismo cearense, estilo literário que Barreto começou a emular. Em missiva da Granja, enviada para Ulisses Bezerra, em 18 de agosto de 1893, ou seja, depois da publicação de *Phantos*, Barreto não economizou elogios ao autor estreante.

> Recebi o [mutilado] com muito interesse. O Lopes Filho é um artista de folego, os seus versos de uma forma exquisita e ampla tem uma sensibilidade desconhecida e symphatica.
>
> Com a leitura dos seus versos vamos-mo affeiçoando ao author, pois lidos os primeiros ja não vamos aos outros na esperança de achar o artista elle esperou-nos a entrada e conduz-nos, fazendo-nos partilhar os seus sentimentos com uma vehemencia de choque ellectrico, dulcificado entretanto pelos [ilegível] das suas saudades ditas numa [ilegível] nervosa, vibrante e profunda. Aquele soneto "No Campo" (creio eu) immortaliza-o.
>
> Mesmo nos solavancos do verso Nephelibata elle se impõe a nossa admiração pelo modo resoluto e franco com que elle nos mostra o seu sentimento. A originalidade de imagens tem-na elle em elevado gráo.
>
> Enfim, gostei bem dos versos do Lopes e sinto não saber dizer-te como dezejava a minha opinião, pois faltam-me as tintas e a palheta é péssima.

[311] UM POTE de Dôce. **O Pão**: da Padaria Espiritual, Fortaleza, ano 1, n. 4, 13 nov. 1892, p. 7.
[312] AZEVEDO, Sânzio de. Lívio Barreto e o Verso Humorístico. **Revista da Academia Cearense de Letras**, ano. 86, n. 40, 1979, p. 80-81.

Depois de receber dedicatória no poema “As Felizes”, Lívio não poderia deixar de retribuir o gesto, ofertando-lhe “Inverno” em sua obra, produzida em dezembro do mesmo ano da publicação do amigo. Logo, entende-se que, junto a um nível de admiração, havia uma força coercitiva que pedia para retribuir às delicadezas das dedicatórias.

Nas comunicações entre as duas cidades iam o desejo de retornar à Fortaleza e conviver com os padeiros. Na mesma carta que teceu elogios a Lopes Filho, o poeta agradeceu ao destinatário da carta, Ulisses Bezerra, sua intercessão junto a Antônio Sales, idealizador do grêmio, por uma colocação profissional, esperança para sair daquele lugar em que se encontrava que lhe roubava a saúde:

> Para responder a tua carta começo agradecendo os teus bons officios para o Salles arranjar-me o lugarsinho que lhe pedi. Tenho esperanças que elle, o Salles, não se descuidará de dar uma piada a meu favor para safar-me deste “mar de sargaços” de mizeria em que vou deixando o [ilegível] e a saúde (a mais alguma coisa) [mutilado] uma mizeria![313]

O mar com sargaços, algas marinhas que boiam a beira-mar, retrata um espaço insalubre e aprisionador. No poema dedicado a Antônio Sales, “Mar de Sargaços”, aquele era um meio sem “indício de uma vida ativa”, bem como o lugar inerte que o poeta acreditava estar preso. Confrontando a sua fala sobre Sales na carta e o uso da expressão que dá nome ao poema, reforça-se a figura de Sales como agente que salva e cuida do grupo.

Antônio Sales (1868-1940) foi um caixeiro, pobre, assim como Lívio Barreto, mas teve uma rápida ascensão público-social, a partir da segunda metade da década de 1880. Foi Secretário do Interior no Governo de Bezerril Fontenele e, naquele ano da carta, era deputado estadual (1893 a 1896). Sua influência foi utilizada para conseguir ocupações profissionais e abrir portas em outros centros letrados, até fora do estado, já que o prestígio da Padaria Espiritual ia além dos limites cearenses. Sales parecia um pilar de sustentação da rede e para quem se podia recorrer, como bem fez Lívio e outros padeiros.

Mas se Sales não arrumou uma ocupação para Lívio na capital, ajudou-o como pôde na publicação de seu livro. Na fornada de 19 de outubro de 1894, o próprio Antônio Sales exibiu os autógrafos para a produção da obra, “lendo algumas deliciosas peças que causaram vivo entusiasmo”[314] do livro ainda intitulado “À Toa”. Na mesma ocasião, os companheiros estranharam aquele nome e pediram sua mudança: “consultadas as diversas

[313] Carta de Lívio Barreto a Ulisses Bezerra, 18 ago. 1893.
[314] AZEVEDO, 2015, p. 51.

opiniões, chegou-se ao resultado de julgar-se mau o título do livro, pelo que concordou-se em escolher outro para crismá-lo, mediante prévio acordo com o autor"[315].

Barreto tinha admiração por Sales e pela Padaria Espiritual, mesmo assim, não deixou de fazer uma dedicatória a Álvaro Martins, que no mesmo ano, 1894, tinha sido expulso da Padaria Espiritual, juntamente de Temístocles Machado. Os insurgentes ajudaram a fundar o Centro Literário, em 27 de setembro, fato entendido por Antônio Sales como um rompimento com seu projeto e suficiente para lhes render a punição[316]. Questão que não afetou a oferta de um poema ao ex-confrade por parte de Lívio, mesmo o livro sendo publicado com o empenho de Sales. A admiração a Martins era tamanha que, em carta um ano antes do rompimento, faltavam-lhe palavras para exprimi-la: "O Alvaro... que diabo de rapaz! Como é que se faz disso, santo Deus! Depois de... deu! [mutilado] de Pescadores!"[317].

O atrito com o Centro Literário não foi ignorado pelo padeiro da Granja, que se mantinha fiel ao grupo de Sales e fazia questão de demonstrar isso. Ainda que as duas instituições estivessem se aproximando cada vez mais, o poeta diz a Ulisses Bezerra, em outra missiva, que se negou a colaborar com um membro do Centro, em consideração aos padeiros:

> Hoje respondi ao Rodrigues de Carvalho, do Centro, que me havia pedido colaboração para seu jornal. Pelo que me disse o Sabino, o sujeito não é lá muito correcto e eu, dando-me bem com a minha obscuridade e a leal amizade a voces, achei não dever acudir ao seu pedido[318].

Lívio Barreto se esforçou o máximo para não se distanciar da Padaria. Aliás, o fato de não ter comparecido presencialmente em nenhuma "fornada" da segunda fase da agremiação (1894-1897), não o impediu de ter uma participação intelectual intensiva no grupo. Logo que surgiram as notícias da produção do seu livro, nas últimas fornadas de 1894, os poemas enviados para compor a obra eram lidos em voz alta, como se lá seu autor estivesse, como "Luar" e "Escravo", na fornada de 23 de novembro, e "Os Cravos Brancos", em 14 de dezembro.

Sua participação foi de fato efetivada com o retorno do jornal da agremiação, onde ele se destacaria. No primeiro dia do ano de 1895, em uma fornada movimentada, reapareceu *O Pão*. Na ocasião, "Moacyr Jurema leu mais diversas peças do livro inédito -

---

[315] *Ibidem.*
[316] AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual, um grêmio cultural. *In*: **Padaria Espiritual:** vários olhares. CARDOSO, Gleudson Passos; PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012, p. 34.
[317] Carta de Lívio Barreto a Ulisses Bezerra, de Granja (CE), em 18 ago. 1893.
[318] Carta de Lívio Barreto a Ulisses Bezerra, de Camocim (CE), em 11 set. 1895.

Dolentes, de Lucas Bizarro, que arrancaram entusiásticos aplausos do auditório."[319]. O jornal voltou a circular no mesmo dia, 1º de janeiro, e seu ano II contou com uma grande quantidade de poemas do granjense, muitos já trazendo as anotações: "do livro *Dolentes*", "dos *Dolentes*", indicando que estava em preparação o volume. Lívio Barreto era um nome repetido e marcava presença na instituição, revezando entre fornada e jornal[320].

O processo de produção do *Dolentes,* no último ano de vida do poeta, alinhou-se a postura editorial da nova fase do jornal, que diminuiu a publicação de poemas mais alegres e românticos, buscando uma maior sobriedade. Para Regina Pamplona Fiuza, "na segunda fase, a poesia tem maior destaque gráfico e os poemas maior valor literário. Há mais amadurecimento e é dada maior importância às produções em si do que à crítica à burguesia, ao clero e à política"[321]. Essa nova abordagem levou o interesse aos poemas de Lívio Barreto, colocando-o como destaque entre os poetas que mais apareciam nas páginas d'*O Pão*[322]. Isso garantia seu nome ligado à agremiação e o surgimento da sua identificação enquanto o poeta dos *Dolentes*, antes mesmo da obra vir a público.

O estudo com as dedicatórias indica que o poeta conseguiu ter uma relação com membros que entraram na agremiação posteriormente a sua partida de Fortaleza, que talvez não tenha mantido contato pessoalmente. Sua permanência naquela rede de sociabilidades era garantida pelas trocas de correspondência, em especial com Sabino Batista, Ulysses Bezerra, Antônio Sales e, é claro, com os novos companheiros, que se interessavam por ele a partir da leitura de um poema, pela curiosidade de conhecer o seu autor ou simplesmente o padeiro "exilado" no interior do Ceará. Foi assim com Roberto de Alencar e Eduardo Saboia, dois dos padeiros mais jovens a integrarem a agremiação, ainda em idade escolar.

Foi para Roberto de Alencar (1879 - 1897) que o granjense dedicou seu último poema enviado para publicação n'*O Pão*, "Através dos Sonhos". Alencar foi o mais jovem entre os padeiros, tinha 16 anos quando Barreto morreu e talvez nunca o encontrado pessoalmente, cultivando com ele uma amizade epistolar. Mas a despeito da falta desse encontro presencial, Roberto de Alencar tentou demonstrar a intensidade da relação existente

---

[319] AZEVEDO, 2015, p. 62.

[320] O número 10, 15 de janeiro, trazia o poema "Íntima" e na fornada de 18 de janeiro 1895, era lida a peça "Dedicatórias", de "Cravos Brancos".

[321] FIUZA, Regina Pamplona. *O Pão…da Padaria Espiritual*. Fortaleza: Expressão e Gráfica Editora, 2011, p. 89.

[322] "Torturado", escrito em Camocim (nº 13, de 1º de abril); "Doente", de 1893 (nº. 15, de 1º de maio); "Sombra e Luar" (nº. 16, de 15 de maio), a partir desta publicação, os poemas começaram a trazer as descrições "Do Dolentes" e "Do livro - Dolentes"; "Contradição" escrita em 1893 (nº. 19, 01 de julho); "Esther" (nº. 20, 15 de julho); "Para Alguém" (nº 21, 1º de agosto); "Lágrima", escrita em 1893 (nº. 22, 15 de agosto); "Através do Sonho" (nº. 24, 15 de setembro).

entre ambos, descrevendo uma imagem cheia de emoção e dramatização sobre o impacto sentido ao saber da morte do amigo:

> [...]
> N'Avenida onde palestrava e ouvia musica deram-se de chofre a pungente nova.
> Estremeci ao recebel-a, porém depois, mais calmo, puz-me a olhar a multidão, que passava indifferente. Risos - eis o que tristemente eu vi. Em tudo a nota impressionista de quentes alegrias.
> Então uma lagrima amollentou-me a palpebra.
> [...][323]

Uma encenação romântica de si mesmo, efeito do imaginário das amizades juvenis repercutidas pelo romantismo, "todas essas representações difundidas pela literatura tendem a repercutir em uma certa imagem da amizade de juventude, ao mesmo tempo em que testemunham, representações de si mesmo que agradam aos escritores publicar"[324].

Outro que não fazia parte da primeira fase, Eduardo Saboia (1876-1918) foi o único da Padaria que recebeu duas dedicatórias no livro: "Boa Viagem" e o poema que dá nome ao conjunto da obra, "Dolentes". Saboia foi mais um padeiro que publicou antes de Lívio e lhe fez uma dedicatória, no conto "A Jangada" em seu primeiro livro, *Contos do Ceará* (1894), publicado pelas edições da Padaria Espiritual quando ele ainda era um estudante no preparatório do Liceu do Ceará. Naquele mesmo ano da publicação, mudou-se para o Rio de Janeiro a fim de estudar na Escola Politécnica, recebendo então um poema de Barreto, "Boa Viagem", escrito para a ocasião:

> Que de teu lar a imagem te proteja,
> Cantando o poema das recordações,
> Nessa cruenta, intérmina peleja
> Das nobres ambições;
> Que te perfume a adolescência forte
> A saudade santíssima dos teus:
> No frio sul lembra o calor do Norte…
> Boa viagem, meu amigo, adeus![325]

A migração era uma realidade na vida do poeta, os versos então se tornam conselhos de quem já havia passado pela experiência. Quando "[...] a tua alma chorar, quem docemente/Há de estender-te os braços? Ninguém! [...]", pois assim como o amigo, ele tinha deixado família e amor "em busca de remotos ideais".

---

[323] ALENCAR, Roberto de. A quem partiu. **O Pão**: da Padaria Espiritual, Fortaleza, ano 2, n. 26, 15 out. 1895, p. 3.
[324] VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 128.
[325] BARRETO, 2009, p. 145.

Gleudson Passos Cardoso enuncia a forma como o mar aparece na produção de Barreto, presente nas suas idas e vindas em busca de colocação profissional e social, mas também representando desespero e desilusão. Cardoso usa como exemplo o poema "Dolentes", escrito em 1892 e, posteriormente, dedicado a Saboia.

> Aqui, as imagens contidas no mar bem sugerem como ele compreendeu sua trajetória, sempre um caminho impreciso e tumultuado percorrido ou a se percorrer. Estas foram sensações constantes a respeito de suas escolhas, durante os seus últimos e mais intensos anos de vida, marcados por sonhos fenecidos e diferentes frustrações.[326]

O mar é presente principalmente em poemas dedicados a pessoas que o ajudaram em assuntos sensíveis, de cunho particular, para sua mãe, seu irmão mais velho, talvez o capitalista Carvalho Motta e Antônio Sales. A peça anteriormente citada se aproxima de outro poema dedicado, no que concerne à temática da saída em busca de sonhos, mas que poderia vir acompanhada de frustrações, um aviso ao amigo, um conselho ou somente um reconhecimento de outra alma gêmea. Eduardo Saboia usaria também o mar como metáfora ao se referir o fim do amigo, "Ser-me-á difficil esquecer o moço obscuro e talentoso victima do grande e ultimo naufragio - que um dia a todos nós ha de roubar, aos poucos, quando a tempestade se levantar no mar profundo, insondavel do Nada."[327].

A relação de amizade entre eles foi iniciada pela leitura e apreciação do trabalho um do outro, como Sabóia relembra:

> [...]
> Elle um dia causou-me surpreza e conquistou de chofre a minha admiração. Foi quando me passaram sob os olhos esses versos - *Dolentes* que um nome desconhecido assignava.
> Era o d'esse moço, que a morte agora fez redivivo em meu coração.[328]

A partida de Eduardo Sabóia de Fortaleza, e consequentemente da Padaria, deu a sensação em ambos de ruptura, embora a ausência da convivência pessoal tenha permanecida a mesma. Sabóia relembrou os sentimentos e até a sonoridade ao ler os versos oferecidos, "guardo de tua lyra os sons que ouvi quando te disse adeus, n'aquelle dia em que para mim a saudade vagava no ar e o occaso se approximava de nós"[329].

No Rio de Janeiro, o contista desistiu da vida escolar e se dedicou ao jornalismo, colaborando nos jornais *Cidade do Rio* e *A Semana*, ajudando a divulgar o trabalho do amigo:

---

[326] CARDOSO, 2009, p. 212.
[327] SABOIA. Eduardo. Livio Barreto. **O Pão**: da Padaria Espiritual, ano 2, n. 29, 01 dez. 1895, p. 5.
[328] *Ibidem.*
[329] *Ibidem.*

"são os versos de Livio Barreto, jovem poeta cearense, de quem damos hoje uma amostra que nos forneceu o nosso companheiro - Saboya"[330], diria uma nota do jornal carioca *A Semana*, publicando junto o poema "Lágrimas". Tal qual um vapor de cabotagem, o fio da conexão entre ambos saía do porto de Camocim, fazia escala em Fortaleza e chegava à capital da República, refazendo depois o caminho de volta, deixando rastros nas páginas dos jornais daquelas cidades. Colaborando para construção da notoriedade de Lívio, ou de ambos.

Em contrapeso as informações oferecidas pelas dedicatórias, a singela homenagem feita a Ulisses Bezerra (1865-1920), no *Dolentes*, diz muito pouco sobre a relação entre eles. A descoberta de cartas, trocadas entre o poeta e a agremiação, joga luz sobre o estreitamento da relação desses padeiros, expondo uma cumplicidade dificilmente percebida pela solitária dedicatória no livro.

Em carta, escrita no domingo de 02 de dezembro de 1894, após saudar com "amº. Ulysses", o poeta inicia perguntando sobre a saúde do seu interlocutor, na esperança que ele a tenha se recuperado e que retome a "scintillante alegria que sempre illuminou o teu fino e nervoso rosto de bohemio". Após essas poucas frugalidades de missivas, Barreto avisa que dará notícias sobre Camocim, mesmo sabendo que o assunto poderia ser desinteressante para o amigo: "Não te interessam? Pois tenha paciencia.". Iniciando uma longa descrição sobre uma tarde monótona, da paisagem ao redor, expressa por um viés triste. "Para minha frente, o rio, (aqui diz-se mar), para as minhas costas o... matto, e por toda a parte a areia, o pó. Que tédio!"[331]. Alugando o tempo do amigo, sem nenhuma informação aparentemente relevante, apenas na despreocupação da intimidade:

> E sobre toda essa *paysagem* incolor, de uma monotonia de missa de *dia de fazer*, paira a aza pezada e somnolenta do abhorrecimento o mais medonho, do tédio o mais cruel!
> Ah! se aquellas nuvens que ameaçam chuva se rasgassem agora, como eu iria me deitar satisfeito, ás 6 horas da tarde, fugindo a este enjôo que envenena como uma despepsia!...[332]

O poema dedicado a Ulisses, "Lutas", escrito no ano da carta, também possui o mesmo forte tom de autoenunciação. O eu-lírico despeja, descompassadamente, todo o seu "triste e fatigado" ser. As comunicações entre os dois amigos, embora com poucas fontes,

---

[330] A SEMANA, Rio de Janeiro, ano 4, n. 84, 11 mai. 1895, p. 5.
[331] ALMANACH ADMINISTRATIVO, ESTATÍSTICO, MERCANTIL, INDUSTRIAL E LITTERARIO DO ESTADO DO CEARÁ, PARA O ANNO DE 1901, ano 7, Fortaleza: Typ. Economica, 1900, p 189-191.
[332] *Ibidem*.

expressam que o pacto feito através das missivas, entre os dois, era um dos mais íntimos dentro da Padaria.

A buscar pelas dedicatórias deram de encontro com outros registros da relação entre o padeiro e seus companheiros, como o jornal *O Pão*, os poemas e as missivas. Enquanto publicamente a relação entre eles eram explanadas nos jornais e nas dedicatórias, no íntimo, os poemas não publicados e as cartas particulares davam mais liberdade para demonstração de afeto.

Essas relações, é claro, seriam alteradas em definitivas com o falecimento do poeta, em 1895, mas não completamente extintas. A última fornada registrada naquele ano foi de 22 de setembro, ou seja, a reação dos padeiros à notícia da sua morte não foi registrada em ata. No jornal seguinte ao acontecido, o número 25 estampou a feliz fornada de 08 de setembro, onde diversas peças do *Dolentes* foram lidas, ignorando-se a tragédia que se sucederia.

A edição, que saiu no dia 01 de outubro de 1895, achava-se a caminho da tipografia quando seus editores tomaram ciência da morte do poeta, "[...] estava já prompta a nossa folha quando recebemos a desgraçada noticia e por isto só podemos dar sobre o nosso desventurado companheiro estas rapidas linhas traçadas as tontas sob a mais terrivel e mais desoladora das impressões [...]"[333]. No entanto, o número seguinte, 26, de 15 de outubro, foi dedicado todo à memória de Lívio, publicando três de seus poemas: "Nubil", "Bella" e "Silhueta". Após a seu falecimento o jornal chegou a publicar ainda mais três poemas[334].

No terceiro e último ano do jornal, 1896, não houve trabalhos de Lívio publicados, aquela foi uma fase do órgão em que "as poesias são mais raras e mais numerosos são os contos"[335]. Porém, não significava que a agremiação havia esquecido o poeta morto. Nos bastidores, a publicação do seu livro ganhava fôlego.

4.5 "Perante o tribunal do público": lançamento e recepção do *Dolentes*

Às 8 horas da noite, do dia 28 de setembro de 1897, véspera do segundo ano da morte de Lívio Barreto, seu livro foi lançado. No dia seguinte, *A República* noticiou que "[...] foi grande o concurso de pessoas, amantes das boas lettras que assistiram a distribuição dos *Dolentes* anciosamente esperado pelo publico, que considera Lívio Barretto em linha dos

[333] LIVIO Barreto. **O Pão**: da Padaria. Fortaleza, n. 25, ano 2, 01 out. 1895, p. 7.
[334] "Ideal" (nº. 27, de 15 de novembro); "Phases" (nº. 29, 1º de dezembro) e "O Sono do Coração", estampado no último número de 1895, nº. 30, de 15 de dezembro, sendo também o derradeiro poema do granjense no órgão.
[335] FIUZA, 2011, p. 91.

melhores poetas nortistas"[336]. Já na ata da sessão daquele dia, o primeiro forneiro satirizou os presentes: "[...] burgueses, deputados, comerciantes, industriais, agricultores, grande número de gentilíssimas senhoras que deram tanto brilho à sessão que quase dispensava-se o gás carbono"[337]. Assim se registrou a chegada do 10º livro da Biblioteca da Padaria Espiritual ao público, que teve um processo de publicação que perdurou 4 anos, com diversos entreveros no percurso, entre eles, a morte do próprio autor.

O lançamento ocorreu na casa de Valdemiro Cavalcante, em Fortaleza, conterrâneo granjense que fundou o primeiro jornal da geração dos letrados da Granja, *Ensaio* (1881). O anfitrião pertenceu à segunda fase da Padaria Espiritual e gozou de grande prestígio nos últimos anos da instituição, substituindo Antônio Sales na função de primeiro-forneiro, após a mudança do líder da agremiação para o Rio de Janeiro, em 1897. Cavalcante tomou como missão levar a público o livro do também padeiro granjense, muito antes daquela noite, como demonstra a carta-pedido do autor, em 02 de outubro de 1894:

> O meu livro não tem prólogo e não tenho bem a quem me dirigir pedindo-o, senão a V., que pode com franqueza dizer o que ele vale; assim peço-lhe que continue a sua penitência apresentando esse pobre defeituoso à vida que o espera. A mim e a ele honrará sobremaneira quaisquer palavras que haja de escrever em suas primeiras páginas. Creia que tenho andado bastante impressionado depois que V. tomou a peito a ímproba tarefa de fazer comparecer perante o tribunal do Público o pobre rimador granjense!
> A minha ambição de autor satisfaz-se de antemão com qualquer juízo que lhe dispensem, mas a minha amizade ressente-se, meu caro doutor, de que o seu generoso intuito não seja coroado como V. em sua confiança o deseja.
> Adeus. Abraça-o o
> amigo e admirador
>
> Lívio Barreto[338]

O autor revela que Cavalcante o incentivou a publicar o volume, fato que o teria deixado "bastante impressionado". Aceitando a provocação, acreditou não existir alguém mais apropriado para apresentá-lo do que aquele incentivador. Quando se identificou na despedida da carta, o poeta se nomeou como amigo e admirador, as duas dimensões que justificou, no corpo da missiva, o pedido do prefácio. Para demonstrar a tal admiração ao "caro doutor", escreveu que qualquer palavra dita sobre a obra o satisfaria; enquanto para ressaltar a amizade, advertiu que aquela relação poderia ser prejudicada, depois dele submeter o amigo ao pedido, por se valer de um sentimento e não proporcionar retorno esperado.

---

[336] PADARIA Espiritual. **A Republica**, Fortaleza, ano 7, n. 220, 29 set. 1897, p. 1.
[337] AZEVEDO, 2015, p. 91.
[338] BARRETO, 2009, p. 238.

Modestamente insinuando que o valor da obra valeria menos que a relação entre ambos, um risco à amizade intelectual e afetiva existente.

Contradizendo o argumento do amigo, Valdemiro Cavalcante não teve motivos para achar que se decepcionaria ao aceitar a missão. Antes da obra estar pronta, seu autor já era publicamente elogiado e na imprensa se ventilavam as potencialidades do volume. Ao contrário de se sentir desapontado, Cavalcante escreveu que se viu pretensioso ao assumir a tarefa do preâmbulo, esclarecendo os motivos e recorrendo a amizade como defesa: "Para justificar a audácia do incompetente que fala, fazendo sombra à luz que do livro se espaneja, devo confessar ao público que não tomaria sobre mim o encargo de prefaciar este livro se não tivesse de obedecer à imposição da amizade"[339].

A falsa modéstia era um recurso repetido nas aberturas de obras dos letrados cearenses naquele período[340], os textos traziam uma pretensa humildade do prefaciador diante da tarefa e suposta qualidade da produção, exaltando a obra e o autor. Exagerando na intenção de comprovar que não estava se apoderando de uma função, Cavalcante reproduziu a carta-pedido de Lívio no próprio prefácio, atribuindo à amizade o instrumento de coação feita sobre si, não só para fazer a apresentação como a publicação, "foi cedendo a essa modesta solicitação de amizade fraternal, que me prendia a Lívio, que resolvi publicar o seu livro [...]"[341].

A bem da verdade, Valdemiro Cavalcante estava se reafirmando como letrado ao fazer aquele gesto. Marcado como um jornalista e homem da política, o granjense tinha publicado trabalhos de pouca relevância no campo literário. *Dolentes* levaria seu nome na apresentação, respaldando um par, que já não era um qualquer em vida, e ficou mais relevante após a morte. Mais de uma vez seu texto para o livro foi motivo de apreciação nas sessões da Padaria, no lançamento, "foi lido entre aplausos o prefácio do *Dolentes*, obra de Ivan [...]"[342]. Além disso, foi para Valdemiro Cavalcante que Barreto dedicou "Cravos Brancos", um conjunto de poemas à parte, destacado no final da coletânea. Definitivamente, o jornalista estava prestigiado no volume, a publicação e sucesso do livro respingaria nele de forma inequívoca.

---

[339] CAVALCANTE, 2009, p. 238.
[340] Sobre a produção livreira na Fortaleza do final do século XIX, *Cf*. LIMA, Rafaela Gomes. **Os Livros na Fortaleza Oitocentista:** Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900) Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico de História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.
[341] CAVALCANTE, *Op. cit*.
[342] AZEVEDO, 2015, p. 91.

Ao longo de pelo menos três anos, Barreto encaminhou poemas soltos e versões do manuscrito à Cavalcante, tanto que a obra já tinha um conjunto coeso pronto um ano antes da morte do autor. Contudo, infortúnios arrastaram a produção do livro e não deram ao poeta a oportunidade de manusear uma cópia impressa.

Em 1893, a existência do livro era propagada na imprensa da capital do país: "[...] Livio Barreto, outro poeta futuroso, annuncia-nos o seu proximo apparecimento na arena litteraria com um brilhante volume de bons versos."[343], destacou o jornal *A Capital*. Em fevereiro de 1894, o *Correio da Tarde*, também do Rio de Janeiro, anunciou que "Livio trabalha ardentemente num livro intitulado *À Toa*"[344], publicando junto à notícia o soneto "Lágrimas". Naquele mesmo ano, Barreto fez o pedido do prefácio ao amigo, e a Padaria Espiritual se organizou financeiramente para fazer o acréscimo da obra à sua Biblioteca. Na fornada de 19 de outubro de 1894, foram oferecidos autógrafos para publicação e a turma sugeriu a substituição do título. Estava quase pronto para seu lançamento em 1895, menos um intermediário do produto impresso: a tipografia.

A editora Cunha Ferro e Cia., responsável pela Tipografia Universal, principal firma que imprimia os livros da Padaria Espiritual e alguns do Centro Literário, apresentou dificuldades em entregar a encomenda. A situação se arrastou por anos e prazos foram estabelecidos e descumpridos.

Na última carta que se conhece de Lívio Barreto, em 11 de setembro de 1895, o poeta fala com esperança da publicação do livro e dos planos que tinha para ele:

> Li o artigo do Waldemiro sobre os Dolentes. Sou-lhe imensamente grato pelas bondosas phrazes que disse a meu respeito.
> Deus queira que ao te escrever ella ja o livro tenha definitivamente entrado para o prelo e que o Cunha Ferro, cumpra a sua palavra dando-o em novembro.
> Aqui para estes bairros (?) do centro tenho muita encomenda pois, graças a Deus, ha muita gente que deseja conhecer o livro do Livinho.[345]

Como se sabe, o prazo foi descumprido, "[...] Lívio morreu na vespera do dia em que deveria entrar para o prêlo o seu livro de versos - Dolentes!"[346], lamentaram os padeiros em *O Pão*. A morte do autor não pressionou a Cunha Ferro & Cia. a entregar a encomenda, não feita em 1895, nem no ano seguinte.

---

[343] ANNO Litterario. **A Capital**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 110, 24 mai. 1893, p. 2.
[344] CORREIO DA TARDE. Rio de Janeiro, ano 2, n. 135, 20 fev. 1894, p.1.
[345] Carta de Lívio Barreto a Ulisses Bezerra, em 11 de setembro de 1895, grifo do autor.
[346] LIVIO Barreto. **O Pão**: da Padaria Espiritual. Fortaleza, ano 2, n. 25, 01 out. 1895, p. 7.

Mais que de repente, *A República*, em 12 de agosto de 1896, surpreendeu quem aguardava a obra com uma notícia:

> Os srs. Cunha Ferro & Cª conhecidos impressores desta capital, imprimiram hontem a ultima forma do primoroso livro de Livio Barreto, o inditoso moço tão precocemente roubado às letras patrias, aquelle que talvez mais tenha contribuido para o brilhantissimo da grande arte em plagas natalicias.
> Os "Dolentes" serão prefaciados pelo dr. Waldemiro Cavalcante, da Padaria Espiritual, e dentro em breve será destribuido.
> Esperamol-o cheios de viva anciedade.[347]

A informação se comprovou ser falsa. Desconhece-se a autoria da nota e as razões da sua publicação, talvez a própria Padaria tentando pressionar publicamente a tipografia a entregar a remessa, ou, quem sabe, fizesse parte de uma estratégia de recuperação da imagem da instituição. Três dias após a publicação daquela notícia, *O Pão* também anunciou o advento da obra, "[...]tem a sahir do prélo nestes dias os *Dolentes*, de Lívio Barretto [...]"[348], em um texto que respondia à insinuação de que a agremiação estava em decadência. A Padaria estava tentando passar a ideia que estava produzindo muito, citando os lançamentos de livros no último semestre e o retorno da circulação do jornal, o aparecimento da obra vinha em bom momento, provando que a instituição estava longe de fechar as portas. O que se concretizou foi o fim do jornal *O Pão,* deixando de circular antes mesmo do advento do livro. Um ano após essas notas serem implantadas na imprensa, o aparecimento do *Dolentes* ainda era incerto.

Em carta de julho de 1897, Sabino Batista, informando sobre a situação da agremiação a Antônio Sales, que residia no Rio de Janeiro, descreveu o descaso com a obra do poeta morto, "os Dolentes do Livio ainda não estão promptos. O Walde já deu o prologo mas o Cunha tem massado de um modo horrivel. Imagina que elle agora foi que deu a 2ª prova da 1ª impressão do prologo. Creio que só lá para o fim do mez o livro ficará prompto."[349]. Mas em carta do mês seguinte, Sabino ainda descrevia a situação como indefinida, dizendo ser Valdemiro Cavalcante o mais afetado pelo atraso: "Os Dolentes continuam no mesmo pé. O Cunha Ferro prometendo dar hoje e dar amanhã e nós a suportar-lhe a caceteação. O Walde anda furioso com elle"[350].

Enfim, no mês seguinte, a encomenda foi entregue.

---

[347] DOLENTES. **A República**, Fortaleza, ano 5, n. 182, 12 ago. 1896, p. 1.
[348] RECADOS. **O Pão**: da Padaria Espiritual, Fortaleza, ano 3, n. 33, 15 set. 1896, p. 5.
[349] Carta de Sabino Batista a Moacyr Jurema (Antônio Sales), Fortaleza, 05 de julho de 1897, grifo do autor.
[350] Carta de Sabino Batista a Moacyr Jurema (Antônio Sales), Fortaleza, 09 de agosto de 1897, grifo do autor.

A Padaria Espiritual acompanhava de perto o processo de publicação das obras dos padeiros, desde o início da escrita, da entrega dos originais à chegada do livro nos pontos de venda[351]. A publicação de obras era um objetivo das agremiações literárias, fundamental instrumento de divulgação dos membros e de suas produções, assim como o jornal. O *Dolentes* conseguiu vir a público vencendo algumas adversidades, em que talvez a que pese mais seja o declínio da própria instituição que o publicou. A fornada de lançamento do livro foi a última sessão lavrada em ata no ano 1897, e aquele livro de atas só retornaria a ser usado em dezembro de 1898, para de vez, registrarem-no o último forno.

Mas na noite de lançamento do *Dolentes*, como nos melhores momentos da Padaria, seus membros conseguiram reunir, ao redor da obra e do nome do poeta, uma relevante casta social e intelectual de Fortaleza. Lívio Barreto não era um completo desconhecido, nem no círculo fortalezense e nem fora dele. Ganhou notoriedade no encalço da Padaria, muito por seu talento literário e boas críticas advindas dele, notado por meio das produções publicadas na imprensa. A reputação que o poeta já gozava, junto à comoção da sua precoce morte, colaborou para uma boa recepção da obra por parte da crítica.

Na falta do jornal da agremiação, que deixou de circular no ano anterior, *A República* foi o principal veículo de propaganda do livro. Embora nesse período somente os padeiros granjenses, Valdemiro Cavalcante e Artur Teófilo, colaborassem no periódico[352], mesmo assim o órgão estampava anúncios de vendas do livro, críticas sobre a obra e replicava textos elogiosos de outros veículos, geralmente da imprensa das províncias do norte e da capital do país. No mesmo número que deu a notícia do lançamento do livro, o jornal fez uma nota sobre os dois anos de morte do poeta, em que profetizava o sucesso de sua obra, "[...] legando as lettras um bellissimo livro cujos versos consagrados pela critica, hão de perpetuar o seu nome nas paginas da litteratura nacional."[353], e o periódico se empenhou em contribuir com o porvir.

A primeira crítica foi publicada pouco menos de um mês do lançamento. Adolfo Silveira, jornalista de Viçosa, encaminhou suas impressões sobre o livro do seu conhecido, que saíram na edição de 27 de novembro[354]. Os confrades e familiares usaram a estratégia de enviar exemplares para letrados e redações amigas, a fim de propagarem a obra. Assim como

---

[351] LIMA, Rafaela Gomes. **Os Livros na Fortaleza Oitocentista:** Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900). Dissertação ao Programa de Mestrado Acadêmico de História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014, p. 100.

[352] Segundo o que relatou Sabino Batista, em carta a Antônio Sales, a 22 de agosto de 1897: "A excepção de Walde e Arthur nenhum outro padeiro collabora para a Republica".

[353] 29 DE SETEMBRO. **A Republica**, Fortaleza, ano 7, n. 220, 29 set. 1897, p. 1.

[354] SILVEIRA, Adolfo. Dolentes. **A Republica**, Fortaleza, ano 7, n. 269, 27 nov. 1897, p. 4.

fez Melo Rezende, que entregou um exemplar na redação d'*O Rio Negro*, em Manaus[355], rendendo uma crítica positiva, reproduzida depois nas páginas do *A Republica*[356]. O jornal cearense também repetiu a crítica do periódico carioca *O País*, que além dos elogios à produção de Barreto, destacou seu apresentador: "os bellos versos de Livio Barretto são prefaciados pelo dr. Waldemiro Cavalcanti, que nas lides da imprensa e das lettras tem mostrado uma vocação admiravel"[357].

Apesar da exaltação do talento de Barreto, a grande maioria das críticas trazia uma complacência à qualidade dos versos, proveniente da morte precoce do autor. Os textos lamentavam e justificavam as falhas do volume a pouca idade do granjense, demonstrando uma expectativa de que ele teria desenvolvido o talento, caso tivesse vivido mais. Esses reparos ao talento do poeta eram o máximo de negativo que *A Republica* se propunha a transcrever em suas colunas. Críticas como a do *A Notícia*, periódico do Rio de Janeiro, não foram repercutidas no jornal cearense, textos que levantavam dúvidas sobre o talento do poeta ou desvalorizavam a coletânea:

> [...]
> Tivesse sido o seu livrinho coordenado com mais espirito de selecção, maior severidade para com a grande cópia de producções fracas ou infelizes ou incorrectas, que lhe prejudicam a unidade de estylo e de valor litterario, e estaria hoje a *Padaria* cearense apparelhada para mostrar uma formosa e preciosa joia do seu escrinio, a mais formosa e preciosa talvez.
> Ah! mais é este o erro em que incorre a maior parte dos nossos estréantes, de, n'uma prodigilidade oriental, esbanjarem pelas columnas da imprensa diaria, em poesia e prosa facil e descuidadamente trabalhadas, o ouro valioso do seu talento artistico, e um bello dia todo essa amalgama estamparem em livro, quanto mais profuso melhor…
> Como se tanta cousa réles que figura em volume não tivesse sido já sufficientemente honrada como ser estampada acima de uma nota policial ou sob um consto de nomeação secundaria…
> [...][358]

No entanto, se *A Republica* não divulgava críticas desfavoráveis ao *Dolentes*, o jornal abriu espaço para responder a uma delas, que criticou não necessariamente a obra em si, mas o prefácio e o texto biográfico que Valdemiro Cavalcante anexou a ela, feito por Artur Teófilo. Na edição de 26 de novembro de 1897, o jornal emprestou suas páginas a Teófilo para que ele respondesse a um crítico paraense:

---

[355] DOLENTES. **A Republica**, Fortaleza, ano 7, n. 268, 26 nov. 1897, p. 1.
[356] DOLENTES. **A Republica**, Fortaleza, ano 7, n. 275, 04 dez. 1897, p. 1.
[357] DOLENTES. **A Republica**, Fortaleza, ano 7, n. 277, 07 dez. 1897, p. 4.
[358] SOBRE a mesa. **A Notícia**, Rio de Janeiro, ano 293, n. 04, 05 dez. 1897, p. 3.

> O sr. Vasco Abreu iniciou n'*A Provincia do Pará* uma serie de artigos criticos sobre o livro *Dolentes* de Livio Barretto, e iniciou-a contra o prefacio e com uma furia pouco compativel com a correcção e decencia reclamadas pelo officio.
>
> O dr. Waldemiro Cavalcanti e eu fomos no primeiro artigo da serie atacados da maneira mais brutal e incivil, só porque no prefacio em questão não desvendamos aos olhos do leitor isso a que o critico paraense cathedraticamente chama a *psychologia* do poéta.
>
> [...][359]

Os dois amigos foram acusados de não terem feito uma análise técnica sobre a obra, o que Teófilo explica, da sua parte, não ter escrito aquele texto para compor um prefácio, estando sob forte emoção na concepção da peça:

> Antes de entrar na refutação dos conceitos externados pelo meu critico, devo uma explicação a quem me lê: - o meu artigo sobre Livio Barretto, intercalado no prefacio do *Dolentes*, não foi escripto para servir de prologo a este livro. Escrevi-o para *O Pão* na commemoração que à memoria do confrade extincto prestou a *Padaria Espiritual*, e escrevi-o ainda com a alma a sangrar, pungido de saudade pelo camarada leal e companheiro da infancia, tão cedo arrebatado à vida, à minha amizade e à admiração de quantos comprehenderam a elevação do seu fecundo talento, a grandeza do seu éstro incomparavel, a extravagante e bisarra sensibilidade artistica de sua obra. Só accidentalmente o meu pobre e desataviado artigo - feito mais de reminiscencias e evocações do que mesmo de dados biographicos - veio a servir no prefacio do livro, e adquerir por isso popularidade que não alcançaria jamais desacompanhado da formosissima obra poetica de Barretto.
>
> [...][360]

Artur Teófilo deixou um dos mais importantes relatos da vida de Barreto, testemunho de quem nasceu no mesmo quinhão, interior do município de Granja, e acompanhou a vida do amigo em detalhes, sabendo de datas e diferentes eventos. Tinham os dois uma amizade próxima e íntima, e foi essa aproximação que alegou ao defender a obra do conterrâneo:

> [...]
> Demais - fique isto consignado - nem o dr. Waldemiro Cavalcanti nem eu podiamos escrever a critica da obra de Barretto: seriamos talvez injustos si a tentassemos, sendo seus amigos intimos, e tendo pelo poéta patricio mais que adoração - verdadeira idolatria.
> Quer o critico do *Dolentes* uma demonstração dessa provavel parcialidade?
> Pois bem: não há quem seja, em assumpto de arte do verso, mais exigente do que eu; um rithmo defeituoso, ou uma censura errada, uma rima forçada, um adjetivo mal soante, - qualquer pequenino defeito, emfim, exerce sobre os meus nervos de impressionista a influencia de um choque electrico.
> Entretanto, os alexandrinos de Livio Barretto, feitos sem cesura e sem os preceitos de metrica, são para mim de uma belleza incomparavel![361]

---

[359] DOLENTES. **A Republica**. Fortaleza, ano 7, n. 268, 26 nov. 1897, p. 1.
[360] *Ibidem.*
[361] TEOFILO, Artur. A um critico. **A Republica**, ano 7, n. 268, 26 nov. 1897, p. 1.

A obstinação de Artur, em defender a obra de Lívio Barreto, relegou em segundo plano uma pretensa demonstração de expertise. Não há conhecimento de uma defesa tão aguerrida quanto aquela à obra do poeta por outro confrade. O poema dedicado no livro a Artur tinha como título uma exclamação: "Oh! Deixa-me chorar!", escrito em Camocim, em junho de 1894, ano em que Teófilo deixou Granja e foi morar em Fortaleza. Nos versos do poema, a voz do eu-lírico pede para deixá-lo chorar, na letargia do desalento, "[...] Procuro ansioso a paz, o esquecimento;/Dormem meus sonhos pálidos e inertes;"[362]. Ao contrário do que pedia aquela voz, Teófilo foi um dos grandes responsáveis por não deixar a vida e obra de Lívio Barreto cair no esquecimento, seu texto biográfico serve de base para qualquer estudo sobre o poeta.

Isso contribuiu para que Artur Teófilo tivesse a memória da sua vida literária atrelada a do amigo poeta, "era um dos intimos do mallogrado poeta Lívio Barreto, e bello ornamento da "Padaria Espiritual"[363], identificou-o Rodrigues de Carvalho em seu artigo *O Ceará Literário* [364] . Valdemiro Cavalcante também fez a mesma associação: "Arthur Theophilo era natural do município de Granja, do mesmo recanto onde nasceu Livio Barreto, o inditoso poeta dos "Dolentes" e bebeu as mesmas auras que bafejaram a existencia do infeliz inspirado das Musas."[365]

Após sair de Viçosa e retornar à Granja, Artur e o amigo, então padeiro Lívio, reencontram-se na redação do *Jornal da Granja* (1894). Contato importante para sua introdução no seio da Padaria Espiritual naquele mesmo ano. Em 15 de novembro de 1894, a sessão da agremiação foi interrompida por um:

> [...] bichinho magro, empambado e roufenho [que] sacou do bolso um calhamaço de tiras que entregou a Ivan d'Azof. Era Lopo de Mendoza (ex-Arthur Teófilo) que presenteava a Padaria com o primeiro capítulo de um seu livro mais que inédito - pagão[366]

Era a entrada do terceiro padeiro granjense na Instituição através da mão de Valdemiro Cavalcante.

Após a morte do amigo por tuberculose, a bordo do vapor Cabral, Valdemiro Cavalcante fez vir a público um texto em sua homenagem, que não ficou tão célebre quanto

---

[362] BARRETO, 2009, p. 99.
[363] CARVALHO, Rodrigues. O Ceará Litterario: n'estes ultimos dez annos. **Revista da Academia de Letras do Ceará**, Fortaleza, v. 4, p. 170-212, 1899.
[364] CARVALHO, 1899, p. 194.
[365] CAVALCANTE, Valdemiro. A arte e a morte. **Revista do Brazil**, São Paulo, n. 09, ano 11, 1899, p. 349.
[366] AZEVEDO, 2015, p. 56.

aquele que o contista tinha escrito a respeito de Lívio Barreto. Quando morreu, na manhã de 02 de agosto de 1899, não existiam mais a Padaria Espiritual e seu jornal, já não poderia repercutir tanto quanto teria sido nos tempos áureos da agremiação. Intitulado de "A arte e a morte", em duas páginas na *Revista do Brazil*, seu *post mortem* era carregado de promessas de relembranças, dados biográficos e lisonjas ao seu talento; da dolência de quem tinha perdido um amigo de infância e companheiro de letras.

Aquele esquecido artigo é o testemunho do último padeiro da Granja a sobreviver, que viveu, assim como os outros dois, o mundo intelectual da pequena cidade e da futura metrópole. O ato de Cavalcante revela o entrosamento de três granjenses com um revolucionário movimento da cultura cearense, Lívio Barreto cofundou a Padaria Espiritual e esteve em sua primeira fornada, já Artur e Valdemiro, presentes em sua última sessão, encerraram-na. Dado a discursos não solicitados, foi Valdemiro o menino que pediu a fala para agradecer os empenhos do curso noturno do Gabinete para a educação da Granja, nos idos de 1881. Anos depois, retomou a discursos não solicitados para falar sobre os amigos mortos. Assim, é possível dizer que Cavalcante escreveu um prefácio para Barreto e um epílogo para Teófilo, averbando sentimentos de quem viu o início e o ocaso do grupo de letrados à ribeira do Coreaú.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta narrativa procurou explanar como uma coletividade, engendrada por mudanças sociais e urbanas numa cidade, tornou-se um fenômeno histórico mais abrangente. A fim de auxiliar uma compreensão analítica, indicou-se o termo descritivo "Geração da escola do Gabinete", posto ter sido originada a partir de movimentos que giravam em torno do Gabinete Granjense de Leitura e seu curso noturno. Ainda que, como toda definição, incitem questões a serem problematizadas futuramente.

Aquela geração foi essencial à gênese da imprensa no Vale do Coreaú e Serra da Ibiapaba, formando, posteriormente, um circuito maior de intelectuais no norte cearense, na franca expansão do impresso na região. Os letrados organizaram estratégias de produção, formaram uma rede de comunicação e constituíram um espaço público de debate e iniciação à literatura e jornalismo.

O grupo da Granja deu suporte a projetos individuais de seus atores, que se introduziram e protagonizaram em outros estratos sociais, impactando o momento histórico. Esses agentes se incluírem na ascensão política e econômica de uma nova elite, e construíram

imagens que influenciaram o pensamento social. Além disso, a rede se entrecruzou com outras redes, como os *Novos do Ceará*, e no seio da Padaria Espiritual, influíram de tal maneira que tornou Granja a cidade do interior com mais padeiros oriundos dentro da instituição.

Considera-se neste trabalho, aqueles sujeitos enquanto um grupo social distinto, que não só se mantiveram unidos ao produzir cultura como permearam suas relações sociais de afetos. Para isso, a amizade se tornou o fio com o qual a investigação histórica se conduziu, pois o exercício dessa relação é percebido ainda no letramento do grupo, dando início a ele, aparecendo nas produções escritas, nas publicações, perpassando o amadurecimento pessoal, intelectual e coletivo, mantendo a unidade e subsidiando o ingresso em outros circuitos.

Ao percorrer o desdobramento do processo de publicação livro *Dolentes*, compreende-se as forças que se impingiram sobre seu advento, atuações de colegas de infância e confrades padeiros. A obra é colocada nesta pesquisa como um signo da dimensão do grupo da Granja, além de seu principal testemunho. A coletânea de poemas chegou ao prelo graças aos esforços dos conterrâneos granjenses, envolvidos em sua divulgação e consagração pública, uma articulação das sensibilidades ao campo político, que salvaram do desaparecimento a obra máxima do Simbolismo cearense[367].

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Elair G.; GOUVEIA, José Eloísio Maramaldo. *A Quem Devemos a Vida*. Fortaleza: [s.n.], 2002.

ATHAYDE, Austregésilo. Pequenos quadros da infância. **O Cruzeiro**, Vana Verba, Rio de Janeiro, n. 52, out. 1959.

AZEVEDO, Sânzio de (org.). **Atlas da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

AZEVEDO, Sânzio de. Lívio Barreto e o Verso Humorístico. *In*: **Revista da Academia Cearense de Letras**, ano 86, n. 40, 1979.

AZEVEDO, Sânzio. **A Padaria Espiritual** (1892-1898). Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970.

BAPTISTA. Sabino. **Floccos**. Fortaleza: Padaria Espiritual/Typ. Universal, 1894.

[367] Classificação dada por Sânzio de Azevedo. Ver: AZEVEDO, 1970.

BARBALHO, Alexandre. **Lívio Xavier**: Política e Cultura, um breve ensaio biográfico. Fortaleza: A CASA/Expressão Gráfica e Editora, 2003.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. LIMA, Jorge Luiz Ferreira. História, imprensa e redes de comunicação. **História e Perspectivas**, Uberlândia (39): 37-57, jul. dez. 2008. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19188. Acesso em: 08 jan. 2022.

BARRETO, Lívio. **Dolentes**. Fortaleza: Padaria Espiritual, 1897.

BARRETO, Lívio. **Dolentes**. 3. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BARROS, José D'Assunção. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos (On-line), v. 9, n.1, p. 125-141, 2005. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422 Acesso em: 31 dez. 2022.

BRASIL, Tomás Pompeu de Souza. *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*. Fac-símile da edição publicada em 1863, tomo 1. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

CARDOSO, Gleudson Passos. "**Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos**": Produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

CARDOSO, Gleudson Passos. **As Repúblicas das Letras Cearenses**: Literatura, Imprensa e Política (1873 – 1904). 2000. 198f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

CARDOSO, Gleudson Passos. Padaria Espiritual e a "República do povo". *In*: **Padaria Espiritual***:* vários olhares. CARDOSO, G. P.; PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador**: "Luzes", seca e abolicionismo em Fortaleza (1873-1904). Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2016.

CARVALHO, Rodrigues. O Ceará Litterario: n'estes ultimos dez annos. **Revista da Academia de Letras do Ceará**, Fortaleza, v. 4, p. 170-212. 1899.

CASCUDO. Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Global, 2001.

CASTRO, José Liberal de. Arquitetura no Ceará: o século XIX e algumas antecedências. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, t. 128, p. 9-68, 2014.

CAVALCANTE, Valdemiro. A arte e a morte. **Revista do Brazil**, São Paulo, n. 09, ano 11, 1899.

CEARÁ. *Falla com que o exm. sr. dr. José Julio de Albuquerque Barros, presidente da provincia do Ceará:* abriu a 1ª. sessão da 25ª legislatura da Assembleia Provincial. Fortaleza: Tipologia Brasileira, 1880.

CEARÁ. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Ceará na sessão ordinaria de 1881*: pelo Presidente da Provincia Senador Pedro Leão Velloso. Fortaleza: Typ. do Cearense, 1881.

CEARÁ. *Relatório apresentado a Assemblea Provincial do Ceará na sessão ordinaria de 1882*: pelo Presidente da Provincia Dr. Sancho de Barros Pimentel. Fortaleza: Typ. do Cearense, 1882.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

CHAVES, Osvaldo Carneiro. **Exíguas**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador [Entrevista concedida a] Laurent Vida. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/r9NFysm5mn9PBz9yVzTdvbJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 02 jan. 2023.

CORONEL Luiz Felipe de Oliveira. **Almanaque do Estado do Ceará- 1943**, Fortaleza: Editora Fortaleza, 1942, p 54 -56.

COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e Cultura das Elites Sobralenses*: 1880-1930. Fortaleza: Secult, 2011.

CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 35, p. 253-270, ago/dez. 2007. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221. Acesso em: 31 dez. 2022.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CUNHA, M. T. Santos. Eu te dedico: História, educação e sensibilidades nas dedicatórias de livros de um professor catarinense (1940-1980). *Revista História Da Educação, 24*. 2020, p. 11. Disponível em https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/97920. Acesso em: 21 nov. 2022.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Copiar para homenagear, guardar para lembrar: cultura escolar em álbuns de poesias e recordações. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Câmara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. Um inspetor da polícia organiza seus arquivos: a anatomia da República das Letras. *In*: DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986, cap. 4, p. 191-240.

DELMAS, Ana Carolina Galante. "Do mais fiel e humilde vassalo":as dedicatórias impressas para os monarcas D.João VI e Dona Carlota Joaquina no Brasil. XXIV Simpósio Nacional de História/ ANPUH/ UNISINOS (São Leopoldo/RS), 2007.Disponível em https://anpuh.org.br/uploads/anaissimposios/pdf/201901/1548210412_e8fa8309ff177fe18cdeedb883b36f4f.pdf Acesso em: 21 nov. 2022.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, 1 v.

ESTRADA de Ferro do Sobral. [18--?]. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional Digital 1 mapa, 100 x 66cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart511696/cart511696.jpg. Acesso em: 22 jan. 2023. Acesso em: 22 jan. 2023.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. **O Historiador e Suas Fontes**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61 – 92.

FIUZA, Regina Pamplona. **O Pão…da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Expressão e Gráfica Editora, 2011.

FONTENELE, A. B. **Almanack do Municipio de Granja**. Tip. A Comarca: Granja, 1928.

FONTENELE, A. Batista. **A Marcha do Tempo**: os Fontenele. 2. ed. rev. Fortaleza: SENAI/CE, 2001.

GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Imprensa universitária do Ceará, 2000.

GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939.

GOMES, Ângela de Castro. A Título de Prólogo. *In*: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES, Adelaide. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará**, de 1862 aos anos 1920. tese. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2001.

GONÇALVES, Adelaide; LIMA, Rafaela. **Phenix Caixeiral**: história de uma biblioteca. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2021.

GONDRA, José Gonçalves. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. v. 16, Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

IONTA, Marilda Aparecida. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade**. 2004. Tese (Doutorado em História).Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

JUCÁ NETO, Clovis. Primórdio da rede urbana cearense. **Mercator**, v. 8, p. 77-102, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2691. Acesso em 10 out. 2022.

LIMA, Jorge Luiz Ferreira. **Cultura letrada e caminhos da memória**: intelectuais, leitura, imprensa e memória na Zona Norte do Ceará (1870-1890, 1907-1932, 1984-2003). 2018. 262f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018.

LIMA, Jorge Luiz Ferreira. **Entre caminhos e lugares do livro:** gabinetes de leitura na região norte do Ceará (1877-1919). 2011, 210f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2011.

LIMA, Rafaela Gomes. **Os Livros na Fortaleza Oitocentista:** Edição e Recepção das Obras Literárias Locais (1890-1900) Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico de História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LYON-CAEN, Judith. O "eu" e o barômetro da alma. *In*: CORBIN, Alain (dir.), **História das emoções**: das Luzes até o final do século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

MAGALHÃES, Pedro. **Réstias de Sonho**: poesias. Granja: [*s*. *n*.], 1994.

MAGALHÃES, Pedro; DUTRA, Lira (orgs.). **Lira Granjense**: jornal literário. Granja: IJX/Tecnograf, 2014.

MARTINS, Vicente. Noticia Historico-Chorographica da Comarca de Granja. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, tomo XXV, p. 171- 200, 1911.

MARTINS, Vicente. Noticia Historico-Chorographica da Comarca de Granja (continuação do nº anterior). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, tomo XXVI, p. 317-60, 1912.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte agrário e o império**: 1871-1889. Brasília: INL, 1984, p. 220.

MENEZES, Antônio Bezerra de. *Notas de Viagem* (parte do norte). Fortaleza: Typ. Economica, 1889.

MENEZES, Antônio Bezerra. **Notas de Viagem** (parte do norte). Fortaleza: Typ. Economica, 1889.

MIRANDA, Ubatuba de. A imprensa no Norte do Estado. *In*: **Almanaque do Ceará - 1956**. Fortaleza: Tip. Royal, 1956.

MOACYR, P. **A Instrução e as Províncias**: subsídios para a História da Educação no Brasil – 1834 a 1889. Volume I, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MORGA, Antonio Emilio. Masculinidade em Nossa Senhora do Desterro e Manaós: territórios e ardis. *In*: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 222·

MOTA, Victor Hugo. **As Marcas da Terra**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1993.

NASCIMENTO, José Clewton do. **(Re) descobriram o Ceará? Representações dos sítios históricos de Icó e Sobral**: entre areal e patrimônio nacional. Salvador: EDUFBA: PPGAU, 2013.

NOBRE, G. S. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.

OLIVEIRA, André Frota de. **A Estrada de Ferro de Sobral.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 1994.

OLIVEIRA, André Frota de. **Quadros da História de Granja no Século XIX**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1996.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PASSOS, E. "Viva Deus e a Pátria!": José Eleutério da Silva, um ufanista na imprensa cearense do século XIX. *In*: **Anais Eletrônico do XIII Encontro Estadual de História:** História e mídias: narrativas em disputas. Recife: ANPUH-PE, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **History of Education Journal**, v. 7, n. 14, p. 31-45, 2003. Disponível em: https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560. Acesso em: 20 nov. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatay. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. *In:* PESAVENTO, S. J.; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RAMA, Ángel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Boitempo, 2015.
SÁ, Antônio Evarista da. **Lívio Barreto**: o poeta do luar e da paixão. Rio de Janeiro: IJX, 2009.

SÁ, Luis. *Miragens*. Granja: Secretaria de Cultura de Granja, [s.d.].

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. *In*: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 245 – 266.

SANTOS, Carlos Augusto dos. **Cidade Vermelha**. A militância comunista de Camocim-Ce (1927-1950). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS. 2000.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Entre o Porto e a Estação**. Fortaleza: INESP, 2014.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. **Casa e balcão**: os caixeiros de Salvador (1890-1930). Salvador: EDUFBA, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. *In*: REMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 232 – 253.

SOUSA, Margarida Maria Rocha de. **Sobre vidas**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

STUDART, Barão de. **Para a História do Jornalismo Cearense 1824 -1924**. Typ. Moderna: Fortaleza, 1924.

STUDART, Guilherme. **Dicionário BioBibliográfico Cearense.** volumes: I, II e III, edição fac-simile. Fortaleza: Iris; Secult, 2012.

THEOPHILO, Rodolfo. **O Caixeiro**: reminiscências. Edição fac-similer. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

VASCONCELOS, Abner de. **Perfil de Educador**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1955.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade:** uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

XAVIER FILHO, **Carvalho Motta**: capitalista e governador. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2010.

XAVIER FILHO, J. Apresentação. *In*: MAGALHÃES, Pedro (org.). *Novos poetas granjenses.* Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

XAVIER FILHO, José. **Ignácio Xavier & Cia**. Granja: IJX, 2008.

XAVIER, Lívio. *Infância na Granja.* São Paulo: Massao Ohno Editor, 1974.

XIMENES, Haroldo. **Origem e Evolução de Granja**. Fortaleza: IGRANOL, 1996.

APÊNDICE A – ARQUIVOS CONSULTADOS E FONTES MANUSEADAS

Arquivo do Instituto José Xavier (IJX), particular, Granja (CE)

- Álbum do Luiz Felipe de Oliveira, "5 de fevereiro de 1890 - *Nunca mais*". Arquivo do Instituto José Xavier (IJX), Granja (CE).

- Poema manuscrito "Morte d'A Luz", assinado por Lucas Bizarro (pseudônimo de Lívio Barreto), sem data e localização. Caixa Lívio Barreto. Arquivo do Instituto José Xavier (IJX), Granja (CE).

- Poema manuscrito "P.S.", assinado por Lucas Bizarro (pseudônimo de Lívio Barreto), sem data e localização. Caixa Lívio Barreto. Arquivo do Instituto José Xavier (IJX), Granja (CE).

Arquivo Particular de Francisco das Chagas Gonçalves. Granja (CE)

- Caderno pessoal de José Joaquim de Carvalho, transcrito por Francisco das Chagas Gonçalves. Cópia datilografada.

Centro de Documentação e Memória (CEDEM), da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

- Carta de Lívio Barreto a Ulisses Bezerra, Granja (CE), 18 ago. 1893. CEDEM, Caixa 14, Pasta 01, Doc 036. Fundo Lívio Xavier (FLX). Acessado através do endereço: https://sistemas.unesp.br/cedem/publico/material.pesquisar.action

- Carta de Lívio Barreto a Ulisses Bezerra, de Camocim (CE), 21 fev. 1895. CEDEM, Caixa 14, Pasta 01, Doc 036. Fundo Lívio Xavier (FLX). Acessado através do endereço: https://sistemas.unesp.br/cedem/publico/material.pesquisar.action

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro (RJ)

- Carta de Lucas Bizarro (Lívio Barreto) a Moacyr Jurema (Antônio Sales), de Granja (CE), 20 jul. 1892. Cp 035. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Antônio Sales

- Carta de Lívio Barreto a Ulisses Bezerra. S.l., 11 set. 1895. 4 fls. Ct 003. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Antônio Sales.

- Carta de Sabino Batista a Moacyr Jurema (Antônio Sales), Fortaleza, 05 jul. 1897. Cp 038. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Antônio Sales.

- Carta de Sabino Batista a Moacyr Jurema (Antônio Sales), Fortaleza, 09 ago. 1897. Cp 038. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Antônio Sales.

- Carta de Sabino Batista a Moacyr Jurema (Antônio Sales), Fortaleza, 22 ago. 1897. Cp 038. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Antônio Sales.

Arquivo do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará

Jornal *A Luz*, Granja (n. 14, 22 mai. 1892)

Arquivo da Hemeroteca Digital Brasileira – Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital)

Jornal *A Capital*, Rio de Janeiro-RJ (1893);

Jornal *A Cidade*, Sobral-CE (1901-1902);

Jornal *A Luz*, Granja –CE (1892);

Jornal *A Noticia*, Rio de Janeiro-RJ (1897);

Jornal *A Ordem*, Sobral-CE (1925);

Jornal *A Reforma*, Granja-CE (1894);

Jornal *A República*, Fortaleza-CE (1892-1894);

Jornal *A Semana*, Rio de Janeiro-RJ (1895);

Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literario do Estado do Ceará, Fortaleza-CE (1896; 1900).

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Imperio do Brazil, Rio de Janeiro-RJ (1885).

Jornal *Cearense*, Fortaleza-CE (1880 a 1891);

Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro-RJ (1934);

Jornal *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro-RJ (1894);

Jornal *Diário Carioca*, Rio de Janeiro-RJ (1934);

Jornal *Diário do Maranhão*, São Luiz-MA (1891);

Jornal *Gazeta do Norte*, Fortaleza-CE (1880-1892);

Jornal *Granjense* (1881-1882);

Jornal do Ceará, Fortaleza-CE (1910).

Jornal *Libertador*, Fortaleza-CE (1881-1892);

Jornal *O Batel*, Granja -CE (1892);

Jornal *O Pão*: *da Padaria Espiritual*, Fortaleza -CE (1892; 1895 – 1896);

Jornal *O Sertanejo*, Santana do Coreaú-CE (1888);

Jornal *Pedro II*, Fortaleza - CE (1840-1889);

Arquivo Câmara Municipal de Granja.

- Livro de Termo de Juramento dos Empregados e Autoridades da Câmara Municipal da Granja, de 09 de janeiro de 1882 a 20 de dezembro de 1894.

Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC)

- Lista de Eleitores das Eleições Estaduais e Municipais para o ano de 1898. Câmara Municipal de Granja. Caixa 44, Fundo: Câmaras Municipais, correspondências expedidas (1871-1921).

- Relação de obras públicas situadas dentro do perímetro da demarcação efetuada para cobrança da décima urbana da cidade. Feita por Bruno Gomes de Melo. Câmara Municipal de Granja. Caixa 44, Fundo: Câmaras Municipais, correspondências expedidas (1871-1921).

- Relação dos prédios da cidade da Granja sito dentro da demarcação efetuada para cobrança do imposto da Décima Urbana, 1887. Câmara Municipal de Granja. Caixa 44, Fundo: Câmaras Municipais, correspondências expedidas (1871-1921).